

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, POLÍTICAS E
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

**O ENSINO EM AMBRÓSIO DE MILÃO: REFLEXÕES SEGUNDO A
OBRA “OS DEVERES DOS CLÉRIGOS”**

ESTER EMERICK NASCIMENTO

**MARINGÁ
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, POLÍTICAS E PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS**

**O ENSINO EM AMBRÓSIO DE MILÃO: REFLEXÕES SEGUNDO A OBRA “OS
DEVERES DOS CLÉRIGOS”**

Dissertação apresentada por ESTER EMERICK NASCIMENTO, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre(a) em Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação, Políticas e Práticas Pedagógicas

Orientadora:

Profa. Dra.: TEREZINHA OLIVEIRA

MARINGÁ
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação
(CIP)(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

N244e Nascimento, Ester Emerick
O ensino em Ambrósio de Milão: reflexões segundo a obra " Os deveres dos clérigos"
/ Ester Emerick Nascimento. -- Maringá, PR, 2024.
103 f. : figs.

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha Oliveira.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. História da educação. 2. Ambrósio, Santo, Bispo de Milão, 339 - 397. Os deveres dos clérigos. 3. Antiguidade tardia. I. Oliveira, Terezinha, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 23.ed. 370.1

ESTER EMERICK NASCIMENTO

**O ENSINO EM AMBRÓSIO DE MILÃO: REFLEXÕES SEGUNDO A OBRA “OS
DEVERES DOS CLÉRIGOS”**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Terezinha Oliveira (Orientadora) –
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof. Dr. Edson Arantes Junior – Universidade Estadual
de Goiás – UEG

Prof. Dr. Rafael Henrique Santin – Universidade
Estadual de Maringá – UEM

Profa. Dra. Laís Boveto – Universidade Estadual de
Maringá – UEM

Profa. Dra. Maria Simone Novak – Universidade
Estadual do Paraná – UNESPAR

Maringá, 27 de maio de 2024

Dedico este trabalho aos educadores que buscam a transformação.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desta dissertação não seria possível caso não houvesse a participação de algumas pessoas e instituições.

Agradeço a minha mãe: Cecília Miriam Emerick Nascimento, que me ensinou as letras e os números. Agradeço ao meu pai: Manoel José do Nascimento que sempre lutou para que os filhos tivessem acesso à escola.

Agradeço à minha professora do primeiro ano primário por ter letrado e alfabetizado com tanta competência e apresentado a mim meu primeiro livro de literatura infantil *Lúcia já vou indo*, que jamais esquecerei.

Agradeço à minha tia e professora do segundo ano primário, Nicéa Santos Emerich de Almeida, por ser a primeira pessoa a incentivar a pesquisa por intermédio da confecção do caderno de *Plantas medicinais* que possuo até hoje.

Agradeço aos professores e servidores da minha primeira Escola Estadual Dr. Antenor Pamphilo dos Santos, Iporã-PR, por conservá-la limpa, agradável e com uma biblioteca que para mim era imensa e que até o quarto ano primário foi meu espaço de imaginação.

Agradeço a minha amiga Paula Mayara Gonçalves da Rocha pelo apoio, pela ajuda nas horas mais improváveis, pela escuta e pela leitura detalhada da dissertação.

Agradeço a minha prima e irmã Adriana Emerick, pelo tempo, pelas conversas e paciência em nossos cafés da vida.

Agradeço a irmã que a vida me deu: Melisa Bucci Tomio. Gosto muito do termo em inglês *sister in law*, que é o que você representa tão bem em nossa família. Obrigada pelo apoio, pelo incentivo e por lembrar da minha capacidade que eu, muitas vezes, duvidei ter.

Agradeço aos meus filhos: Jullian Emerick Santos e Claire Emerick Santos por existirem e fazerem de mim uma pessoa melhor.

Agradeço a Universidade Estadual de Maringá (UEM), seus professores e servidores. A equipe de servidores da Biblioteca Central da UEM (BCE). Vocês contribuíram para minha jornada acadêmica de forma espetacular!

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) e aos professores das disciplinas do Mestrado. Este programa é excepcional!

Agradeço a banca examinadora: Profa. Dra. Terezinha Oliveira (Orientadora) – UEM; Prof. Dr. Edson Arantes Junior – UEG – Goiânia; Prof. Dr. Rafael Henrique Santin – UEM; Profa. Dra. Laís Boveto – UEM; Profa. Dra. Maria Simone Novak – UNESPAR, por ter aceito o convite e desempenhado seu papel com tanta seriedade e respeito.

Agradeço aos amigos do grupo de Iniciação Científica (PIC/PIBIC) e aos amigos do Grupo Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade (GTSEAM) pelas nossas leituras e discussões conjuntas que foram fundamentais para a realização desta pesquisa.

Por último, como destaque, agradeço à minha orientadora, a Profa. Dra. Terezinha Oliveira. Você é um marco em minha existência. Desde o primeiro dia de aula, no curso de graduação em Pedagogia pela UEM, você apresentou o conceito de educação por meio da História e da Filosofia de uma forma que jamais será esquecida e que mudou a maneira que passei a enxergar a vida.

Nós, que nos empenhamos pela educação humanística do princípio último da dignidade da vida, somos desbravadores capazes de ultrapassar quaisquer adversidades e de resolutamente construir o futuro da “maior de todas as alegrias” tanto de si como das demais pessoas.

(Daisaku Ikeda)

NASCIMENTO, Ester Emerick. **O ENSINO EM AMBRÓSIO DE MILÃO: REFLEXÕES SEGUNDO A OBRA “OS DEVERES DOS CLÉRIGOS”**. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Terezinha Oliveira. Maringá, 2024.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi a análise do livro I do Tratado de Ambrósio de Milão (339-397) denominado: *Os deveres dos clérigos*, composto por 97 páginas, divididas em 50 capítulos e 268 parágrafos. O Tratado, em sua primeira versão, foi escrito em latim e é conhecido como *De officiis ministrorum*. A obra contém três livros e utilizamos em nossa pesquisa a versão em inglês *On the duties of the clergy*, traduzida por Philip Schaff (1893). Elegemos o primeiro livro porque nele o autor divide os deveres entre ordinários e perfeitos, tratando-os como elementares, principalmente, em relação aos pais e aos mais velhos como sinal de respeito por parte da comunidade eclesial. É importante frisar que o autor fez uma distinção entre os apetites da alma e a razão, fazendo deferência entre as regras e os exemplos a serem seguidos para que existisse uma postura digna, distinguida por intermédio do exercício das virtudes cardeais: prudência, justiça, coragem e moderação, dos ministros: presbíteros e diáconos, perante a comunidade. No século IV, os bispos representavam as comunidades, em cada espaço que se encontravam: Milão, Roma, Alexandria; de maneira que atuavam como juizes de paz, ministros de sacramentos, apresentavam sermões, redigiam cartas teológicas, tratados e eram atores políticos. Neste sentido, a importância de Ambrósio de Milão como bispo, conhecido por sua retórica e capacidade de governabilidade, ao escrever o Tratado *Os deveres dos clérigos* representa a existência de um projeto educativo para os homens da Antiguidade Tardia, revelando a preocupação do cristianismo para com a profissão da fé e a manutenção de uma *ordo*. Outrossim, utilizamos da obra *Dos deveres*, de Cícero (106 a.C – 43 a.C), especificamente o Livro I, comparando-a ao Tratado de Ambrósio de Milão, exemplificando o significado de deveres para ambos autores. A pesquisa é de natureza bibliográfica e teve como fio condutor a discussão a respeito da História Social e longa duração. Dessa forma, distingue-se o passado/presente como um movimento dialético da história no qual o tempo é um elemento de fundamental importância, certificando que os indivíduos que compõem uma sociedade sentem-se compelidos a procurar no passado suas raízes, contemplando por meio deste gesto o desenvolvimento das sociedades, seus valores e instituições, resguardando o passado e o presente. Além disso, as percepções de mundo e a memória histórica permitiu que fizéssemos associações, pois nada é novo, apenas não tínhamos dado conta ainda, de um ou outro acontecimento cotidiano ou histórico. Portanto, as leituras e a dedicação à análise das nossas fontes permitiram a percepção da existência de um projeto de formação humana deixado por Ambrósio no livro I do seu Tratado.

Palavras-chave: Ambrósio de Milão. Intelectual. História da Educação. Antiguidade Tardia.

NASCIMENTO, Ester Emerick. **TEACHING IN AMBRÓSIO OF MILAN: REFLECTIONS ACCORDING TO THE WORK “ON THE DUTIES OF CLERGY”**. 103 p. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Supervisor: Terezinha Oliveira. Maringá, 2024.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the book I of the Treatise of Ambrose of Milan (339-397) named: *On the Duties of the Clergy*, consisting of 97 pages, divided into 50 chapters and 268 paragraphs. The treatise was written in Latin and is known as *De officiis ministrorum* in its first version. The work contains three books, and, in our research, we used the English version *On the Duties of the Clergy*, translated by Philip Schaff (1893). We chose the first book because in it the author divides the duties into ordinary and perfect, treating them as elementary, especially in relation to parents and elders as a sign of respect on the part of the ecclesial community. It is important to emphasize that the author made a distinction between the appetites of the soul and reason, making deference between the rules and examples to be followed so that there would be a dignified posture, distinguished through the exercise of the cardinal virtues: prudence, justice, courage, and moderation, of the ministers: presbyters and deacons before the community. In the fourth century, the bishops represented the communities in each place they were: Milan, Rome, Alexandria; so, they acted as justices of the peace, ministers of the sacraments, presented sermons, wrote theological letters, treaties, and were political actors. Thus, the importance of Ambrose of Milan as a bishop, known for his rhetoric and capacity to govern, in writing the treatise *On the Duties of the Clergy*, represents the existence of an educational project for the men of Late Antiquity, revealing Christianity's concern with the profession of faith and the maintenance of an *ordo*. Furthermore, we used the work *Of Duties*, by Cicero (106 BC – 43 BC), specifically Book I, comparing it to the Treatise of Ambrose of Milan, exemplifying the meaning of duties for both authors. The research is bibliographical in nature, and it is based on a discussion of social history and the long duration. So, the past/present is distinguished as a dialectical movement of history in which time is an element of fundamental importance. Certifying that the individuals who make up a society feel compelled to look for their roots in the past. In addition, perceptions of the world and historical memory allowed us to make associations, because nothing is new, we just had not realized the everyday or historical events yet. Therefore, the readings and the dedication to the analysis of our sources permitted us to perceive the existence of a human formation project left by Ambrose in book I of his Treatise.

Keywords: Ambrose of Milan. Intellectual. History of Education. Late Antiquity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. Objetivo da pesquisa.....	13
1.2. Trajetória de pesquisa.....	16
1.3. A Antiguidade Tardia.....	19
1.4. O Império Romano e o Cristianismo	21
1.5. Como ficaram divididas as sessões da dissertação.....	24
2. ANÁLISE DO LIVRO I DE AMBRÓSIO DE MILÃO SOBRE OS DEVERES DOS CLÉRIGOS.....	25
2.1. Um breve relato sobre os Pais da Igreja	25
2.2. Acontecimentos históricos e conceitos para a compreensão da análise do Livro I “Os deveres dos clérigos”	29
2.3. Biografia de Ambrósio de Milão e o sentido de ser bispo no século IV	32
2.4. Análise do Livro I de Ambrósio de Milão <i>Os deveres dos clérigos</i>	37
3. ANÁLISE DOS TRATADOS: DOS DEVERES DE CÍCERO E DOS DEVERES DOS CLÉRIGOS DE AMBRÓSIO DE MILÃO	56
3.1. Considerações sobre o tratado <i>Dos deveres</i> de Cícero e <i>Dos deveres dos clérigos</i> de Ambrósio	56
3.2. As semelhanças entre os Tratados de Cícero e Ambrósio de Milão.....	61
4. CONTEXTUALIZAÇÕES SOBRE O CARÁTER DE ENSINO DE AMBRÓSIO DE MILÃO.....	80
4.1. O tempo e o homem para Agostinho e as relações com o caráter de ensino em Ambrósio de Milão.....	80
4.2. Contextualização o ensino de Ambrósio de Milão com a <i>História Eclesiástica</i> de Eusébio de Cesareia	86
4.3. O que podemos apreender entre a obra de Clemente de Alexandria, <i>O Pedagogo</i> e o <i>Ofício dos clérigos</i> de Ambrósio de Milão	91
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
6. REFERÊNCIAS.....	99

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Império Romano no século IV	21
Figura 2 - Ambrósio de Milão.....	24

QUADROS

Quadro 1 - Resumo dos artigos pesquisados.....	17
Quadro 2 - Relação entre os personagens bíblicos e as virtudes no Tratado de Ambrósio	52

1. INTRODUÇÃO

1.1. Objetivo da pesquisa

O objetivo desta pesquisa é a análise do Livro I do Tratado de Ambrósio de Milão (339-397) denominado: *Os deveres dos clérigos*. O Tratado, em sua primeira versão, foi escrito em latim e é conhecido como *De officiis ministrorum*. A obra contém três livros e utilizamos em nossa pesquisa a versão em inglês *On the duties of the clergy*, traduzida por Philip Schaff (1893). Elegemos o primeiro livro porque nele o autor divide os deveres entre ordinários e perfeitos tratando-os como elementares principalmente em relação aos pais e aos mais velhos.

De acordo com o autor, o sentido de deveres está relacionado com o dever que Cristo deixou aos ministros da Igreja: o cuidado e a diligência para com o ensino das sagradas escrituras e, segundo ele, era o que mais queria: a capacidade de ensinar e aprender ao mesmo tempo (Ambrósio, LI, §3). Os ministros da Igreja, eram os bispos, presbíteros e diáconos. Os bispos precisavam ser pessoas de caráter ilibado e idôneo, eram escolhidos pela comunidade da Igreja. Já os presbíteros e diáconos eram escolhidos entre os mais velhos da comunidade e deveriam gozar de boa reputação perante os fiéis (Veyne, 2010; Mamedes, 2019).

O escritor do Tratado primava pelo fator dos ministros seguirem exemplos de bons modos. Ao longo da apresentação do Livro I, a questão ambrosiana da liderança ser parecida com os homens das sagradas escrituras aparece quando o autor pede aos ministros que sejam iguais a Davi no proceder do silêncio e da humildade (Ambrósio, LI, §21). Como Zacarias que cumpriu com seus deveres no templo (Ambrósio, LI, §25), ou, como Jó que aprendeu que a riqueza não era o que o aproximava de Deus e sim, a sabedoria e o temor (Ambrósio, LI, § 41 e § 44).

Esta preocupação com a atuação destes homens, principalmente no que diz respeito às condutas, é notada quando o autor faz uma distinção entre os apetites da alma (configurados por ele como o perigo de falar o que não deveria e a falta de humildade) e a razão. Aparece nos escritos uma deferência entre as regras e os exemplos a serem seguidos para que exista uma postura digna dos ministros perante a comunidade.

Nós devemos ser humildes, gentis, moderados, considerados, pacientes. Nós devemos manter a mediania em todas as coisas, pois desta forma nossa contenção e quietude no falar mostrará que não há

vícios em nossas vidas. Nós devemos manter nossa guarda contra a fúria, antes que ela apareça; e se ela surgir devemos procurar manter a calma, e se não conseguirmos manter a calma, ao menos mantenhemos nosso linguajar longe do abuso, desta maneira nossas paixões não serão como briga de meninos. (Ambrósio, L. I, § 89, tradução nossa)¹

Observamos que o autor demonstra as virtudes como meio para servir de exemplo. Assim, os ministros aprenderiam mediante a leitura deste Tratado os exemplos de liderança dos homens das escrituras sagradas e os veriam como modelo a ser seguido. Simultaneamente, nos faz pensar que a construção do discurso de Ambrósio de Milão está ligada ao uso de metáforas e alegorias² das escrituras sagradas. Além disso, os escritos do autor remetem à filosofia grega platônica, porque destaca as virtudes cardeais. Ao ressaltar os elementos: metáforas, alegorias e as virtudes platônicas, percebemos como pode alicerçar-se o ensino do homem cristão do século IV e a expansão do cristianismo.

A construção de sermões alegóricos, segundo Reale e Antiseri (2003), foi uma forma dos Pais da Igreja para lidar com a dificuldade dos cristãos em compreender a linguagem de que Cristo era semelhante ao aspecto ou aparência da espécie humana. Deve-se também às dúvidas em relação à criação humana e à chegada do Messias. Por isso, o uso de interpretações alegóricas abriu espaços para a reflexão teológica, moral e filosófica e Fílon de Alexandria (25 a.C. - 50 d.C.) foi base para muitos Padres da Igreja, inclusive Ambrósio, que se inspiraram por um longo tempo neste método alegórico de interpretação.

Fílon de Alexandria (25 a.C. - 50 d.C.) conhecido por criar a filosofia mosaica - fusão da filosofia grega e teologia mosaica³ - foi responsável pela *alegorese* um método que sustenta que a Bíblia tem um significado literal e um significado oculto. O

¹ We ought to be humble, gentle, mild, serious, patient. We must keep the mean in all things, so that a calm countenance and quiet speech may show that there is no vice in our lives. We must guard against anger, before it arises; if it has already arisen we must check and calm it, and if we cannot do this either, at least we should keep our tongue from abuse, so that our passions may be like boys' quarrels. (Ambrose, B. I, § 89).

² De acordo com Reale e Antiseri (2003), alegoria é uma imagem que representa um conceito de forma simbólica. Fílon de Alexandria (25 a.C - 50 d.C) foi quem aplicou este método sistemático de estudo das escrituras sagradas. De acordo com ele, os personagens bíblicos eram passíveis de serem interpretados filosoficamente utilizando-se de alegorias, sua chave de interpretação da Bíblia.

³ Entendemos, a partir de nossas leituras sobre Fílon de Alexandria, a teologia mosaica como um sincretismo religioso que aparece nas relações da comunidade judaica cristã que Filon está inserido, no pensamento intelectual destas comunidades, na universalização e promoção da fé judaica cristã. **Metavóia**. São João del-Rei, n. 5, p.55-80, jul. 2003. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/lable/revistametanoia_material_revisto/revista05/texto05_filondealexandria_tradicaofilo sofica.pdf. Acesso em 22 abril 2024.

significado oculto serviria para estabelecer, por intermédio de personagens e eventos bíblicos, símbolos que representassem a moralidade, espiritualidade e metafísica. O filósofo judeu extraiu de Platão (427 a.C. – 347 a.C.) que distingue “alma” e “corpo” no homem, uma concepção que delega uma terceira dimensão constituindo um ser bíblico. Este ser bíblico, teria corpo, alma-intelecto e Espírito proveniente de Deus. Dessa forma, a alma do homem seria corruptível, a menos que Deus desse à ele o Espírito divino. Sendo assim, a alma não seria imortal em si mesma, como para Platão, mas, poderia se tornar imortal à medida que vivesse numa dimensão divina e transcendente (Reale, Antiseri, 2003).

Além desta noção de alma e corpo inspirada na filosofia grega, que no cristianismo ganha um terceiro elemento e transcende espiritualmente, ser uma discussão presente nos autores da Patrística, uma outra discussão feita por Ambrósio remete às virtudes cardeais platônicas. No platonismo, de uma forma generalizada, a justa medida compõe a ideia de virtude sobre a moderação dos vícios e paixões. Desta maneira, a exaltação, a conservação das virtudes cardeais e da soberania divina sobre as vontades humanas, demonstram as características da profissão de fé do cristianismo no intuito de formação humana

No caso do Livro I a discussão da moderação será feita no sentido do cumprimento dos deveres dos ministros mediante o exercício de suas funções para com a comunidade eclesial: “A moderação deve ainda ser protegida em nossos próprios movimentos, gestos e andar. A condição da mente é frequentemente vista na atitude do corpo. Ambrósio, L I, § 71).” Isso porque, conforme a ideia ambrosiana, Deus se preocupa com a maneira que os homens demonstram sua misericórdia, nada escapando da soberania divina: “Mas o que pode ser mais tolo do que supor que alguma coisa escapa à atenção de Deus, quando o sol que fornece a luz entra até mesmo em locais escondidos, e a força do seu calor atinge as fundações de uma casa e seus cômodos internos? (Ambrósio, L I § 55).”

De acordo com Paul Veyne (2010), o cristianismo a partir de Constantino (272-337) deixa de ser um alvo de hostilidade e passa a ter o interesse das massas⁴:

⁴ O uso dos conceitos de massas e elite neste parágrafo vem da leitura de Paul Veyne, no livro *Quando nosso mundo se tornou cristão (312 -394)*. Na leitura que realizamos não encontramos uma referência direta de quem seria esta massa da população ou a elite. No entanto, pelas leituras gerais da história sobre o mundo antigo compreendemos que as massas podem ser por exemplo: comerciantes, camponeses e artesãos; e a elite seriam os aristocratas da época que formavam a elite política e social romana.

“Constantino fortificará um organismo completo, acionará uma formidável máquina que pouco a pouco irá enquadrar e cristianizar a massa da população e até mesmo enviar missionários aos povos estrangeiros (Veyne, 2010, p.27).” Além disso, adquire um status junto à elite, ao passo que para os eruditos ele representaria um grande problema religioso: “[...]conseguiu junto à elite o status de uma discutida vanguarda; para os eruditos, representava o grande problema religioso do século ou seu pior erro (Veyne, 2010, p.15).”

A inquietação daquele momento eram as grandes verdades e o destino da alma, por isso que o neoplatonismo foi apreciado entre os intelectuais. Ainda para este autor, o cristianismo passou a ocupar um grande espaço na opinião e nos debates públicos, que segundo ele daria pelo fato do cristianismo ser superior ao paganismo. O indivíduo passou a ter um estilo de vida que culminaria numa existência eterna, coisa que nem a filosofia e nem o paganismo ofereciam (Veyne, 2010).

1.2. Trajetória de pesquisa

Para chegar até aqui, fizemos uma trajetória que envolveu dois projetos de iniciação científica (PIC): *Uma reflexão acerca da concepção de homem nos sermões de Ambrósio de Milão*; *O envolvimento político-religioso de Ambrósio de Milão na concepção do cristianismo no século IV* e um trabalho de conclusão de curso (TCC): *Formação cristã no século IV: considerações sobre o pensamento político-religioso de Ambrósio de Milão*. As leituras permitiram observar, nos escritos de Ambrósio, a ideia do Divino presente em Cristo, segundo a doutrina cristã.

Alguns autores como Mattei(2018) e Nesterova (2012) denominaram esta ideia de cristocentrismo ambrosiano, ou seja, a doutrina da Trindade (trinadologia) e de Deus a encarnação (cristologia), que Ambrósio desenvolveu com apoio dos autores gregos e latinos (Nesterova, 2012). Dado que a teologia de Ambrósio foi construída em fundamentos gregos e latinos, há uma conexão histórica e filosófica que enfatiza seus pensamentos, dando influência sobre a teologia de Agostinho e sobre a governança dos imperadores romanos.

O caráter de pastor que Cristo possuía, descrito por Ambrósio, revelou-se como ensino ao Império, seus povos e seus governantes. Por outro lado, mesmo que o cristocentrismo histórico para Agostinho tivesse outro aspecto, a ideia de iluminação trazida pela palavra das escrituras associada a doutrina de experiência interna como

imagem perfeita e caminho, numa perspectiva ambrosiana, segundo o autor, contribuiu para que o bispo de Hipona compreendesse um Cristo que encarnou para o indivíduo e um Cristo que encarnou para o coletivo (Mattei, 2018).

Pesquisamos no *DOAJ*, no *Google Scholar*, *Scielo* e periódicos da *CAPES*, com os descritores: Ambrósio de Milão e *Ambrose of Milan* e encontramos: 19 artigos no *DOAJ* tratando a respeito da multietnicidade durante o período de Santo Ambrósio, sobre a simbologia do Paraíso por meio de metáforas que Ambrósio de Milão analisou entre Caim e Abel, teologia e experiência espiritual de Ambrósio, Pecado e Paraíso e sobre o livro *De Officiis* do próprio Ambrósio de Milão. Na *Scielo* encontramos 1 artigo que destacou o Concílio de Aquileia e a propagação da fé Nicena por meio dos escritos de Ambrósio. Nos periódicos da *CAPES*, identificamos 8 artigos que referiam a leitura silenciosa e oral na vida de Ambrósio de Milão, sobre o mosaico localizado na Basílica de Santo Ambrósio em Milão, Concílio de Aquileia, fé Nicena, unidade imperial nos tempos de Ambrósio e representação do discurso feminino nas obras de Ambrósio e no *Google Scholar* observamos 8 artigos sobre a fé Nicena, sacramentos do batismo, Mariologia, sobre as viúvas, penitência e os mistérios da vida de Cristo. No quadro a seguir, apresentaremos o resumo de artigos que dialogam com o nosso estudo em um marco temporal entre 2017 e 2022.

Quadro 1- Resumo dos artigos pesquisados

Ano	Autor(a)	Título	Resumo
2022	André Luiz Benedito; José Aguiar Nobre	Palavra de consolo e de fé: algumas Contribuições de Ambrósio de Milão para a homilética exequial.	O presente artigo aborda algumas contribuições do discurso fúnebre de Ambrósio de Milão para a homilia na celebração das exéquias. Valendo-se de uma pesquisa bibliográfica, iniciaremos o estudo abordando o Ritual das Exéquias, primeiramente, salientando o resgate da sua índole pascal para, em seguida, realçar os critérios de escolha dos textos bíblicos utilizados e as características da homilia. No segundo momento, após fazer um breve panorama da temática consolatória pagã e cristã, veremos os discursos fúnebres de Ambrósio, que não apenas se valiam do ato de confortar, mas também eram impregnados da doutrina cristã acerca da ressurreição. A partir desses dados, indagamos: qual a contribuição da pregação ambrosiana na preparação da homilia a ser proferida nas exéquias? Os resultados esperados demonstram que os discursos do bispo de Milão podem incrementar a pregação litúrgica na missão de proporcionar aos enlutados o consolo e a instrução da fé cristã na ressurreição Alma/SFX Local Collection DOAJ Directory of Open Access Journals Revista de cultura teológica (São Paulo, Brazil: 1992), 2022 (103), p.62-86.

2022	Janira Feliciano Pohlmann	Quando silenciar e por que ter amigos? uma análise do Tratado De Officciis de Ambrósio de Milão (Séc IV d.C)	No final do século IV d.C., Ambrósio, bispo de Milão (374-397 d.C.), foi um dos autores que empregou suas habilidades na proteção do cristianismo católico e na elaboração de comportamentos pertinentes aos cristãos católicos, inclusive aos clérigos. Neste artigo, investigo algumas das condutas que o milanês requeria destes clérigos. Tal análise tem como documento principal o tratado ambrosiano De officiis. Pergunto-me por que o autor exortou o público desta obra a permanecer em o silêncio e preservar a amizade? Para a análise proposta neste trabalho, considero que prática e teoria são inseparáveis na construção de modelos de conduta e que esta vinculação estava presente na obra ambrosiana. DOAJ Directory of Open Access Journals Heródoto: revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-Asiáticas, 2022, Vol.6 (2), p.107-123
2020	André Luiz Benedito	O Espírito Santo nos Sacramentos do batismo e da confirmação nas catequeses mistagógicas de Ambrósio de Milão	Este breve estudo tem como objetivo apresentar a ação do Espírito Santo nos sacramentos do batismo e da confirmação nas catequeses mistagógicas de Ambrósio de Milão. Ambos serão trabalhados sob dois aspectos. Em primeiro lugar, será apresentada a dimensão ritual, em que se procura demonstrar como Ambrósio aborda a ação do Espírito na celebração do respectivo sacramento. Em um segundo momento, discorre-se sobre o Espírito Santo em seu aspecto tipológico, isto é, a relação entre o sacramento e os eventos da história da salvação que o Bispo de Milão expõe aos seus catequizandos. Em meio a essa abordagem, também se constata a preocupação de Ambrósio em defender a ortodoxia perante as heresias que refutavam a divindade do Espírito Santo. Alma/SFX Local Collection DOAJ Directory of Open Access Journals Revista de cultura teológica (São Paulo, Brazil: 1992), 2020 (96), p.180-195.
2017	Janira Feliciano Pohlmann	Concílio de Aquileia de 381: propagação da fé nicena e da unidade imperial pela pena de Ambrósio, bispo de Milão	Neste artigo, detemos nossas análises nos argumentos elaborados por Ambrósio, bispo de Milão, para fortalecer a fé nicena imperial imediatamente após o Concílio de Aquileia, do ano de 381. Sugerimos que tais argumentos também sustentavam a unidade em torno da figura imperial. Para responder aos nossos questionamentos, examinamos três cartas redigidas por Ambrósio: Epistolae extra collectionem 4 (10), 5 (11) e 6 (12). Observamos que, embora todas essas cartas tenham sido encaminhadas aos três imperadores romanos - Graciano, Valentiniano II e Teodósio - o bispo dirigia-se especialmente a Graciano. Afinal, este era o imperador a quem o milanês se vinculava diretamente. Ambrósio almejava, nos territórios romano-ocidentais, uma sociedade cristã-nicena conduzida especialmente por Graciano, augusto que tinha sua sede em Milão. Uma proximidade que alimentou uma interessante aliança entre o poder temporal, encarnado em Graciano, e o poder espiritual administrado por Ambrósio.

Fonte: Portal de Periódicos Capes; Scielo (2023). Nota: os resumos foram copiados na íntegra.

Os resumos de artigos apontados no quadro acima, tem como ator principal a figura de Ambrósio de Milão. Basicamente, a discussão entre eles, tem como pano de fundo a confirmação da Doutrina da Trindade, a qual professa Deus como Pai, Cristo

como filho Divino e Encarnado e o Espírito Santo. No primeiro resumo, o autor escreve que os sermões proferidos nas cerimônias ou honras fúnebres; momento no qual a comunidade cristã homenageia seus mortos; deixam claro que Ambrósio de Milão além de prestar honra e consolar os fiéis, aproveita para reafirmar a doutrina cristã.

No segundo resumo, a autora faz uma análise da obra *Os deveres dos clérigos* e observa as preocupações ambrosianas com o ensino da doutrina cristã e determinados padrões de comportamento como o silêncio e a amizade. No terceiro resumo de artigo, o autor descreve como Ambrósio conduz os fiéis nas celebrações de cada rito, símbolo e gesto na abordagem sobre a ação do Espírito Santo. Assim, ele reafirma o ensino da Doutrina da Trindade. E por fim, no quarto e último resumo de artigo, a autora escreve a respeito da fé nicena - que seria o conjunto da doutrina do Pai, Filho Encarnado e Espírito Santo - e retrata a aliança temporal (Império) com o poder espiritual administrado pelo bispo de Milão. Estes trabalhos dialogam com esta dissertação no sentido que os quatro possuem Ambrósio de Milão como ator principal e trazem em seu cerne a discussão do ensino aos homens do século IV. Em nosso caso, os aspectos deste ensino serão refletidos quando descrevermos em nossos capítulos sobre as questões do silêncio, virtudes e deveres.

1.3. A Antiguidade Tardia

Nossa reflexão traz um autor que está inserido num período histórico conhecido como Antiguidade Tardia que compreende o período de transformações entre o século II e VIII, no qual Roma, a partir de um ambiente político, econômico, cultural e religioso preexistente (por meio da ascendência das culturas clássicas e helenísticas) sofre influência na formação de monarquias romano-bárbaras⁵. Frighetto (2012) observa que a antiguidade é algo que está relacionado na História com a conservação de hábitos, a prática e valores definidos como tradição. Para o autor, a palavra tradição é imanente ao passado, esse passado por sua vez pode ser muito próximo ou muito distante. Portanto, trabalhar com a antiguidade é o desafio de sempre analisar um tempo antigo no qual existe a possibilidade de aderir e validar certas ações políticas

⁵ Esta terminologia: monarquias romano-bárbaras, foi encontrada na discussão do historiador Renan Frighetto (2012). Este historiador descreve a Antiguidade Tardia como um período de profundas interações entre os romanos e os povos bárbaros (godos, visigodos, ostrogodos). Mudanças que envolveram trocas culturais, fazer política e guerras. Ao mesmo tempo que há uma decadência do Império Romano, gradativamente os reinos bárbaros, que já possuíam uma organização militar; política; diplomática, passam a agir de maneira colaborativa formando uma civilização romano-bárbara.

e sociais que ocorreram nestas sociedades antigas. Ao mesmo tempo, o autor define que é difícil categorizar a época que começa e termina numa data específica, embora seja um trabalho do historiador considerar as datações, segui-las de maneira fidedigna é árdua ou mesmo impossível.

Em virtude dessa dificuldade de fixação de data para o mundo antigo, é que se forjou o termo Antiguidade Tardia, pela historiografia alemã da primeira metade do século XX, a chamada *Spatäntike*, que ganhou forças principalmente pela coleção de biografias presentes na *História Augusta* redigida no século IV. O filólogo Johannes Straub (1912-1996), mediante estas fontes, procurou investigar a relação entre o passado clássico e o helenístico greco-romano com o que foi escrito e produzido a partir do século III, e mostrar a existência de uma tradição clássica e helenística consolidada e sempre reassimilada. A tradição da Antiguidade Tardia também foi estudada pelo historiador Arnaldo Momigliano (1908-1987) que revelou a legitimação dos poderes imperial romano tardio e das monarquias romano-bárbaras. Outra característica da Antiguidade Tardia é a utilização das informações do paganismo por parte de autores cristãos, apresentado pelo historiador francês Henri Irineé Marrou (1904-1977) (Frighetto, 2012).

Encontramos também os trabalhos de Peter Brown (1935-), historiador irlandês, considerado um dos maiores defensores do conceito de Antiguidade Tardia, dando relevância aos seus trabalhos sobre o papel e função do homem santo na sociedade mediterrânea neste período. Depois, temos historiadores como o italiano Salvatore Pricoco (1927-), que também estuda na mesma linha de Brown. Os estudos sobre a linha espaço-temporal de Jean-Michel Carrié (1943-) que entende que as concepções ideológicas representadas pelo pensamento neoplatônico e cristão transformaram as ideias clássicas e helenísticas, porém mantiveram as características clássicas e helenísticas, que afirmaram e transformaram o pensamento antigo tardio.

De acordo com Frighetto (2012), é importante compreender primeiro que: o conceito de Império e Reino que se cunhou ao longo da Antiguidade Tardia faz parte de um cenário político-religioso com a intenção de demonstrar que os mesmos eram portadores e receptores de poderes concedidos. Ou seja, neste conjunto os poderes tinham a intenção de deixar claro que assim como os padres da Igreja, os imperadores também seriam escolhidos por Deus. Para o autor, a ideia é congruente, pois do ponto de vista que os poderes teriam características ascendentes e descendentes, de um

lado estaria o poder concedido pela aristocracia imperial romana e de outro lado, o poder dado pela benevolência do sagrado, seja de deuses pagãos ou do deus cristão.

Vale destacar também, outra ideia de Frighetto, nos escritos dos pensadores cristãos: é que a partir do século IV em diante, o cristianismo aponta como elemento ideológico para atingir uma unidade política. Desta forma, existir como cristão no mundo tem uma implicação de *status* civilizatório, reafirmando a pertença política, social, econômica, cultural e religiosa na sociedade antigo tarda.

É neste contexto que se encontra Ambrósio de Milão, que usou de forma didática e pedagógica sua figura pública, para oferecer à sociedade um modelo de homem a ser seguido. Seus sermões influenciaram ações dos homens que, por conseguinte, modificaram suas vivências sociais.

1.4. O Império Romano e o Cristianismo

Na história do Império Romano (fig. 1), o cristianismo é apontado como religião oficial durante o governo de Constantino que, como senhor do Império, decidiu criar uma segunda capital, Bizâncio, que se tornou uma rota estratégica entre a Ásia e o Ocidente, evitando um longo trajeto marítimo. Desta forma, o eixo do Império não passaria mais por Roma. Cogita-se que por uma compensação o imperador tenha doado o palácio de Laterani, pertencente a sua família, ao bispo de Roma, tornando a cidade a capital dos cristãos (Grimal, 1993).

Figura 1 - Mapa do Império Romano no século IV



Fonte: World History (2009)⁶

⁶ O mapa está disponível no link: <https://www.worldhistory.org/map/337/41.013/14.232/10800/>. Acesso em: 6 out. 2023

Compreendemos, também, que por uma necessidade de proteger suas fronteiras, constantemente atacadas por terra e mar, o Império Romano se reorganizou com a escolha da nova capital e concluiu um tratado de aliança com o povo Godo.

Para Le Goff (2005), o povo romano era conservador, com um sistema de direito baseado na experiência dos precedentes e evitavam as inovações e o Estado romano funcionava como garantia do funcionamento das instituições. No entanto, a acolhida aos bárbaros como aliados de fronteira - que a princípio deveria funcionar como instrumento de conservação e estabilidade - alterou de maneira significativa esta dinâmica do Estado romano.

De acordo com Le Goff (2005), o cristianismo teria agido como um falso aliado que utilizou o Estado romano como um instrumento para se firmar sem se fechar no limite de uma dada civilização. Como exemplo disto, temos a reunião em Nicéia em 325, um concílio ecumênico que decidiu a favor do dogma segundo o qual o Filho foi gerado e não criado, com divindade e existência própria (ambas naturezas, divinas e humanas habitando a mesma pessoa). No concílio de Nicéia, organizado por Constantino I (272-337), houve o reconhecimento da estrutura organizacional dos bispos de Alexandria, Antioquia e Roma o que evidenciou que, em termos institucionais, a Igreja se aproximou mais das características organizacionais do Estado tardo romano em relação, particularmente, ao seu caráter hierarquizado (Grimal, 1993).

A Igreja estava caracterizada pela moral que defendia e o desprezo pelos prazeres deste mundo, os gostos mais severos pela renúncia, era por excelência a religião dos pobres, das crianças, dos humildes, dos pobres de espírito e de bens. Além disso, mantinha uma simpatia secreta pelos bárbaros e respondia às aspirações e necessidades dos mesmos; tornou-se a professora natural dos povos que convertia. Com efeito, o poder da Igreja reinou sobre a ordem social e espiritual na Antiguidade por ser estável. Embora o Império e a Igreja fossem instituições distintas, alinhavam-se em determinados momentos para o bem comum (Guizot, 1992).

O Estado está subordinado à Igreja: sob o ponto de vista moral, na própria ordem cronológica, a Igreja precede o Estado; a Igreja é a primeira sociedade, superior, eterna; a sociedade civil é apenas uma consequência, uma aplicação das suas máximas; é ao poder espiritual que cabe a soberania; o poder temporal deve ser somente seu instrumento (Guizot, 1992, p. 7).

A função dos bispos despontou por meio de uma sociedade religiosa com interesses espirituais sobre os interesses terrenos, definindo o destino do homem cristão. Cada vez mais, a modéstia dos bispos foi substituída por uma maior confiança em relação ao governo dos imperadores que estava em decadência (Guizot, 1992).

Percebemos no discurso de Ambrósio esta preocupação de que sua comunidade e o grupo contra o qual ele escrevia, desenvolvessem virtudes e abandonassem a luxúria mundana por intermédio da penitência e alcançassem a graça divina. Todo o movimento do autor corroborando ao interesse maior, a consolidação do cristianismo. Ressaltamos, assim, que na Antiguidade Tardia é possível observar o poder se constituindo nas mãos do clero, que os poderes imperiais e religiosos estão ligados reciprocamente. Neste sentido, constatamos que a Igreja serve de mediadora entre povos bárbaros e romanos no sentido do ensino, de ser a professora destes povos para a continuidade de um projeto de humanidade.

Segundo Peter Brown (1972), o mundo romano do século IV foi sombreado por grandes modificações religiosas e culturais e viveu um momento de riqueza e estabilidade diferente do período clássico romano⁷ marcado por conquistas territoriais, criação de cidades, dentre outros acontecimentos. Como historiador, Brown (1972), discorre que uma das maiores características desta sociedade foi a diferença entre ricos e pobres. Têm-se uma aristocracia muito rica, as residências são mais opulentas, formadas também por famílias de novos aristocratas com fortes raízes locais e com muita influência na corte. Foi por esta altura que os aristocratas romanos começaram a trocar o fórum, as praças públicas pelos subúrbios e vizinhanças construindo *villas* e palácios.

No que diz respeito à religião, a ideia de conversão está relacionada com a ideia de revelação e o homem de Deus, o santo, exerce uma figura de poder, um amigo de Cristo. Desta forma, o pensamento helenístico passa a se desvanecer, dando lugar ao cristianismo como doutrina e, posteriormente, como filosofia⁸. Além

⁷ O período clássico romano é caracterizado pela continuidade dos conhecimentos produzidos pelos gregos, ou seja, a difusão dos valores culturais gregos na região mediterrânea; por outro lado soma-se às ações de dominação de povos e territórios.

⁸ A diferença entre doutrina cristã e filosofia cristã reside no fato da primeira preocupar-se com a interpretação das escrituras sagradas para a formação didática e pastoral dos cristãos; e a segunda, preocupar-se com provar a existência de Deus por meio da ciência.

disso, o cristianismo no século IV se torna, pela primeira vez, a religião do Império, mediante o Edito de Tessalônica⁹ de 380, promulgado por Teodósio I.

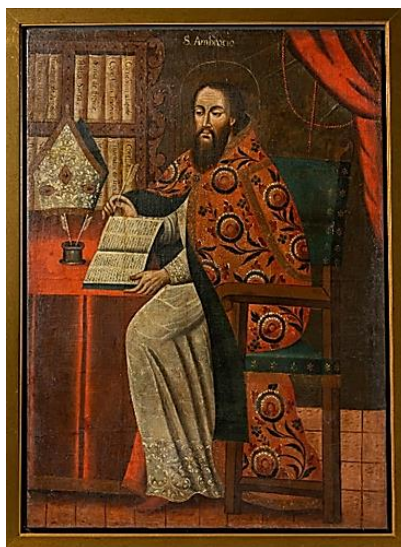
1.5. Como ficaram divididas as sessões da dissertação

Ambrósio de Milão (339-397) representado na figura abaixo (fig.2). A imagem é do Museu Boulieu, trata-se de uma pintura religiosa do século XVIII, denominada como Santo Ambrósio, sem autoria identificada e produzida na América do Sul.

O bispo representa na história do século quarto, as questões e inquietações sobre o destino da alma e das grandes verdades. Um momento no qual o cristianismo ocupa um grande lugar na opinião e nos debates públicos. Paul Veyne (2010), cita Etienne Gilson (1884-1978), historiador e filósofo francês, que neste período os cristãos buscariam no *ethos* do cristianismo se solidificar para escapar das angústias futuras. “Essa segurança interior era acessível a todos, eruditos e analfabetos, (Veyne, 2010, p.16)”.

Percebemos então, que neste ambiente onde se constrói uma visão sobre a vida eterna e uma religião se impõe como um novo sentimento, Ambrósio escreve aos seus fiéis.

Figura 2 - Ambrósio de Milão



Fonte: Museu Boulieu (Século XVIII)¹⁰

⁹ Promulgado em 24 de novembro de 380 d. C. Nele os imperadores Graciano (359-383), Valentiniano II (371-392) e Teodósio I (347-395) decretam o cristianismo como religião oficial.

¹⁰ A imagem está disponível neste link: https://museuboulieu.org.br/museu-boulieu/santo-ambrosio-2/#gid=tainacan-item-gallery-block_id-tainacan-item-attachments_id-6279&pid=2. Acesso em: 6 out. 2023

O objetivo desta pesquisa de cunho dissertativo é refletir sobre a importância histórica de Ambrósio de Milão e trazer uma análise do Tratado do seu Livro I sobre o *Os deveres dos Clérigos*. Consideraremos em nossa discussão, no capítulo 2 a atenção que o autor dispensa a importância do silêncio, das virtudes, dos deveres e do ensino aos clérigos e neste mesmo capítulo trataremos a discussão sobre a nossa fonte.

No capítulo 3 faremos uma comparação entre as obras *Dos Deveres*, de Cícero (106 a.C.- 43 a.C.) e o Livro I, do tratado *Dos deveres dos Clérigos* identificando as relações existentes entre os autores, principalmente, o que cada um dos autores trataram a respeito do que é virtude e dever.

Em seguida, no capítulo 4 traçaremos relações entre Agostinho, sua noção de tempo e o caráter de ensino em Ambrósio de Milão. Ademais, propusemos uma contextualização do que escreve o bispo milanês com a *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesareia (270–339/340) referindo-se ao que o autor escreve a respeito de Orígenes (185-253) e Ambrósio de Milão (339-397). Num último momento, refletiremos sobre a obra de Clemente de Alexandria (?-215) *O Pedagogo* e suas possíveis relações com o ensino de Ambrósio de Milão.

2. ANÁLISE DO LIVRO I DE AMBRÓSIO DE MILÃO SOBRE OS DEVERES DOS CLÉRIGOS

2.1. Um breve relato sobre os Pais da Igreja

Segundo Berthold Altaner (1885-1964), Patrologia é uma ciência teológica que estuda os escritores da antiguidade cristã que foram acolhidos pela Igreja e deram testemunho de sua doutrina. O nome Patrologia foi usado pela primeira vez por um teólogo luterano Johann Gerhard (1582-1637) e o termo serviu para indicar até o século XIX a produção da escolástica, porém conforme a difusão do mundo cristão e greco-romano passou a ser considerado como um período mais específico, a Patrologia foi restringida à antiguidade (Altaner, 1956).

A antiguidade foi um período no qual os Pais da Igreja foram estimulados a escrever sobre os problemas dogmáticos e a história eclesial. Nele, encontram-se os importantes textos litúrgicos, as atas dos Concílios, cartas dos mártires, vida dos

santos, regras monásticas, símbolos sacramentais e os escritos de caráter literário que pertenciam à esfera histórica da Igreja (Altaner, 1956).

Patrística e Patrologia, muitas vezes, coincidem. A primeira é conhecida por estudar os dogmas teológicos e, a segunda por estudar os Pais da Igreja, que compuseram estes dogmas. A Patrística estuda de forma aprofundada as fontes ministradas da história da liturgia e dos Concílios. A Patrologia expõe a importância biográfica e as atividades literárias dos Padres da Igreja, (Altaner, 1956).

O nome padre é de origem eclesiástica e significa a expressão do amor e da veneração das comunidades cristãs por seus bispos e doutores. Na catequese, o catecúmeno que enxergava o catequista como uma autoridade espiritual o chamava de pai, por sua vez, o catequista lhe chamava de filho. A denominação de Pais da Igreja está ligada aos doutores da Igreja, ou seja, aos homens da Eclésia e aos homens eruditos. A autoridade destes padres não se limitava a sua importância de produção literária, mas, principalmente ao fato deles seguirem a tradição da doutrina eclesiástica. A doutrina desses homens da Igreja seria a representação do consenso que a Igreja zelava pela fé e este era um fundamento unânime (Altaner, 1956).

Por outro lado, além de representar a Igreja, o ensino dos Pais da Igreja ficou gravado na historiografia geral e principalmente na greco-romana, pois, eles foram formados na escola de antiguidade clássica:

A língua dos cristãos foi em primeiro lugar grega, falada em todo o oriente e também em Roma e na Itália, na África e no sul da França, pelo menos entre a classe culta. Esta língua, dado seu desenvolvimento, sua riqueza de vocabulário e formas, constituiu o modo mais adequado para dar significado às ideias do próprio cristianismo (Altaner, 1956, p.34).

De acordo com Nunes (2018), o cristianismo apresenta em si uma maneira de pensar que contempla o surgimento da vida e o fim dela. Na Antiguidade Tardia, os padres da Igreja tratam da manutenção desta fé e aproveitam dos éditos imperiais¹¹ para perseguir os hereges e defender a doutrina da Trindade. No entanto, quem eram

¹¹ Os éditos eram disposições gerais emanadas pelo imperador decorrente do seu *ius edicendi* (o direito de publicar). Quando era promulgado pelo imperador, valia aos cidadãos e aos súditos, a todo Império. Eram emitidos em primeira pessoa e indicavam a autoridade do imperador. Quando procedia do imperador, o édito determinava normas gerais e abstratas dirigidas a todos magistrados, funcionários e súditos. A princípio, os éditos tiveram vigência somente durante a vida do imperador que o expedia. Porém, com o tempo eles passaram a vigorar indefinidamente, a não ser que tivessem sido promulgados por um imperador de memória condenada. NETO, Helmut S. O Edito de Milão e o princípio da liberdade religiosa. **Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo**, p. 160-183, 2011. Disponível em: <https://revistas.direitosbc.br> > article > download PDF. Acesso em: 24 abril 2024.

estes padres da Igreja? O apóstolo Paulo, judeu helenizado, deu bases para a transmissão do cristianismo na língua grega, que em sua época era muito difundida entre comerciantes e diplomatas. Foi mediante esta linguagem que o cristianismo se espalhou no Oriente e nas grandes cidades do Ocidente.

Entretanto, por volta de 150 d.C., o latim começou a substituir o grego como língua predominante. De forma lenta, as escrituras sagradas foram traduzidas para o latim, que por sua vez, se tornou a língua oficial da Igreja ocidental. Ao mesmo tempo, no Oriente, o siríaco, o copta e o armênio tornaram-se a língua dos cristãos e substituiu o grego, então houve uma divisão: chamava-se de Padres Gregos os escritores que escreveram suas obras em grego e Padres Latinos os que escreveram em latim. Os padres da Igreja com o tempo ficaram divididos entre as Igrejas das cidades de Antioquia e Alexandria (oriente) e as Igrejas das cidades de Roma e Cartago (Ocidente), este seria o período conhecido como Patrística.

Segundo Nunes, a filosofia deste período estaria mais ligada a Platão, porque para os padres da Igreja nas ideias platônicas era possível encaixar um Deus que fosse atento às necessidades humanas, um Deus que, ao mesmo tempo, era pai e redimia aos homens. Assim como o epicurismo e o estoicismo, apesar de serem materialistas¹², atendiam a ideia de transcendência presente na religiosidade da Antiguidade Tardia.

Analogamente, o neoplatonismo, por ser a filosofia do século IV e V, foi a doutrina que mais se adaptou aos padres da Igreja. Os padres cuidaram da divulgação do cristianismo e utilizaram da filosofia aquilo que lhes era favorável para fortalecer a fé cristã e resistir aos ataques ao cristianismo trinitário, não podemos deixar de levar em consideração que estes padres eram também filósofos devida a sua formação e leituras eruditas. Neste período, observou-se uma preocupação maior com a doutrina e menos com a filosofia. O método de ensino mais recorrente para explicar as escrituras, seria o método alegórico. Foi um sistema de ensino muito aplicado pelos filósofos e gramáticos da antiguidade. Os dois padres que mais se utilizaram desta forma de explicação foram Filon de Alexandria (25 a.C. - 50 d.C.) e Orígenes (185 - 254), aos quais Ambrósio de Milão teve acesso.

¹² Materialista aqui é pensado no sentido atomista, ou seja, o universo constituído de átomos e vazio que traz consigo a visão de natureza com um limite de divisibilidade da matéria e conseqüentemente sua descontinuidade, pensando na versão de átomo dada por Demócrito. Na ideia de Demócrito as sensações eram devidas a átomos de formas diferentes que seria a existência do ser (átomos) e o não-ser (vazio).

A filosofia em Roma foi ensinada pelos estrangeiros, principalmente gregos, entretanto, os romanos legaram à família, o papel de formação e incentivaram mais o serviço militar, a leitura, a escrita e o cálculo para a grande maioria do povo (Nunes, 2018). Os romanos assimilaram muita coisa da civilização helênica, porém mantiveram o espírito prático e privilegiaram o ensino da retórica como arte principal, tanto é que nos séculos II, III e IV d. C. não havia ensino regular de filosofia e as aulas que tinham ficavam por conta de um professor de retórica. A filosofia em Roma foi ensinada por estrangeiros, gregos em sua maioria. Os filósofos ditos romanos eram Sêneca (espanhol) e Plotino (egípcio). Os patrícios quando desejavam aprender filosofia e retórica empregavam um professor particular ou um escravo erudito.

Quando no Ocidente, como diz Santo Agostinho, as discussões filosóficas eram apenas uma lembrança do tempo antigo, e um estudante só ouvia falar dos filósofos nas aulas de retórica, a filosofia era apreciada, ensinada e o seu cultivo estimulado nas escolas do Império do Oriente, de tal modo que, após a derrocada do Império Romano do Ocidente em 476, a filosofia continuou a ser disciplina constante no ensino ministrado no Império Bizantino (Nunes, p. 38, 2018).

Outro aspecto importante é que os romanos apenas se mantiveram no papel de divulgadores da ciência grega, tanto é que, os povos bárbaros que deram origem à Europa moderna herdaram apenas o sistema jurídico romano e na primeira parte da Idade Média não se observa a discussão dos conhecimentos gregos, como ocorreu no Oriente (Nunes, 2018). Para este mesmo autor, no que diz respeito à educação, os romanos foram, sim, responsáveis pela divulgação de escolas porque depois dos exércitos o professor de retórica era a coisa mais importante.

Em relação à educação dos cristãos, nos primeiros séculos do Império eles eram mandados para os estabelecimentos comuns existentes. Naquele momento, havia professores pagãos e cristãos trabalhando nas mesmas escolas. Conforme as condições financeiras, as crianças cristãs/pagãs e os jovens cristãos/pagãos eram mandadas para aprender gramática e retórica juntos. Para Nunes, o século IV foi um período auspicioso para a Patrística. Foi nele que viveram grandes doutores cristãos que escreveram muitos projetos educacionais para as crianças e jovens da época.

2.2. Acontecimentos históricos e conceitos para a compreensão da análise do Livro I “Os deveres dos clérigos”

Em ordem, para desenvolver nossas reflexões a respeito de Ambrósio de Milão, traremos algumas contextualizações históricas imprescindíveis para compreendermos o movimento cristão no século IV. Sobretudo se faz necessário o entendimento sobre o Concílio de Nicéia (325), devemos saber o que foi e como se estabeleceu. De acordo com nossas leituras sobre *Decrees of the Ecumenical Councils*, volume I, editado por Norman P. Tanner em 1990, o Concílio ocorreu em 19 de junho de 325, na presença do imperador Constantino I (272-337), mas não se sabe ao certo quem presidiu (Tanner, 1990).

Para a preparação deste concílio, diversos sínodos ocorreram nos últimos meses de 324 e nos primeiros meses de 325. Dentre eles, o Sínodo de Antioquia, onde se estabeleceu o local de acontecimento do Concílio como sendo a cidade de Nicéia, por esta oferecer melhor acesso aos bispos do ocidente e estar mais próxima da residência do imperador (Tanner, 1990). De acordo com Eusébio de Cesareia (270-339) mais de 250 padres estiveram presentes. Eustácio de Antioquia (? -337) colocou o número de 270, Atanásio (? -373) por volta de 370, Gelásio de Cízico (?) citou mais de 300. No entanto, o que figura como tradicional foi o número de 318 bispos enumerados por Hilário de Poitiers (300 - 368) (Tanner, 1990).

A meta deste Concílio e sua grande conquista, foi definir a base de fé da Igreja composta no formato do que ficou conhecido como credo Niceno. Segue a profissão de fé dos 318 padres:

Cremos em um Deus, o Pai, todo poderoso, criador de todas as coisas vistas e invisível. E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Unigênito gerado do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado e não feito, consubstancial ao Pai, por meio de quem todas as coisas vieram a existir, tanto as que estão no céu e os que estão na terra; por nós, humanos, e para nossa salvação, ele desceu e encarnou, tornou-se humano, sofreu e ressuscitou no terceiro dia, foi até os céus, vem julgar os vivos e os mortos. E no sagrado Espírito. E aqueles* que dizem “era uma vez quando ele não era” e “antes que ele fosse gerado ele não era”, e que ele veio a existir a partir de coisas que não existiam, ou de outra hipóstase ou substância, afirmando que o Filho de Deus está sujeito a mudança ou alteração – estas são anátemas da Igreja Católica e Apostólica (Tanner, 1990, p.33).

O credo, denominado como Niceno-Constantinopolitano resultado do Concílio de Nicéia, segue uma tradição da Igreja que confessa o Filho como consubstancial ao

Pai, ou seja, um só Deus com ele. Esta confissão serviu para afirmar que o Filho de Deus era gerado e não criado e condenou Ário (250-336), um presbítero que falaremos adiante, que afirmava que Cristo veio do nada e seria substância diferente do Pai (Tanner, 1990).

O Concílio de Nicéia ocorreu como uma resposta ao avanço do arianismo. O arianismo, doutrina religiosa defendida pelo presbítero Ário de Alexandria (250-336) trazia em seu cerne questões interpretativas ligadas à natureza de Jesus. Primordialmente, a doutrina repudiava o caráter de consubstancialidade de Jesus com Deus-Pai. Ou seja, não se considerava uma natureza divina para o Cristo e por isso o Concílio considerou este movimento como herege por negar a pregação do evangelho trinitário (Tanner, 1990).

Um fato importante para o mundo cristão foi a conversão do imperador Constantino em 312, “[...] um homem de ação, tão cheio tanto de prudência quanto de energia; assim, atingiu suas finalidades: o trono romano se tornou cristão e a Igreja se tornou uma potência. Sem Constantino, o cristianismo teria permanecido uma seita de vanguarda (Veyne, 2010, p. 14).” Foi Constantino que, em 13 de junho de 313, promulgou o Édito de Milão que consistiu na integração da Igreja ao Império e o término da perseguição aos cristãos, assim como proibiu o culto pagão de sacrifício aos animais. Deixando de tolerar o culto aos imperadores, também admitia que os imperadores não prestariam cultos pagãos, mas, por outro lado, não os perseguiria. A rigorosidade seria demonstrada apenas aos considerados separatistas e hereges. Para Veyne (2010), o interesse de Constantino não foi impor aos súditos a nova fé, mas, sim, demonstrar uma política de tolerância. Além disso, Constantino legalizou, estabeleceu e favoreceu a Igreja, dando ao cristianismo a possibilidade de propagação e expansão.

De acordo com Guerras (1992), o século IV é assinalado pelo fim das perseguições religiosas. Além da promulgação do Édito de Milão que mostra a colaboração do Estado com a Igreja tivemos o Édito de Tessalônica (380). Assim sendo, já no final do século IV o imperador Teodósio (346 – 395) reconhece o cristianismo como religião oficial do império. Logo, o Estado romano, que desde Constantino I preconizava a liberdade de culto aos cristãos porém, que não expressava se cria ou não em Deus, passa a ter uma linha confessional com vistas a dar ao cristianismo o mérito de religião do Estado. O Édito de Tessalônica figurou como afirmação da fé católica, condenando não só o paganismo, como também as demais

heresias, dentre elas o arianismo. Ademais, a legislação de Teodósio puniu com perda de direitos civis àqueles que não professavam o cristianismo, logo a religião passou a ser uma questão de Estado.

Após mencionar esses três importantes fatos históricos, para dar continuidade a nossa exposição traremos dois conceitos que serão importantes para a compreensão do livro de Ambrósio. Como este capítulo propõe a discussão do que o bispo de Milão entende por virtudes e deveres que os ministros precisam ter, traremos o conceito de virtude e dever que acreditamos ter sido a fonte do autor. Começamos pela ideia de virtude discutida ao longo do livro. O que seria a virtude?

Para Hadot (2014a), a espiritualidade cristã dos primeiros séculos da Igreja herdou da filosofia antiga seu modo de pensar. Para os filósofos da antiguidade, o pensar estaria ligado a “[...] uma atividade interior do pensamento e da vontade” (Hadot, 2014a, p. 69). O exercício da razão serviria para educar a humanidade como estilo de vida. Um conceito de virtude expresso por Aristóteles (384 a.C.- 322 a.C.) em seu livro *Ética a Nicômaco* esclarece que a virtude seria determinada pela razão do homem prudente, portanto, não gerada em nós e apareceria no homem como uma disposição para a escolha de boas ações. Deste modo, podemos pensar que para o filósofo a virtude no ser humano o tornaria bom e também faria com que ele desempenhasse bem sua função. Outra discussão sobre virtude, vem de Platão (428 a.C. – 348 a.C.), quando ele traz as quatro virtudes cardinais: prudência, coragem, justiça e moderação. No livro IV, *A República*, em seu diálogo com Adimanto e Sócrates, o filósofo entende que essas virtudes são essenciais para que o homem possa deliberar, possuir inteligência para uma opinião justa, coragem para se salvar e ter domínio próprio.

Na esfera do cristianismo, a virtude estaria relacionada com o amor incondicional a Deus e ao próximo e a concepção cristã foi adquirida das leituras que os autores cristãos fizeram desses filósofos. Ao longo da escrita de Ambrósio perceberemos que embora ele faça um exercício de compreender a virtude a partir dos homens das sagradas escrituras, só foi possível esse movimento porque ele antes teve conhecimento da filosofia helenística e autores como Platão (428 a.C.-347 a.C.) e Aristóteles (384 a. C – 322 a.C.).

Constantemente abordado por Ambrósio, é a questão do dever. O dever no cenário ambrosiano é posto a partir das leituras de filósofos que discutem a questão da moral. Como, por exemplo, Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) para ele o dever estaria

ligado a honestidade que seria a maneira preferível de viver a vida. Sobre o dever, Cícero afirma que se trataria de uma questão dupla que relacionaria a natureza do bem e do mal e conteria aquilo que deve sancionar todas as ações dos homens. Nesse sentido, o dever estaria relacionado com aquilo que é correto e perfeito e identificação do que é correto e perfeito aconteceria devido à capacidade do uso da razão.

Sob o mesmo ponto de vista, o homem com a ajuda da razão percebe as consequências, a origem, a marcha das coisas, para compará-las e associá-las com o passado e o futuro, fazendo uma provisão para aquilo que o aguarda, isso tudo, feito em nome da busca pela verdade. Como o livro de Ambrósio foi escrito a partir do livro *Dos Deveres*, do Cícero, compreendemos que quando o bispo trata de dever dos ministros ele o faz pensando nesta identificação que o autor romano fez de dever.

Lembramos que a influência helenística no pensamento destes autores os levou a refletir sobre as angústias e misérias humanas provocadas pelos deveres sociais. Na sequência vemos a abertura de várias escolas filosóficas helenísticas, epicurismo, estoicismo, platonismo, aristotelismo, em numerosas cidades do Império romano, para darem conta dessas questões da natureza humana. Num dado momento, por volta dos séculos III e IV, estoicismo e epicurismo dão lugar ao neoplatonismo, que em certo sentido é a fusão do aristotelismo com o platonismo e movimentam os estudos eruditos dos Padres da Igreja no período dos Impérios (Hadot, 2014b).

Posteriormente, no capítulo 3 explanaremos mais a respeito do livro de Cícero, *Dos Deveres* que dá espaço a discussão estoica, ou seja, das questões sobre a moral na obra de Ambrósio de Milão, *Dos deveres dos clérigos*. .

2.3. Biografia de Ambrósio de Milão e o sentido de ser bispo no século IV

De acordo com McLynn (2014), Ambrósio foi o responsável por pregar para Graciano (359-383) sobre a fé, por fazer uma barricada em uma Igreja com seus fiéis, para garantir que a Igreja continuasse sobre o domínio cristão, contra Valentiniano II (375-392) e fez com que Teodósio I (379-395) pagasse penitência pública. Este religioso nasceu numa família nobre, foi o terceiro filho do prefeito de Tréveros e recebeu o mesmo nome do pai: Aurélio Ambrósio. Não há histórias documentadas da infância de Ambrósio, acredita-se que ele foi alfabetizado, no que Agostinho (354-430) descreveu nas *Confissões* como a regra dos três r's: *legere, scribere, et numerare* e

a canção dos números de Virgílio¹³ (70 – 19 a.C.) “[...] um e um são dois, dois e dois são quatro [...]” e gramática grega (Thornton, 1879, p. 16).

O nascimento de Ambrósio ocorreu vinte e oito anos após Constantino (272-337), ter vencido a batalha contra Maxicêncio (? -312). Vinte e sete anos depois do Édito de Milão, no qual Constantino assegurava a liberdade dos cristãos e quinze anos após o primeiro Concílio de Nicéia no qual se afirmou a primeira parte do credo Niceno, ou seja, se estabeleceu a verdade da encarnação do Filho, sua natureza divina e humana e a sua relação com Deus Pai.

Um acontecimento mudou a trajetória da família de Ambrósio, a morte de seu pai. Após a morte do pai de Ambrósio, sua família mudou-se para Roma, sua irmã Marcelina consagrou-se a Deus, ao fazer os votos de castidade, ele e seu irmão Sátiro, continuaram os estudos em Roma.

Ambrósio foi advogado antes de se tornar Bispo, não era batizado e não pertencia a nenhuma ordem religiosa, até porque neste período que ele está inserido não existiam ordens religiosas¹⁴. No entanto, recebeu educação religiosa ensinada pelo sacerdote Simpliciano de Milão (? – 400) e teve acesso às escrituras e autores cristãos por conta própria.

Conforme a análise do biógrafo Thornton (1879), possivelmente as conjecturas a respeito da originalidade de Ambrósio incide no fato dele ter sido um ávido leitor de Filo de Alexandria (15 – 45 d.C.), Orígenes (185 – 254 d.C.), Basílio (329 – 379 d.C.), Cícero (106 – 43 a.C.), Virgílio (70 – 19 a.C.), Ésquilo (525 - 456 a.C.) e Platão (427 – 347 a.C.). Entretanto, segundo o biógrafo inglês, ele possuía uma perspicácia e uma maneira própria de interpretar estes grandes autores.

De acordo com Thornton (1879), a Igreja ocidental deve à Ambrósio a defesa e a propagação do credo Niceno. Provavelmente, teria sido ele a perceber, antecipadamente, a velocidade com que o arianismo avançava no Império do Ocidente – tendo Roma, como capital -, na Península Ibérica, na Gália e na Bretanha.

¹³ Aqui a menção de Agostinho de Hipona são as Bucólicas de Virgílio, escritas em Roma por volta de 44 a.C. e 38 a.C., dividida em 10 partes as quais tratam do amor, do canto e dos números.

¹⁴ As ordens consideradas mais antigas são as beneditinas, cistercienses, os mosteiros de Cluny e franciscanas surgidas na Idade Média. Nas Regras de São Bento, de Bento de Núrsia (480-547), o monastério foi constituído como uma escola de serviço ao Senhor, com o intuito de dedicar a conservação da caridade e o caminho da salvação. No primeiro capítulo das Regras de São Bento há uma distinção de quatro gêneros de monges: cenobitas, anacoretas, sarabaítas e giróvagos. A organização das regras foi para o funcionamento da ordem de São Bento ou ordem dos Beneditinos. As regras criadas por Bento de Núrsia, influenciaram muitas outras ordens monásticas e serviram de exemplo para regulamentar a vida das comunidades religiosas.

Portanto, não apenas no sínodo de Aquileia, mas, absolutamente, em quase todos os seus escritos e atos ele defendeu a teologia da Encarnação.

Nós também devemos a Ambrósio o fato de ter direcionado e formado Agostinho de Hipona (354-430). É certo que Agostinho desenvolveu seu próprio caminho de maneira única, no entanto, o Bispo de Milão influenciou a sua conversão e os seus princípios cristãos. Antes de ir a Milão, Agostinho encontrava-se em Roma e desempenhava o papel de professor de retórica, mas estava descontente pelo fato dos alunos estarem corrompidos pela ambição e não respeitarem os professores: “Mas logo me afirmaram que os alunos conspiram e passam em grande número dum professor para outro, a fim de não pagarem os mestres, faltando deste modo aos compromissos e menosprezando a justiça por amor ao dinheiro (*Confissões*, L V, c. 12, §22).” Soube então, que em Milão era necessário a presença de um professor de retórica e por isso solicitou o emprego por intermédio de amigos que tinha em Roma.

Uma das primeiras coisas que fez ao chegar em Milão, foi visitar o Bispo Ambrósio, principalmente, porque havia ouvido bons comentários, sobre as qualidades piedosas de servidor e sobre a eloquência com a qual falava zelosamente ao povo cristão: “Vós me leváveis a Ambrósio, sem eu saber, para ser por ele conscientemente levado a Vós” (*Confissões*, L V, c.13, §23). A grande impressão que causou o bispo em Agostinho foi a forma paternal e apreciativa com a qual foi tratado e por isso, Agostinho de Hipona escreveu que passou a amá-lo por ser um homem tão benigno: “Comecei a amá-lo, ao princípio não como mestre da Verdade-pois jamais esperava encontrá-la na vossa Igreja, mas como um homem benigno para mim” (*Confissões*, L V, c. 13, §23).

A princípio, o seu interesse era mais na retórica desenvolvida por Ambrósio, em sua reputação de oratória. Gostava mesmo da suavidade do discurso do bispo de Milão e pela segurança com a qual falava sobre os assuntos de salvação. Compreendemos, por intermédio de nossas leituras, que esta fase dos discursos ambrosianos era de uma percepção estoica e platonizante, no sentido de ter uma herança platônica visível na concepção de homem, trabalhando de uma forma integrada a ideia de moral e utilidade com as virtudes cardinais.

Na verdade, Agostinho deixa claro nas suas *Confissões* que num primeiro momento não estava preocupado com o conteúdo do bispo, mas, sim, com a forma que ele falava: “Não me esforçava por aprender ao que o bispo dizia, mas só reparava como ele falava (*Confissões*, L V, c.14, §24).” Eram os resquícios da retórica e do

maniqueísmo que ainda existiam nos pensamentos agostinianos. No entanto, quando ele passou a fazer parte da classe de catecúmenos, percebeu que o uso de alegorias, feitas pelo bispo, para explicar as escrituras, serviu para que elas deixassem de ser um enigma para ele. Aplicar-se a este entendimento das doutrinas mediante ao estudo das escrituras por meio de metáforas e alegorias ajudou-o a elucidar os caminhos do catolicismo “Por isso, resolvi fazer-me catecúmeno na Igreja católica, à qual meus pais me tinham inclinado, até vir alguma certeza a elucidar-me no caminho a seguir (*Confissões*, L V, c.14, §25).”

Verificamos um grande apreço e respeito de Agostinho pelo trabalho de Ambrósio. De fato, há relatos agostinianos sobre o profundo trabalho realizado pelo bispo e como sua entrega aos estudos mediante a leitura silenciosa, sua inteligência e sabedoria para agir com a congregação tornou-o um homem exemplar para sua carreira cristã. Certo é que, após a morte de Ambrósio, Agostinho instigou o diácono Paulino de Milão (?) a escrever *Vita Sancti Ambrosii*, ajudando-o na composição do livro, uma vez que o próprio Paulino deixou claro que a ele faltava a eloquência e a facilidade para a escrita: “Mas, eu que sou inferior a tais homens em valor, homens que são baluartes das Igrejas e fontes de eloquência, também percebo que sou desigual a eles no poder de expressão (Paulinus, § 1, tradução nossa)¹⁵.”

A biografia escrita por Paulinus, descreve um homem santo que antes de tornar-se bispo foi instruído em disciplinas liberais como gramática, dialética, retórica, geometria, aritmética, astrologia, música, medicina e arquitetura. Teve uma carreira na corte como prefeito pretoriano, trabalhou como consultor de Probos (232-282) e posteriormente tornou-se governador de Emília e Ligúria. O Ambrósio descrito por Paulino é um homem ilibado, que foi eleito bispo e perdoado dos seus pecados pela graça do batismo. Mesmo não querendo o cargo, a princípio relutante em atuar como bispo de Milão.

McLynn (2014) em sua biografia a respeito do bispo de Milão compreende que o homem piedoso e paternal que Agostinho conheceu não era o mesmo, pois foi modificado pelas relações sociais que teve que enfrentar até chegar ao seu posto de bispo. A obrigação que ele atendeu como bispo, de acordo com o autor, foi um duro golpe pessoal que o tirou de uma tarefa do tribunal para o trabalho do sacerdócio,

¹⁵ But just as I realize that I am inferior to such a men in Worth, who are bulwarks of the churches and fountains of eloquence, so also do I realize that I am unequal to them in power of expression (Paulinus, §1).

onde o episcopado exigiu dele uma forma de devoção com a qual ele estava desacostumado. Portanto, ele precisou ensinar e aprender a ensinar ao mesmo tempo.

É patente na biografia escrita por McLynn (2014), como este homem, de relutante em ser bispo, transforma-se numa figura de tanta influência para o século IV. Torna-se perceptível a participação do bispo na disseminação da fé Nicena e o impacto que a doutrina da trindadologia¹⁶ teve no crescimento do cristianismo na Antiguidade Tardia. Em nossa reflexão, a Antiguidade Tardia compreende o período de transformações entre o século II e VIII, no qual Roma, a partir de um ambiente político, econômico, cultural e religioso preexistente (por meio da ascendência das culturas clássicas e helenísticas) sofre influência na formação de monarquias romano-bárbaras¹⁷. Esse período determinado entre o século II e VIII não é consensual entre todos os historiadores, mas, a maioria deles, a exemplo de Peter Brown (1972), que possui muitos estudos na área, considera esta datação.

Ambrósio de Milão usou de forma didática e pedagógica sua figura pública, para oferecer à sociedade um modelo de homem a ser seguido. Seus sermões influenciaram ações dos homens que, por conseguinte, modificaram suas vivências sociais. Dito isso, destacamos a análise dos escritos de Ambrósio de Milão como parte da história da humanidade e que procurou enxergar o passado como um elo com as ações do presente. Desta forma, observamos que o processo de educação, neste período, funcionou por meio dos sermões, das classes de catecúmenos e o ensino dos sacramentos,¹⁸ cimentando a ideia de concepção de homem cristão no século IV.

Após conhecermos parte da vida e da importância de Ambrósio de Milão, aproveitamos para explicitar o que significou ser bispo em sua época. O bispo cristão,

¹⁶ A representação do divino em seu formato trino: Pai, Filho e Espírito Santo

¹⁷ Esta terminologia: monarquias romano-bárbaras, foi encontrada na discussão do historiador Renan Frighetto (2012). Este historiador descreve a Antiguidade Tardia como um período de profundas interações entre os romanos e os povos bárbaros (godos, visigodos, ostrogodos). Mudanças que envolveram trocas culturais, políticas e guerras. Ao mesmo tempo que há uma decadência do Império Romano, gradativamente os reinos bárbaros, que já possuíam uma organização militar; política; diplomática, passam a agir de maneira colaborativa formando uma civilização romano-bárbara.

¹⁸ No Catecismo da Igreja Católica, na segunda parte, onde é tratado *A celebração do Mistério Cristão*, no capítulo primeiro encontra-se especificado quais são os sacramentos da iniciação cristã: Batismo, Confirmação e Eucaristia. Estes sacramentos iniciais são considerados os alicerces de toda a vida cristã. É por meio do aprendizado e cumprimento destes sacramentos que o cristão avançaria para a perfeição e exercício da caridade. CATECISMO CATÓLICO. **Os sacramentos da iniciação cristã**. cap. 1º, §1212. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap1_1210-1419_po.html. Acesso em: 15 fev.2021.

na Antiguidade Tardia, figurava como um ator de grande destaque político. Entendemos que eles contribuíram para a construção de uma ideia de sustentação do poder imperial e no papel da busca pela salvação do homem.

De acordo com Mamedes (2019), a divisão de ministérios nas comunidades cristãs ocorreu conforme a necessidade. As funções do bispo, presbítero e diácono, era algo que existiu desde muito cedo no cristianismo e manteve-se com o decorrer do tempo. Com o tempo, os bispos passaram a exercer a liderança nas comunidades em relação às homílias, no desempenho correto da liturgia, na administração do batismo, celebração da eucaristia e manutenção do ideal de vida cristã nas sociedades. Ademais, representava sua comunidade eclesial no sínodo e concílios. Eram eleitos pela comunidade e deveriam ser de conduta irrefutável dada a importância do cargo.

Nos séculos IV e V, o cargo de bispo teve uma renomada importância social devido ao fortalecimento da Igreja. Aumentou sua importância como autoridade espiritual, a participação nos sínodos e concílios, assim como uma independência financeira e econômica. Eles passaram a ter um trato respeitoso e honrado por parte dos imperadores, na corte, com os funcionários da administração imperial e pelas autoridades civis das cidades (Mamedes, 2019). Este era o contexto em que se encontrava Ambrósio de Milão e a partir dele que escreve sobre os deveres dos ministros.

2.4. Análise do Livro I de Ambrósio de Milão *Os deveres dos clérigos*

Observamos que Ambrósio, como um dos Pais da Igreja, guiou-se pela filosofia para a construção de um pensamento cristão que fundamentasse o conhecimento da existência humana e a legitimação do cristianismo como instituição. Pieper (2014), escreveu que “Porque o filosofar, justamente por ser uma atitude humana fundamental para com a realidade, só é possível a partir da totalidade da existência humana, o que implica a tomada de posição perante a realidade como um todo” (Pieper, 2014, p. 63). Logo, compreendemos que o tratado escrito pelo bispo de Milão implicou uma tomada de posição, uma vez que havia disputas religiosas acontecendo e a defesa da consubstanciação, a existência do Pai, do Filho e Espírito Santo se fazia necessária, para explicar a realidade na qual estavam inseridos os cristãos.

Em ordem de compreender a totalidade do ser humano, percebemos que os padres da patrística procuravam explicar a existência humana utilizando-se dos estudos que obtiveram dos filósofos gregos e latinos. Desta maneira, o cristianismo abordava a doutrina cristã a partir do entendimento que obtiveram da filosofia e transcrevia as virtudes descritas pelos filósofos nos mitos, para os personagens da escritura sagrada.

Outro fator para compreender nossa investigação seria objetivar o que o bispo milanês entendia por virtude e dever. Começamos pela ideia de virtude. Virtude para Ambrósio estaria conectada com dever. Dessa forma, o homem virtuoso teria o dever de mostrar prudência como exercício da procura pela verdade e do conhecimento pleno. Em seguida, a justiça, agir considerando o outro e não buscando vantagem para si. Logo depois, a coragem destacada pela grandeza de espírito e força do corpo. Por último a temperança que deveria caracterizar a forma de falar e fazer preservando a ordem de todas as coisas, (Ambrósio, L I, § 115).

Quanto ao dever, o autor considera que há diferentes classes - divididas tanto entre o que é ordinário e quanto entre o que é perfeito - que são derivados das quatro virtudes descritas anteriormente. Mas, especialmente o primeiro dever precisa ser com aquilo que sai das nossas bocas, é preciso medir o que dizemos. Os deveres perfeitos e ordinários seriam adquiridos por intermédio da leitura das escrituras sagradas e seguindo os exemplos de virtude dos personagens bíblicos. Dentre os deveres a serem seguidos estariam: não cometer adultério, não dar falso testemunho, não matar, honrar os pais e amar uns aos outros, (Ambrósio, L I, § 35 e 36).

Dito isso, começaremos nossa análise pelo capítulo I do Tratado, no qual Ambrósio chama a atenção para o que ele precisou aprender como ensinar “Aconteceu então que comecei a ensinar antes de começar a aprender. Portanto devo aprender e ensinar ao mesmo tempo, já que antes não tinha tempo para aprender (Ambrósio, LI §4, tradução nossa).”¹⁹ e só pôde fazer isso, seguindo o exemplo de Cristo que, para ele, representava a sabedoria, a prudência e a humildade. As virtudes são fundamentais para a vida futura e por meio delas os cristãos escolheriam o que seria de utilidade e perfeito.

Além disso, também é uma maneira de deixar claro a importância do decoro e da honra. Somente por intermédio do que é honroso, útil e perfeito, os deveres seriam

¹⁹ So it happened that I began to teach before I began to learn. Therefore I must learn and teach at the same time, since I had no leisure to learn before (Ambrose, B I, §4).

exercidos honestamente e pensando no outro. Segundo o bispo de Milão, os ministros não teriam como escapar do dever de ensinar, portanto, deveriam entender a obrigação e realizá-la com diligência. Por outro lado, como Ambrósio, deveriam ter em mente que mesmo não sabendo ser professores, deveriam empreender nesta missão, pois, eles possuíam um exemplo maior em seu mestre para que pudessem levar aos outros a finalidade da existência do cristão: “Pois um é o verdadeiro Mestre, que sozinho não aprendeu o que a todos ensinou; mas os homens aprendem antes de ensinar e recebem Dele o que eles podem transmitir aos outros (Ambrósio, L I, §3, tradução nossa)”.²⁰

No capítulo II, o autor refere-se ao silêncio, afirmando que muita coisa má advém ao falarmos demais, por isso, é preferencial que mantenhamos o silêncio “Quantos eu vi caindo no pecado por falar, mas poucos caíram porque mantiveram o silêncio; porém é mais difícil saber como manter o silêncio do que o falar” (Ambrósio, L.I, §5, tradução nossa²¹). Da mesma forma que Epicuro (2002), se refere que o homem que busca a prudência como princípio do supremo bem tem a renúncia e a quietude como alvo do bem viver. Sendo assim, o silêncio é necessário para a meditação e a escolha daquilo que se vai falar. De acordo com Ambrósio, o homem sábio entende quando possui a oportunidade de falar, que o muito falar leva ao erro. Logo, é melhor ouvir e meditar, do que ser condenado pela própria boca.

O capítulo III, continua debatendo acerca do silêncio, no entanto, acrescenta que há momentos para falarmos e momentos para calarmos. Conforme o autor, o homem que sabe o momento certo de agir é diligente e sujeita sua boca, a sua mente, ou seja, com humildade e moderação sabe medir o peso das palavras para falar na hora adequada: “Guardemos então os nossos corações, guardemos as nossas bocas (...) Nós somos convidados a prestar atenção à nossa boca; em outro lugar te é dito: “Mantenha teu coração com toda diligência” (Ambrósio, L I , §10, tradução nossa)²². Isso nos remete à conversa de Sêneca (? – 65 a. C.) com Sereno em *Da tranquilidade da alma* (1955), a respeito de manter o equilíbrio na busca de uma nobre causa para evitar as inquietações:

²⁰ For one is the true Master, Who alone has not learnt, what He taught all; but men learn before they teach, and receive from Him what they may hand on to others (Ambrose, B I, §3).

²¹ How many have I seen to fall into sin by speaking, but scarcely one by keeping silent; and so it is more difficult to know to keep silent than how to speak (Ambrose, B I, §5).

²² Let us then guard our hearts, let us guard our mouths. (...) In this place we are bidden to take heed to our mouth; in another place thou art told: “Keep thy heart with all diligence” (Ambrose, B I, §10).

Vamos, pois, procurar como é possível à alma caminhar numa conduta sempre igual e firme, sorrindo para si mesma e comprazendo-se com seu próprio espetáculo e prolongando indefinidamente esta agradável sensação, sem se afastar jamais de sua calma, sem se exaltar, nem se deprimir. Isto será tranquilidade. Procuremos, de um modo geral, como se pode alcançá-la: tu tomarás como entenderes, tua parte do remédio universal, (Sêneca, 1955, p. 82).

Por outro lado, é possível mencionar Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) na *Ética a Nicômaco* (2009) quando trata do assunto da observância da mediania para a preservação do equilíbrio das virtudes e ações humanas: “A virtude é, então, uma disposição estabelecida que leva à escolha de ações e paixões e que consiste essencialmente na observância da mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como o homem prudente o determinaria (*Ética*, L II, 1107a1)”. Ambos os trechos mencionados acima, de Ambrósio, Sêneca e Aristóteles, referem-se à preocupação que se deve ter com o equilíbrio na conduta para que passemos pelas adversidades da vida e saibamos como nos portar em comunidade, com equilíbrio e sabedoria.

Entre os capítulos IV e VI, a temática de manter o silêncio para evitar discórdias e acusações desnecessárias é a motivação dos escritos ambrosianos. O que o autor evidencia é que o homem que não mantém a humildade e a moderação é seu próprio inimigo porque aquele que não mantém o silêncio, facilmente cairá na irritação e em atos violentos. É dever do homem preservar e guardar seus sentimentos para ser visto como um homem de boa consciência:

Mas este é o dever do homem justo, esconder seus sentimentos e não dizer nada, para preservar o fruto de uma boa consciência, para confiar em si mesmo ao julgamento de bons homens do que à insolência de um caluniador, e assim ficar satisfeito com a estabilidade de seu próprio caráter” (Ambrósio, L.I, § 18, tradução nossa²³).

Neste sentido, percebemos que o autor demonstra a procura por conforto e orientação moral em temas filosóficos e também concilia a discussão filosófica a escritura sagrada citando, por exemplo, o silêncio de Davi perante as acusações de ter tomado o reinado do rei Saul; a resposta do rei Davi foi a humildade e o silêncio²⁴. Ele não demonstrou perturbação perante os insultos e respondeu com palavras boas.

²³ But it is the duty of a just man to hide his feelings and say nothing, to preserve the fruit of a good conscience, to trust himself rather to the judgment of good men than to the insolence of a calumniator, and to be satisfied with the stability of his own character (Ambrose, B I, §18).

²⁴ 2 Samuel, capítulo 16 (Bíblia, 1993, p.351).

O estilo de escrita ambrosiana se utiliza das alegorias bíblicas, é uma arte que torna o discurso cristão palatável e instiga os homens a realizar aquilo que é correto, demonstrando que depende deles serem virtuosos ou não. Na verdade, o período da patrística faz parte de um período no qual havia a aproximação do pensamento cristão e conhecimento religioso da filosofia neoplatonista, o que facilitaria trabalhar a linguagem bíblica conforme o espanto que a filosofia causa nos homens.

Segundo Ivan Vieira Neto (2010), historiador - em seu artigo sobre Antiguidade Tardia e as diferenças entre o neoplatonismo – a filosofia neoplatônica foi um fenômeno no mundo antigo tardo, que compreendeu o século terceiro e quarto. Figurando entre elementos das tradições helenísticas e da cultura romana cristã o neoplatonismo nasceu na Alexandria e foi influenciado pela filosofia platônica, pitagórica e aristotélica.

Ainda, segundo este autor, o neoplatonismo caracterizava por seu ecletismo, orientação de cunho religioso, retorno ao helenismo e uma tentativa de unificar as culturas pagãs. No entanto, para Neto (2010) houve uma bifurcação entre estes filósofos e uns adequaram suas práticas ao paganismo e outros às doutrinas cristãs. Este período, foi um momento no qual os bárbaros ameaçavam as fronteiras, as estruturas imperiais passavam por dificuldades na organização dinástica e as divindades tradicionais foram abandonadas. A espiritualidade, portanto, sobreviveu por meio de filosofias que se preocupavam com os mistérios da natureza humana, com a felicidade e a moral.

A partir do capítulo VII, Ambrósio passa a incluir, ao silêncio, os deveres que os ministros precisam apresentar. É neste capítulo que escreve a respeito de suas fontes filosóficas de maneira mais explícita. Inicia escrevendo a respeito de sua inspiração advinda do Salmo 39, no qual Davi canta a Jedutum mestre do canto, no verso um dizendo: “Vigiarei minha conduta para não pecar com a língua” (Bíblia, Sl. 39 : 1, 1993, p. 690). Devido à sua leitura dos Salmos, ele compreendeu a paciência em manter o silêncio e o dever de esperar pelo momento certo de falar.

Continua escrevendo que muito embora Panécio de Rodes (185 a.C. - 110 a.C.) tenha escrito sobre os deveres e até mesmo tenha inspirado Cícero (106 a.C. - 43 a.C.) a escrever sobre a mesma temática instruindo seu filho Marco Túlio Cícero Menor (65 a.C. – 27 a.C.), ele, Ambrósio, escrevia aos seus filhos (ministros) utilizando as escrituras e os instruindo como se eles fossem seus verdadeiros filhos. Aliás, era

dever dele fazê-lo desde que a palavra ‘deveres’ pudesse ser usada constantemente por filósofos, entretanto ela era derivada das escrituras sagradas.

Esta seria a constante preocupação de Ambrósio, fazer os ministros entenderem mediante as explicações das escrituras sagradas, que as discussões filosóficas aconteceriam depois das explicações dos personagens bíblicos. Assim, o padrão seria a questão do dever, do silêncio, do decoro, das virtudes terem sido vividos primeiro pelos personagens da fé cristã.

Para constatar sua afirmação utiliza a história de Zacarias, o pregador, que ficou mudo após duvidar que iria ser pai e que passado os dias que ele deveria estar no templo servindo ele retorna a casa: “Completados os dias de **serviço**, voltou para casa” (Bíblia, 1993, p.1237). Na versão que usamos do tratado, traduzida por Schaff (1893) a citação da passagem em inglês dá-se de seguinte maneira: “*And it came to pass that as soon as the days of his **duty** [officii] were accomplished, he departed to his own house.*” (L. I, §25). Logo, a palavra em inglês **duty** que traduzida ao português significa **deveres** e no latim é **officii**. Dessa forma, a exemplo de Zacarias, os ministros só deveriam retornar às suas tarefas individuais após cumprir com seus deveres.

Em direção a dar consistência ao seu discurso, Ambrósio declara que *officium* (dever) deriva de *efficere* (fazer) e que por uma sucessão harmoniosa de sons poderia chegar a palavra *officiant* (oficiar). Schaff (1893) explica em nota de rodapé que traduzir do latim para o inglês foi difícil porque de certa forma afetou a tradução, porém, segundo ele, não o argumento. Nossa preocupação com a tradução e a maneira como o discurso é descrito ocorre porque desejamos que o leitor compreenda como acontece a linha de raciocínio e argumento de Ambrósio de Milão.

Deste modo, retiramos da nota de rodapé de Schaff, o excerto em latim que ele traduziu para o inglês e traduzimos para o português, no intuito de deixar mais claro o que o bispo de Milão queria dizer a respeito da sucessão harmoniosa entre as palavras *officium*, *efficere* e *officiant*. Faremos a citação direta conforme o que aparece no Tratado em inglês e depois no Tratado em latim. Não deixaremos em nota de rodapé, porque a intenção é demonstrar o uso da palavra **dever** nas três línguas: inglês, latim e português. Destacaremos em negrito para assegurar ao leitor a compreensão do propósito do bispo ao afirmar que a palavra dever (*officiis*) aparece primeiro nas escrituras sagradas antes mesmo que os filósofos se referisse a ela. Assim, para ficar

claro colocaremos a versão traduzida para o inglês, em seguida a versão em latim e pôr fim a tradução em português. Segue:

And this is not inconsistent with reason, since we consider that the word *officium* (**duty**) is derived from *efficere* (**to effect**), and is formed with the change of one letter for the sake of euphony; or at any rate that you should do those things which injure [**officiant**] no one, but benefit all. (Ambrose,B.I, § 26).

Nec ratio ipsa abhorret, quandoquidem **officium** ab efficiendo dictum putamus, quasi **efficium**: sed propter decorem sermonis una immutata litera, officium nuncupari, vel certe, ut ea agas quæ nulli **officiant**, prosint omnibus. (Ambrosius,L.I, § 26).

Também a razão em si improvável, uma vez que pensamos que se diz que o **dever** foi cumprido, por assim dizer, mas devido ao decoro da fala, com uma letra inalterada, ser chamado de **dever**, ou pelo menos, fazer aquelas coisas que ninguém mais eles **oficiam**, eles beneficiam a todos (Ambrosio, L. I, § 26, tradução nossa).

A preocupação em explicitar que Ambrósio delimita as escrituras sagradas como gênese de todas as coisas é para demonstrar como os pais da Igreja com seus escritos conferiram autenticidade a doutrina cristã, que se tornou filosofia cristã e uma instituição que deu continuidade à civilização humana. Muito embora, naquele momento não seria apenas o cristianismo a filosofia em voga. Assim como, esclarecemos em parágrafos acima, havia o neoplatonismo, o estoicismo e epicurismo que moldavam a sociedade romana. Houve um ecletismo de ideias e o cristianismo adaptou para si algumas delas. Entretanto, demonstramos pela escrita do autor que ele considera o dever relacionado ao cristianismo como uma fonte melhor e mais virtuosa do que o conceito de dever descrito pelos filósofos, uma vez que para os filósofos o dever necessita ser virtuoso e útil, conforme a moral e a integridade escolhem-se o que é correto entre os dois.

Todavia, para o cristão a escolha se faz pensando na vida eterna, naquilo que é bom e naquilo que é mal. O autor utilizou o exemplo de Zacarias para reafirmar que o significado de dever para com a comunidade ou para com o outro é descrito primeiro nas escrituras e usa o exemplo de Davi sobre o silêncio para afirmar que a regra de silêncio imposta por Pitágoras aos seus discípulos seria a mesma da regra do silêncio de Davi, descrita nas escrituras. O bispo de Milão afirma que os grandes filósofos como Panécio ou Aristóteles não escreveram sobre deveres antes que Davi.

Há referências bíblicas no tratado de Ambrósio a respeito do Salmo 65: “Se alguém te louva em silêncio, ó Deus de Sião, ou cumpre os votos em tua presença, tu

ouves tua oração. Assim toda criatura tem acesso a ti, apesar das iniquidades [...]” (Bíblia, 1993, Sl. 65:2, p. 704) no qual Davi canta sobre a justiça, a bondade e a importância de aprender no templo. Entendemos que faz referência ao silêncio, porque quem assiste precisa ouvir e para ouvir necessita o silêncio.

Na sequência dos escritos há uma referência ao apóstolo Paulo, contida na carta que ele escreveu ao seu discípulo Tito aconselhando sobre o dever de falar sobre a doutrina cristã: “(...) firmemente empenhado no ensino fiel da doutrina, de sorte que seja capaz de exortar com sã doutrina e refutar os contraditores (Bíblia, 1993, Tt. 1:9, p. 1.415). Posteriormente, o bispo traz o exemplo da carta de Paulo aos hebreus: “Aquele por quem e para quem todas as coisas existem, desejando levar muitos filhos à glória, consumou pelos sofrimentos o autor da salvação” (Bíblia, Hb. 2: 10, p. 1.419), isto é, há o entendimento que é preciso o dever de conduzir para que o outro aprenda.

A análise que fazemos a respeito do discurso pretendido por Ambrósio em seu tratado para ensinar aos ministros é que há esta grande preocupação no saber falar, como falar e quando falar para que exista o aprendizado por parte do outro. A natureza da escrita do bispo de Milão reside nesta questão de promover o significado do silêncio e a necessidade do discurso pontual e direcionado.

Uma outra questão, seria o seu equilíbrio “O primeiro dever é medir apropriadamente nossa conversa” (Ambrósio, L I, §35). Ele escreve que o primeiro compromisso é preservar a moderação daquilo que falamos. O exercício da prudência ao referir-se aos demais, observando a mediania, assim como Aristóteles chama a atenção em *Ética a Nicômaco*: “A virtude é, então uma disposição estabelecida que leva à escolha de ações e paixões e que consiste essencialmente na observância da mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como o homem prudente o determinaria” (*Ética*, II, 1107 a1). No caso do filósofo este equilíbrio é demonstrado por meio do uso da razão que exprimimos ao sermos virtuosos, já para Ambrósio, a expressão de virtudes é alcançada mediante ao exercício da fé cristã.

Quais seriam os caminhos para o exercício deste discurso comedido? A partir do capítulo XI, o autor passa a descrever os caminhos que deveriam ser ponderados no exercício do dever, que incluiria a observância daquilo que é singular ou perfeito. De acordo com o texto, esses predicados são confirmados nas escrituras quando se refere à conservação dos mandamentos cristãos, pois ao seguir os mandamentos

bíblicos que são singulares e perfeitos, os homens saberiam como demonstrar misericórdia.

Essa virtude, a misericórdia, seria um dos exercícios das ações humanas ensinado, nas escrituras, por meio do exemplo da vida de Jó, que, segundo ele, foi um homem de fé que em meio ao sofrimento soube ser misericordioso para consigo e para com os outros, porém, ela chegou a ele mediante a misericórdia demonstrada por Deus para com ele. Compreende-se portanto, que diferente dos filósofos que justificam os atos humanos perante o uso da razão e do intelecto humano, Ambrósio transmite seu ensino baseando-se na fé cristã e no respaldo das escrituras para empreender o uso do intelecto e dos deveres.

Em síntese, igualmente apreendemos que há no autor a necessidade da exaltação da soberania divina e das escrituras para consolidar sua escrita e suas concepções. Isto será visto entre os capítulos XI e XVI, nos quais incisivamente os filósofos serão refutados perante os exemplos de vida de diversas figuras bíblicas como: o apóstolo Paulo, Moisés, Davi, Jesus, Abraão. Personagens que passaram por diversas categorias de problemas humanos, superaram seus desafios perante o exercício da fé cristã. Não por acaso, estas relações são realizadas pelo autor. Vejamos, historicamente o tratado data-se de 391 d.C., ou seja, onze anos após a publicação do Édito de Tessalônica, 380 d. C.

Em vista disso, passamos a dar maior significado e termos melhor apreensão da insistência de Ambrósio de Milão ao escrever o Tratado dos deveres aos clérigos, ao realçar a importância da consideração da fé cristã para a explicação das ações e existência humana. Em seus *Escritos sobre a história*, Braudel (1969) expressa sobre as relações do homem com o meio que o cerca, que estas relações ocorrem simultânea e paralelamente a história individual e coletiva.

A preocupação com ensino e a continuidade elementar da civilização humana é reconhecida por Hannah Arendt (2016) quando a filósofa afirma que a educação é uma das atividades mais expressivas e necessárias aos homens, que é por causa dela que os homens nunca permanecem os mesmos. Além de não permanecerem os mesmos, os homens sempre se renovam com a chegada de outros seres humanos e a educação funciona como lugar onde se decide se amamos ou não o outro a ponto de demonstrarmos nosso compromisso e responsabilidade mediante o ensino das novas gerações.

Entretanto, há algo que não se pode negar na continuidade do ensino das novas gerações, liderado por Ambrósio, que seria o interesse voltado as questões morais. Algo muito comum aos filósofos do estoicismo. O que faz muito sentido, já que a obra do bispo de Milão foi baseada na obra de Cícero, porque este autor estava preocupado com a discussão da moral sobre o que é útil. Precisamente, o que Ambrósio escreve no primeiro livro sobre o que é útil e perfeito para ser ministro.

Percebemos no livro I, do tratado a ligação com o estoicismo em vários aspectos, principalmente nos que diz respeito aos aspectos de virtudes. Exemplo disso é que, a partir do capítulo XVIII, o autor passa a pontuar as funções da modéstia relacionadas com o falar, o silêncio, castidade e controle das emoções. Logo, compreendemos que para ele a modéstia é um sinal de virtude para manter a qualidade da moral. No parágrafo 67, do capítulo XVIII vemos que:

Amável, então, é a virtude da modéstia, e doce é a sua graça! Isso é visto não apenas em ações, mas mesmo em nossas palavras, para que não ultrapassemos a medida devida na fala, e que nossas palavras não ter um som impróprio. O espelho da nossa mente reflete muitas vezes a sua imagem nas nossas palavras. A sobriedade pesa até mesmo no som da nossa voz, por medo de que uma voz muito alta possa ofender o ouvido de qualquer um. Não, no próprio canto a primeira regra é a modéstia, e o mesmo se aplica a todos os tipos da fala também, para que um homem possa gradualmente aprender a louvar a Deus, ou a cantar canções, ou mesmo a falar, nisso os princípios da modéstia enfeitam seu avanço (Ambrósio, L I, §67, tradução nossa).²⁵

As demandas para cumprir as características relacionadas a modéstia incluía ser calmo, reservado e manter-se longe de pessoas com problemas doutrinário, como o arianismo, pessoas que negaram a fé na Igreja ou pessoas inconstantes. Nada no exemplo dos ministros poderia representar traços de falsidade. Outro ponto importante que o autor mostra em sua escrita seria a necessidade de controlar os gestos corporais. Não poderia existir nenhuma mostra de feminilidade nas expressões corporais, desde os gestos manuais até a tonalidade de voz deveriam ser revelados mediante certa qualidade de tonalidade, ritmo e vigor masculino.

²⁵ . Lovely, then, is the virtue of modesty, and sweet is its grace! It is seen not only in actions, but even in our words, so that we may not go beyond due measure in speech, and that our words may not have an unbecoming sound. The mirror of our mind often enough reflects its image in our words. Sobriety weighs out the sound even of our voice, for fear that too loud a voice should offend the ear of any one. Nay, in singing itself the first rule is modesty, and the same is true in every kind of speech, too, so that a man may gradually learn to praise God, or to sing songs, or even to speak, in that the principles of modesty grace his advance. (Ambrose, B I, §67).

Por isso, assim como Cícero fala da voz e dos gestos, Ambrósio escreveu: “A voz também não deve ser lânguida, nem fraca, nem feminina em seu tom - tal tom de voz como muitos costumam usar, sob a ideia de parecerem importantes. Deveria preservar uma certa qualidade, ritmo e vigor viril (Ambrósio, L I, §84, tradução nossa).”²⁶ Semelhantemente Cícero, postula que “Como é pela voz que a palavra se faz entender, é preciso que a voz seja clara e suave. Essas qualidades vêm da natureza, mas uma se aperfeiçoa pelo exercício, e a outra, imitando aqueles que têm a pronúncia firme e suave (Cícero, 2019, p.73).”

Igualmente a modéstia era importante para que no cumprimento do dever os ministros ficassem longe de homens perdulários, banquetes extravagantes e relações íntimas com mulheres. Para tanto, o exercício da humildade, da gentileza, da seriedade e paciência garantiria uma vida sem acesso aos vícios estabelecendo a marca de um semblante calmo e fala reservada. Fundamentalmente, a calma e a reserva no falar assegurariam a guarda contra o levante da fúria, efetivamente mantendo o linguajar distante dos vícios, paixões e brigas inúteis. Para essa finalidade, ele dá o exemplo de Jó e Davi que mantiveram seus corações, mentes e lábios no objetivo da manutenção da paz, da sabedoria e paciência. Estes atributos contribuíram com a formação da mente preparada para refletir com leveza e quietude, consideração e cortesia, livre de afrontas.

Após ponderarmos a argumentação inferimos que Ambrósio acreditava na necessidade de controlar os vícios com a finalidade de formar pessoas para serem razoáveis e moderadas em relação a expressão dos desejos, gestos corporais e discurso: “Mas primeiro vem o qual eu chamo a fundação de tudo, nomeadamente, aquilo que nossas paixões deve obedecer, nossa razão (Ambrósio, LI, §106, tradução nossa)”²⁷. O autor insiste que o controle das paixões, por meio da moderação, resulta na qualidade do uso da razão e manutenção da liberdade e permite a conexão em relação mesmo conectado aos deveres para com o outro.

Dado a importância do uso da razão de forma moderada, ele aponta a existência de quatro virtudes para guiar os deveres dos ministros, baseados nos exemplos de Jó e Davi:

²⁶ The voice, too, should not be languid, nor feeble, nor womanish in its tone, —such a tone of voice as many are in the habit of using, under the idea of seeming important. It should preserve a certain quality, and rhythm, and a manly vigour. (Ambrose, B I, §84).

²⁷ “But first comes that which I may call the foundation of all, namely, that our passions should obey our reason (Ambrose, B I, §106). “

[...] Em primeiro lugar eles demonstraram a prudência, a qual é exercida na procura da verdade, e que mostra o desejo pelo conhecimento em sua totalidade; a seguir, justiça, a qual quando atribuída a cada homem, não procura o que é do outro, e desconsidera suas próprias vantagens, guardando o direito de todos; terceiro, coragem, que na guerra e na casa, em ambos evidencia mediante a grandeza do corpo e da mente; em quarto lugar, temperança, que preserva a forma correta e a ordem de todas as coisas que pensamos, fazemos ou dizemos (Ambrósio, LI, § 115, tradução nossa).²⁸

Em conformidade com autor, o uso da razão é o que proporciona a capacidade da prática das virtudes mencionadas nos personagens das escrituras. Observamos que em seu Tratado, entre o capítulo XXV e o capítulo final L, haverá uma ampla discussão a respeito das virtudes sempre relacionando-as a figuras sagradas principalmente, as do velho testamento: Abraão, Davi, Moisés, Noé, Jó, Salomão, dentre outros personagens. Segundo ele, a primeira fonte do dever é a prudência, mediante o uso dela as demais virtudes florescem. Portanto, diante do uso abundante da prudência ocorre a aplicação piedosa da justiça, a preservação da coragem (que para o autor, preservaria o país dos bárbaros) e a temperança que daria a todos a sabedoria para reconhecer a medida da eficiência da prudência e da moderação.

Pieper (2014), descreve o ato de filosofar como a relação do homem com a totalidade e esta relação encontra-se entrelaçada com o sentido do mundo e o sentido da história da humanidade:

No ato de filosofar realiza-se a relação do homem com a totalidade do ser. Filosofar dirige-se para o mundo como um todo. Porém, ao homem é dada “sempre”, “desde sempre”, antes de qualquer filosofia, antecedendo-a sempre, uma interpretação da realidade. E essa interpretação da realidade é dada sob a forma de uma tradição (em doutrinas e histórias), que justamente diz respeito ao todo do mundo, (Pieper, 2014, p. 55).

Deste modo, é preciso compreender os contextos históricos e filosóficos, para entender como o homem se relaciona na sua totalidade, no coletivo. Ser passível de interpretar requer examinar a realidade que é dada diante de uma tradição fundamentada em doutrinas e histórias; e, refletir a respeito desta questão relacionada à interpretação da realidade, isso parece ecoar na constante necessidade do homem

²⁸ [...] In the first place they showed prudence, which is exercised in the search of the truth, and which imparts a desire for full knowledge; next, justice, which assigns each man his own, does not claim another's, and disregards its own advantage, so as to guard the rights of all; thirdly, fortitude, which both in warfare and at home is conspicuous in greatness of mind and distinguishes itself in the strength of the body; fourthly, temperance, which preserves the right method and order in all things that we think should either be done or said (Ambrose, B I ,§115).

pela busca da verdade e da sabedoria para conhecer. Ambrósio depreende que: “Em todos homens há mentiras mas, de acordo com a natureza humana há um desejo pela procura da verdade, a qual lidera o anseio pelo conhecimento e aprendizado, e este desejo infunde em nós o ímpeto por ela (Ambrósio, LI, § 125, tradução nossa)”²⁹.

Na medida que o autor refere-se sobre a veleidade da busca pela verdade, ele destaca que as discussões que os filósofos trazem são falsidades sobre a mesma, pois baseiam-se em fundamentos obscuros conectados com a geometria e astronomia, fixados em medidas e números e que não consideram a salvação como essência da vida. Por isso, ele traz o exemplo de Moisés que buscou o aprendizado na sabedoria divina, ao invés de buscar o conhecimento dos egípcios: “Quem é mais sábio do que aquele que é ensinado por Deus, e quem trouxe do nada toda a sabedoria dos egípcios, e todo o poder de seus trabalhos manuais pela força dos seus trabalhos? (Ambrósio, LI, §123, tradução nossa)”³⁰.

Segundo Pieper (2014), para a teologia, a verdade encontra-se na capacidade de enxergar no mundo o caráter misterioso e inapreensível da realidade que interliga-se com a atribuição da existência humana à capacidade salvífica do cristianismo. De acordo com ele, o cristianismo exerceu a faculdade de formar no homem todas suas competências e aptidões cognitivas. Desta maneira, podemos apreender que quando se trata do exercício dos deveres, que depende de um ato cognitivo, Ambrósio ensinou, mediante as doutrinas cristãs a busca de uma verdade e o processo da razão, por intermédio da prática das virtudes. Assim, “E eles, por pensamentos profundos, por cuidadosa deliberação, não gastam em trabalhos pequenos a não ser alcançar a vida abençoada e virtuosa, e abordar sua semelhança por suas ações” (Ambrósio, LI, §125, tradução nossa)³¹.

A contribuição do cristianismo para a prática do ensino das virtudes observa uma tradição, no caso de Ambrósio, esta tradição segue os caminhos dos filósofos gregos e latinos. Obviamente, o ponto de vista está profundamente enraizado na necessidade de garantir a continuidade de uma ideia submetida às práticas da fé e da esperança da salvação mediante o reconhecimento da existência de uma divindade

²⁹ “In all men, then, there lies, in accordance with human nature, a desire to search out the truth, which leads us on to have a longing for knowledge and learning, and infuses into us a wish to seek after it (Ambrose, B I, §125).”

³⁰ “Who is more wise than he whom God taught, and who brought to nought all the wisdom of the Egyptians, and all the powers of their craft by the might of his works? (Ambrose, B I, §123).”

³¹ “And they, by deep thought, by careful deliberation, spend no little labour so as to be able to attain to that blessed and virtuous life, and to approach its likeness in their actions” (Ambrose, B I, §125).

trina. Para garantir a fundamentação destas bases tenciona-se interligar a ideia do homem que é imagem divina, que embora finito passa sua existência à procura da perfeição na esperança da salvação e de uma eternidade. Os deveres dos ministros para com a comunidade do século IV reside nos interesses do bispo de Milão em disseminar a fé cristã e para isso ele fomenta a prática das virtudes, daquilo que é útil e perfeito como categorias para que o objetivo seja atingido.

Observar as aspirações de Ambrósio em seus escritos leva-nos a apreender que ele propõe a manutenção de uma sociedade pela observação da tradição e conservação da memória. Os escritos deste pensador são resultado de ações individuais no coletivo, que acontecem por meio da compreensão das atividades humanas. Ambrósio encontrou nos exemplos de personagens bíblicos e na leitura dos filósofos um espelho para refletir sobre atitudes humanas. Ora, esse processo de construção que ele faz a respeito do papel que deve ser desempenhado pelos ministros recai na responsabilidade que há de um ser humano para com o outro. Essa responsabilidade para com o outro entrelaça com a subjetividade, com o reconhecimento dos símbolos e do imaginário, com a capacidade intelectual de compreensão do mundo e da abstração.

Para Le Goff (2013), nenhum documento é inocente, os documentos exercem o poder de manifestar as estruturas sociais, grupos dominantes e como se dá a perpetuação e a conservação da tradição da sociedade. Por causa disso, apontamos o Livro I, do tratado de Ambrósio sobre os deveres, como um documento histórico que tem na filosofia fundamentos que servem de introspecção da natureza humana mantendo por meio da memória a continuidade do cristianismo.

De fato, para sustentar essa ideia da preocupação com a educação e o ensino das pessoas baseados na transcrição dos filósofos para o ideal de uma tradição cristã, pode ser vista no seguinte trecho da *República* de Platão:

Mas, quanto aos sentimentos simples e moderados que o raciocínio dirige e que a inteligência e a reta opinião acompanham, encontrá-los apenas em raras pessoas, naquelas dotadas de excelente natureza, que uma excelente educação formou (*Rep.*, IV, 430e – 431d).

A educação seria o ponto fulcral, pois todos precisam da formação porque, atentamos ao fato de que só possui raciocínio, reta opinião e inteligência aquelas pessoas que foram muito bem educadas. Logo, sugerimos que a possibilidade desta boa formação ocorre somente mediante a presença de alguém que possa ensinar e

diante da clareza das funções exercidas por cada um. Na leitura completa do Livro IV, da *República* de Platão, encontramos os diálogos entre Sócrates, Adimanto e Glauco voltados para organização do espaço coletivo, que ocorreria mediante o entendimento de que cada um possui uma função no espaço comum.

É necessário, por conseguinte, examinar se, estabelecendo nossos guardiães, propomo-nos torna-los tão felizes quanto possível, ou se visamos a felicidade da cidade inteira, caso em que devemos coagir os auxiliares e os guardiães a assegurá-la, e persuadi-los, bem como a todos os demais cidadãos, de que devem desempenhar da melhor maneira as funções de que foram incumbidos; e quando a cidade houver crescido e estiver bem organizada, deixaremos cada classe participar da felicidade, segundo sua natureza (*Rep.*, IV, 421 a-d).

No Livro I do tratado de Ambrósio o ensino ocorreria no espaço da Igreja:

Nós não podemos escapar do dever de ensinar o qual as necessidades do sacerdócio nos entregou, mesmo que pensemos em escapar de fazer: “Porque Deus concedeu alguns, apóstolos; e alguns, profetas; e alguns, evangelistas; e alguns, pastores e professores (Ambrósio, L I, §2, tradução nossa)³².

Observamos, assim que, tanto nos diálogos platônicos, quanto nos diálogos ambrosianos há uma preocupação com a função desempenhada pelas pessoas na sociedade. No caso de Platão, o exemplo é o da cidade e da função dos cidadãos. Em relação ao discurso de Ambrósio é sobre a função divina dada aos homens da Igreja e como eles devem exercê-las.

Para Ambrósio, as virtudes são vistas nos anciões das escrituras e eles demonstraram em cada etapa de suas vidas as virtudes descritas pelos filósofos. Entre os capítulos XXV, o autor descreve as vidas de Abraão, Jacó e Noé como exemplos das quatro virtudes.

No quadro abaixo faremos uma descrição de quais virtudes estes personagens, relacionados por Ambrósio em seu Tratado, possuíam e em quais circunstâncias o autor entendeu que eles representaram ter estas virtudes. Leva-se em consideração que o bispo compreendia que os personagens antigos das escrituras sagradas eram mais importantes que atos de inteligência e astúcia: “Que a vida dos antigos pais seja para nós um espelho de virtude, não uma mera coleção de atos astutos e inteligentes.

³² “For we can no longer now escape from the duty of teaching which the needs of the priesthood have laid upon us, though we tried to avoid it:30 “For God gave some, apostles; and some, prophets; and some, evangelists; and some, pastors and teachers” (Ambrose, B I, §2).

Mostremos reverência ao segui-los, não apenas inteligência em discuti-los. (Ambrósio, L I, §116, tradução nossa).³³

Quadro 2 - Relação entre os personagens bíblicos e as virtudes no Tratado de Ambrósio

Personagem	Virtudes	Circunstâncias
Abraão	Prudência	Abraão foi o primeiro a demonstrar prudência ao crer na existência de um só Deus; §117
	Justiça	Quando levou seu filho ao sacrifício; §119
	Coragem	Ao permanecer fiel aos princípios divinos, mesmo tendo que sacrificar seu filho; §119
	Temperança	Demonstrou equilíbrio quando explicou ao filho quem era o sacrifício, ou seja, o próprio filho; §119
Jacó	Sabedoria	Viu a face de Deus e recebeu uma benção; §120
	Justiça	Soube dividir seus bens em equidade com o irmão; §120
	Coragem	Quando lutou com um anjo; §120
	Moderação	Preferiu esconder a humilhação da filha do que se vingar
Noé	Sabedoria	Construiu uma arca sozinho; §121
	Justiça	Preservou a raça humana; §121
	Coragem	Ao enfrentar o dilúvio; §121
	Temperança	Ao aguentar o tempo das águas do dilúvio abaixarem; §121

³³ Let the life of the fathers, then, be for us a mirror of virtue, not a mere collection of shrewd and clever acts. Let us show reverence in following them, not mere cleverness in discussing them. (Ambrose, B I, §116).

A partir do capítulo XXVII ele principia a explicar que a prudência aparece como o primeiro dever dos ministros, porém, tudo está tudo muito conectado, inclusive ele observa que a justiça só pode existir se houver prudência:

A primeira fonte do dever, então, é a prudência. Pois o que é mais um dever do que dar ao Criador toda a devoção e reverência? Esta fonte, no entanto, é desviada para outras virtudes. Pois a justiça não pode existir sem prudência, uma vez que exige muita prudência para ver se uma coisa é justa ou injusta. Um erro de qualquer um dos lados é muito grave. “Pois aquele que diz apenas o homem é injusto, ou um homem injusto é justo, é amaldiçoado por Deus. Por que a justiça abunda até os ímpios?” diz Salomão. Nem, por outro lado, a prudência pode existir sem justiça, pois a piedade em direção a Deus é o começo da compreensão. No qual notamos que este é um empréstimo bastante do que uma ideia original entre os sábios do mundo, pois a piedade é o fundamento de todas as virtudes (Ambrósio, L I, § 126, tradução nossa).³⁴

Se pensarmos que ele traz consigo a leitura do livro de Platão, *A República* e nele o filósofo grego trata a justiça como a virtude que mantém os cidadãos aptos a fazer suas próprias tarefas e cuidar do próprio trabalho. Para Ambrósio, a justiça está diretamente ligada com a comunidade. A sociedade estaria ligada à justiça e a boa vontade, que também poderia ser chamada de generosidade e compaixão, o autor salienta que a generosidade oferece a possibilidade de fazermos um bom julgamento e a compaixão pode demonstrar o que há de bom em nós. Na verdade, a justiça é tão importante que deveria ser demonstrada em todo o tempo, porque o fundamento dela é a fé.

Vale ressaltar que ao trazermos os exemplos e a fala de Ambrósio de Milão sobre o cristianismo e a Igreja queremos demonstrar por meio da fonte primária da nossa pesquisa o papel da fé e dos dogmas na formação do homem cristão. Entendendo que este homem cristão estava inserido num contexto de transformações sociais muito intensas, vividas no Império romano. Analisar e refletir sobre a escrita ambrosiana seria um caminho para entendermos as dinâmicas do século quarto. Porém, não necessariamente a filosofia cristã tenha sido o único meio de salvaguardar a sociedade.

³⁴ THE first source of duty, then, is prudence.¹⁸⁵ For what is more of a duty than to give to the Creator all one's devotion and reverence? This source, however, is drawn off into other virtues. For justice cannot exist without prudence, since it demands no small amount of prudence to see whether a thing is just or unjust. A mistake on either side is very serious. “For he that says a just man is unjust, or an unjust man is just, is accursed with God. Wherefore does justice¹⁸⁶ abound unto the wicked?”¹⁸⁷ says Solomon. Nor, on the other hand, can prudence exist without justice, for piety towards God is the beginning of understanding. On which we notice that this is a borrowed rather than an original idea among the worldly wise, for piety is the foundation of all virtues (Ambrose. B I, §126).

Deste modo, a Igreja desempenharia seu papel que estaria ligado à função de Cristo, fundamento da Igreja e o fundamento da fé. Ambrósio clarificou no § 142 do Tratado, que, uma vez que Cristo era o fundamento da Igreja, e a fé em Cristo era o exercício da justiça, desta forma, só existiria justiça por meio da Igreja. O bispo de Milão usou o exemplo do apóstolo Paulo que escreveu em suas cartas que Cristo era a pedra fundamental da Igreja e que tudo na vida cristã era baseado nesse fundamento, portanto, a fé era a base e só haveria justiça mediante a fé. A justiça seria o veículo para que os indivíduos pudessem exercer a boa vontade e ela somente existiria no interior da Igreja mediante o exercício da comunhão da fé, do sacramento do batismo e da comunhão por meio dos mistérios.

A demonstração que o autor faz sobre as virtudes ligadas aos personagens das escrituras sagradas, serviria para consolidar a ideia de cristianismo. Pieper (2011) esclarece que a ideia da imagem do homem como reflexo da imagem de Deus é algo comum para a moral cristã. Para ele, ensinar que o homem é a imagem de Deus e que os homens das escrituras sagradas refletem esta imagem é o caminho para definir as virtudes cristãs como mais importantes que as virtudes descritas pelos filósofos. O mais interessante é que Ambrósio de Milão consegue consolidar as virtudes com a fé. Por exemplo, quando ele trata da justiça como algo harmonioso e imparcial, ao mesmo tempo, auxiliado pela camaradagem aliada a boa vontade dos indivíduos leva a ideia de que a boa vontade contém nela mesma a coragem que os cristãos possuem para convivência pela fé e por meio dela tornarem-se um só no corpo de Cristo.

Consideramos que para o bispo de Milão é fulcral o entendimento das virtudes, da modéstia, da dignidade correlacionadas à ideia de fé. Em todo o tempo, no Tratado, pede-se ao ministro que seja virtuoso e demonstre a justiça, a temperança, a coragem e a prudência de modo que possa atender a comunidade cristã de maneira correta, com determinada compostura do corpo e da voz. Na verdade, as ações dos ministros deveriam ser acompanhadas de um decoro que estaria diretamente relacionado com o dever deles para com os outros. O relacionamento com a comunidade teria que necessariamente ser livre de todos os vícios e paixões. Podemos interpretar os deveres dos ministros como um *modus operandi* para a época histórica de Ambrósio, na qual a sociedade romana passava por um período crucial de mudanças no *ethos* político e religioso.

Indubitavelmente, Ambrósio trabalha com as virtudes para que a partir dela tenhamos aquilo que se pode chamar de ideia cristã e homem. Pieper (2011) trabalha

com esta ideia da importância ética de se ter um cristão virtuoso que consiga reconhecer o que é bom. A nosso ver para a patrística, trata-se de uma valorização do cristianismo em ascensão, a ideia de uma doutrina cristã para ser seguida. Isso nos faz pensar em como era importante aspirar a uma ordem e uma integração.

Temos então, a necessidade de compreender que no período do século IV, os homens estão sendo apresentados a esta doutrina que vê o homem a imagem e semelhança de Deus. Vemos que a função dos pais da igreja era ensinar sobre esta moral cristã ordenada para que aqueles que exercessem o ministério sacerdotal fossem honestos, úteis e virtuosos, ou seja, um exemplo de homem para aquele momento histórico. A contribuição da escola estoica neste sentido, é fundamental uma vez que seu pragmatismo proporciona esta qualidade de querer resolver os problemas da vida.

O homem exemplar ambrosiano baseia-se em dois pilares: na trindade e no cristocentrismo. Ambos pilares, são reforçados pelo Império Romano nos éditos, sínodos e concílios reforçando a propagação do cristianismo. Este homem cristão deve ser o exemplo de perfeição porque ele assemelha-se a divindade que reencarnou. É interessante esta noção deixada no tratado pelo bispo de Milão porque é o homem finito que no plano terreno cumpre com as virtudes e se afasta dos vícios, mas que, ao mesmo tempo, possui em seu cerne a ideia de vida eterna. Seria a perfeição do cristianismo, lidar com a finitude sabendo da existência da eternidade.

Para Ambrósio, ter mais semelhança com Cristo seria o poder sobrenatural do cristão e a oportunidade dele desempenhar o mesmo papel de entrega e abnegação que o filho teve ao deixar sua divindade e viver como os próprios homens. Além de seguir o exemplo de Cristo, dedicar-se às virtudes seria o princípio da verdade. O conhecimento das virtudes que Ambrósio trata com os exemplos dos personagens das escrituras sagradas, levaria os ministros a um contato com a realidade de forma que eles pudessem exercer com decoro e ordem, seus deveres como ministros da comunidade eclesial. Acreditamos que neste Tratado, é importante compreender, que a forma pedagógica que o bispo de Milão ensina cria raízes e hábitos para os homens cristãos do século IV, dando a eles capacidade para identificar o uso da razão. O estudo ambrosiano trata da razão que é determinada pela fé, e é importante porque somente a partir dela esses ministros do quarto século podem ter conhecimento de si mesmos e pensar no outro dando sentido ao viver coletivamente.

Em síntese, notamos que começando pela prudência, os clérigos aprendem o que seria a obrigação para com o outro e a sabedoria para ensinar. Esta mesma prudência proporciona a benevolência para o uso da justiça. Nisso, há uma objetividade nas sequências utilizadas no tratado, porque a escrita era feita de maneira diligente para que os ministros pudessem se atentar para aquilo que era ‘útil e honesto’ no cumprimento do dever. E este dever se relacionava estruturalmente à justiça, a uma vida justa que levasse a benevolência e realização das coisas com coragem. A perfeita forma de viver com justiça, daria a estes ministros o benefício de agir com modéstia e verdade. Os exemplos encontrados por eles nas escrituras seria o remédio para a formação de homens cristãos.

Outro quesito que nos chamou atenção, durante a leitura do Tratado, foi o uso do silêncio, a quietude e a suavidade no falar. Podemos entender também que seria um modelo de homem cristão que teme, que tem medo de falar aquilo que não deve para não constranger o outro. Assim, manter o silêncio era se afastar do mal, da perversidade e compreender que a fé no amor, na esperança da justiça levaria a ser um ministro capaz de atender seu dever para com a comunidade. A temperança e a moderação, aliadas a coragem e a justiça, seria o que daria vida ao caminho da vida do sacerdote. Compreendendo que seus deveres, se estruturavam pelo caminho da sabedoria e da vida.

3. ANÁLISE DOS TRATADOS: DOS DEVERES DE CÍCERO E DOS DEVERES DOS CLÉRIGOS DE AMBRÓSIO DE MILÃO

3.1. Considerações sobre o tratado *Dos deveres de Cícero e Dos deveres dos clérigos de Ambrósio*

Neste capítulo faremos uma análise dos dois Tratados: de Cícero, *Dos deveres* e de Ambrósio *Dos deveres dos clérigos*, com a intenção de observar a influência, principalmente, da moral estoica³⁵ em ambos os escritores. No período romano, de

³⁵ De acordo com Inwood (2006), o estoicismo tem seu fundamento nas atividades filosóficas de Sócrates (470 a. C- 399 a.C.). Mas de fato, a jornada histórica começa com Zenon de Cício (333 a.C. – 263 a. C), prossegue cheia de altos e baixos nos quais a filosofia estoica tem a função de solucionar o problema da vida, de maneira dialética e retórica. Para Sedley (2006), as fases históricas do estoicismo são marcadas pela fundação da escola de Zenon e Crisipo (281 a.C. – 208 a.C.), a era de Panécio (185 a.C. – 110 a.C.) e Posidônio (135 a. C.- 51 a.C.) e o período imperial romano, dominado por Sêneca (4 a.C. -?), Epicteto (50 d.C.- 138 d.C.) e Marco Aurélio (121 d.C. – 180 d.C.). No entanto, o que nos interessa seria o período imperial romano.

acordo com Gill (2006), o tema das obras era a ética e a moral. Mesmo que não existisse uma escola institucionalizada como no tempo helenístico, havia a continuidade do estudo das três áreas consideradas importantes para o estoicismo: a lógica, a ética e a física. Nos séculos III e IV d.C. autores neoplatônicos e cristãos acharam nestas áreas as ideias principais para desenvolver seus sistemas de escrita. Em suma, para os autores neoplatônicos e cristãos tratar do fim supremo do homem era expressar que a felicidade residia no cumprimento das virtudes e mal residia nos vícios e no dano que estes vícios poderiam acarretar ao outro.

Um dado importante, seria que os tratados produzidos nesta era do Império romano continuaram com a característica de descrever o desenvolvimento humano, o sentido da natureza e a epistemologia das coisas de forma racional e naturalista. A preocupação com a ética mais no sentido de como as ações humanas estavam mais em poder dos homens e com a responsabilidade humana sobre as coisas. Sempre levando em consideração como era importante agir de forma virtuosa ou de progredir em direção à virtude, ou seja, neste período existiu uma preocupação em avaliar o valor de cada coisa, saber como adotar e controlar os impulsos em relação aos objetos avaliados ou interesses desejados e ter consistência entre o impulso e a ação (Gill, 2006).

Por causa que o estoicismo é uma filosofia de rigor moral, veremos então nos Tratados um rigor muito grande na escrita para deixar claro aos homens que é preciso seguir uma ordem útil e honesta. Seria o destino da humanidade, ter esta responsabilidade para com o outro em sua formação, nos seus gestos, na constituição física de seus corpos e suas interações. Pensar no estoicismo é falar de um sistema prático de ordem, utilidade, eventos regulares da natureza que ajudam a apreender a sequência natural das coisas.

Para o cristianismo, acreditamos que esta forma estoica de ver o mundo foi imprescindível, pois, na ordem criacionista é preciso existir uma estabilidade, uma convenção que faça com que o indivíduo seja compreendido em meio ao coletivo usando seu corpo de maneira virtuosa, assim como Cristo foi o fundamento da Igreja e usou seu corpo com sabedoria e virtude para que existisse um padrão de fé e razão. Outra coisa que precisamos esclarecer é que, mesmo que os Tratados sejam um de caráter cristão e outro de caráter filosófico, ambos são escritos por romanos. O que

significa dizer que estão preocupados exclusivamente com problemas de qualidades morais, mais positivas, realísticas e práticas quase religiosas. Por isso, a facilidade do cristianismo em se apropriar da filosofia estoica.

Nos estudos que realizamos observamos mediante a leitura de *Dos deveres* de Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) e *Dos deveres dos clérigos* de Ambrósio de Milão as semelhanças que há entre as obras. Percebemos que as semelhanças são intencionais por parte de Ambrósio, uma vez que ele usa o Tratado de Cícero para compor seu próprio Tratado. Até mesmo Agostinho de Hipona (354 - 430) escreveu no livro *Confissões* a respeito da influência de Cícero e da retórica como os escritos filosóficos poderiam ser enganosos para os cristãos, ao mesmo tempo que todos apreciavam os escritos sobre liberdade, litígios e o idealismo de Cícero, Agostinho apontou em seu livro como ele foi seduzido pela filosofia antes de conhecer os ensinamentos das escrituras sagradas:

Apenas me deleitava, naquela exortação, o fato de essas palavras me excitarem fortemente e acenderem em mim o desejo de amar, buscar, conquistar, reter e abraçar, não esta ou aquela seita, mas sim a mesma sabedoria, qualquer que ela fosse. Uma só coisa me magoava no meio de tão grande ardor: não encontrar o nome de Cristo (*Confissões*, L III, c.4 §8).

Determinei, por isso, dedicar-me ao estudo da Sagrada Escritura, para a conhecer. Vi então uma coisa encoberta para os soberbos, obscura para as crianças, mas humilde ao começo, sublime à medida que se avança e velada com mistérios. [...] O que senti, quando tomei nas mãos aquele livro, não foi o que acabo de dizer, senão que me pareceu indigno compará-lo à elegância ciceroniana (*Confissões*, L III, c. 5, §9).

Devido a esta exposição de Agostinho de Hipona é fácil para nós compreendermos o porquê Ambrósio de Milão escreveu um Tratado similar ao de Cícero, dado que ambos os autores estavam preocupados com a honestidade e a utilidade das virtudes. Muito embora, existisse a elegância retórica de Cícero e Ambrósio também preocupasse com a beleza da escrita, a escrita de um era uma moral filosófica e a de outro uma moral religiosa. Agostinho narra em *Confissões* o encontro que teve com Ambrósio e como ele ficou extasiado com a segurança com a qual o bispo falava:

Ardorosamente o ouvia quando pregava ao povo, não com o espírito que convinha, mas como que a sondar a sua eloquência para ver se correspondia à fama, ou se realmente se exagerava ou diminuía a sua reputação oratória. Estava suspenso das suas palavras, extasiado, porém indiferente e até mofando do que ele dizia. Deleitava-me com a

suavidade do discurso, bem mais erudito do que o de Fausto, porém menos humorístico e sedutor na apresentação (*Confissões*, L V, c.13, §23).

Percebemos pela descrição que Agostinho faz da oratória de Ambrósio a seriedade que o bispo tinha com a busca por um discurso que deixasse claro a proposta do cristianismo. Não um discurso sedutor, porém uma narrativa que deixasse claro a importância das escrituras sagradas em relação à filosofia. É perceptível esta intenção na escrita dos *Deveres dos clérigos* em contrapartida ao tratado de Cícero *Dos deveres*.

Durante nossas leituras de ambos tratados, especialmente do Livro I, de cada um deles, observamos que é recorrente para Cícero relacionar as virtudes com a filosofia da moral e contumaz a Ambrósio relacionar as virtudes à fé. Desta maneira, notamos a escrita do tratado do Bispo de Milão para solidificar e articular a instituição do cristianismo. Enquanto para Cícero, escreveu ao seu filho, Marco Túlio Cícero Menor (65 a.C. – 27 a. C.) era uma maneira de fazê-lo compreender, dentre outras coisas que: “A questão sobre o dever é dupla: se relaciona com a natureza do bem e do mal e encerra os preceitos que devem regular todas as nossas ações” (Cícero, 2019, p. 31).

Ambos os Tratados procuram obter êxito no ensino de um projeto de homem, de cidadão, de filho, de jovem, de ministro. A nossa discussão perpassa por esta questão, o que buscamos é deixar claro que para Ambrósio de Milão há um projeto de educação em andamento que se preocupa em dar embasamento aos seus pregadores para que eles possam ensinar de forma útil e honesta aos homens do século IV.

Observamos, portanto, uma forma de educação característica da Patrística ensinar as escrituras sagradas usando alegorias e metáforas. No que diz respeito ao uso do intelecto, que perpassa o uso da razão pelo exercício da fé, o motivo do ensino é o uso das escrituras para o aprendizado da sabedoria, da tolerância, da modéstia, a justiça, a temperança e até mesmo o uso da postura corporal. Para existir o ensino e o uso do intelecto é preciso saber como usar o silêncio, a quietude. O mestre que possui estas características terá a função de educar no sentido de manutenção do processo civilizador e para que o homem possa fazer uso de seus conhecimentos com sabedoria no exercício da coletividade.

Claro que, viver coletivamente e participar destas relações políticas e religiosas tem seus efeitos históricos. Podemos inferir que as declarações de Ambrósio em seu tratado dão sentido ao que Le Goff (2005), menciona a respeito do cristianismo como um falso aliado de Roma. Basicamente o autor descreve que para a Igreja o Império romano funcionou como um modelo, um instrumento para se firmar e mais “religião com vocação universal, o cristianismo hesita em se fechar nos limites de uma dada civilização” (Le Goff, 2005, p. 21). Embora que para Ambrósio não era o caso de querer expandir junto com as demais civilizações porquê “Santo Ambrósio via nos bárbaros, inimigos desprovidos de humanidade e exortava os cristãos a defender pelas armas” (Le Goff, 2005, p.23).

Posto isso, voltemos à ideia de continuidade do cristianismo mediante os escritos dos padres da Igreja durante o período da antiguidade tardia. É possível verificar a preocupação do bispo de Milão na escrita do tratado em utilizar a filosofia discutida pelos gregos e latinos para ratificar que as escrituras sagradas e seus personagens inspirados pelo deus cristão já tratavam muito antes de todos os outros filósofos a respeito das virtudes, da benevolência, da modéstia, da moderação e tudo aquilo que concerne à discussão a respeito da natureza humana. Por isso, utilizamos Le Goff (2005) para existir o entendimento da apropriação não só daquilo que faz parte do Império Romano todo, mas, também e efetivamente a apropriação intelectual.

Falamos a respeito desta apropriação intelectual também não significa que sejamos originais Hannah Arendt (2019) escreveu que para Platão o princípio da filosofia é o espanto, para Aristóteles o princípio seria a perplexidade e a conscientização da ignorância, ou seja, os homens sempre estão preocupados em descobrir o que os tornam humanos e o que permite a convivência social.

Enquanto Platão continuou mantendo que a verdadeira *arché*, início e princípio da filosofia é o espanto, Aristóteles, nos parágrafos iniciais da *Metafísica*, interpretou – e foi o primeiro a fazê-lo – esse mesmo espanto como pura perplexidade ou desorientação (*aporein*); por meio da perplexidade, os homens conscientizam-se da sua ignorância a respeito das coisas que se deixam conhecer, começando pelas “coisas que estão à mão” e avançando em direção a “grandes assuntos, como o Sol, a Lua, as estrelas e a gênese de todas as coisas” (Arendt, 2019, p.134).

Ao longo do tempo, por questões políticas e de poder, há adequações nas visões, ao que tudo indica, o princípio continua o mesmo. Na verdade, o que

fundamentalmente irá acontecer será a manutenção das memórias, dos documentos, das tradições para que ocorra a continuidade da civilização.

3.2. As semelhanças entre os Tratados de Cícero e Ambrósio de Milão

Discorreremos sobre as semelhanças do Tratado de Ambrósio, em relação ao título, à divisão dos capítulos e à demonstração do que é útil e honesto no desempenho das funções dos ministros. Resgataremos a importância de relacionar os Tratados, começando por Cícero e observando o propósito de seu Tratado. Em primeiro lugar consideraremos que o autor publicou sua obra endereçada a Marco Cícero, seu filho, percebemos que a mesma estava imbuída, de acordo com Neto (2019) de um “precioso repositório da ética antiga, ou seja, dos preceitos e deveres que fizeram o grande povo romano [...] traz, no seu âmago, os eternos princípios que restauram o pensamento e a fé nos destinos da humanidade” (Neto, 2019, p. 27).

A grande preocupação de Cícero seria com a honestidade que ao ser exercida, principalmente no âmbito político, seria uma virtude integrada na filosofia moral. No Livro I, ele principia escrevendo que o filho dele deveria estar preparado para desenvolver seu pensamento e oratória tanto na língua grega como na língua latina. E que por causa da sua autoridade paterna ele escrevia, porque sabia que tanto nos negócios públicos ou privados, civis ou domésticos, ações particulares ou transações, nada escaparia do dever. Observar o dever seria sempre honroso e negligenciá-lo uma desonra.

A questão da honestidade seria algo muito patente para Cícero porque para ele perseguir o que é honesto consistiria em enxergar a honestidade como um único bem ou como algo preferível. No estudo ele segue os estoicos, porque eles deram a ele a base para entender de forma nítida e precisa aquilo que se quer tratar mediante o uso da ordem e do método. Sobre o dever, Cícero afirma que se trataria de uma questão dupla que relacionaria a natureza do bem e do mal e conteria aquilo que sancionaria todas as ações dos homens. Sob este aspecto, o dever estaria relacionado com aquilo que é correto e perfeito. A identificação do que é correto e perfeito aconteceria por causa da capacidade do uso da razão, pois o homem com a ajuda da razão perceberia as consequências, a origem e a marcha das coisas. Sendo assim poderia compará-las e associá-las com o passado e o futuro fazendo uma previsão para aquilo que o aguarda, isso tudo, feito em nome da busca pela verdade.

Com este intuito em mente o homem poderia perseguir aquilo que é importante para a vida: harmonia social, grandeza da alma, a ordem, constância, moderação e demais virtudes. Assim, o indivíduo não deveria se concentrar em especulação, mas na ação e sendo correto na observância da honestidade e decência. Para tanto, há uma preocupação com a justiça, que segundo o autor, seria a mais esplêndida das virtudes e a primeira qualidade do homem de bem, seguida da caridade que seria denominada como bondade:

O fundamento da justiça é a boa-fé, ou seja, a sinceridade nas palavras e a fidelidade nas convenções. Embora isso possa parecer forçado, imitamos os estoicos, que procuravam cuidadosamente a etimologia de cada termo. Cremos que a boa-fé vem de fazer, porque que se faz o que se diz (Cícero, 2019, p. 36).

O autor também observa que a existência da justiça e da honestidade só é possível perante a atenção um para com os outros e este, seria o maior dever dos homens. O qual, com efeito ocorreria mediante ao ensino, principalmente, do ensino do que é justo ou injusto. Este ensino deveria ser realizado sem dúvidas porque a dúvida “[...] é sempre presunção da injustiça” (Cícero, 2019, p. 38). Além disso, era preciso pensar a respeito da injustiça cometida por meio da violência e fraude cometidas por homens que possuíam aparência do bem, no entanto, eram enganosos. Nesse sentido, para que não houvesse injustiça seria preciso a existência de um governo justo que exercesse o dever para com o outro e, ao mesmo tempo, não negligenciar a preocupação em função da outra parte. Segundo Cícero, a justiça não causa dano ao outro e se utilizada de forma moderada não ofende nenhuma das partes e ainda mantém as boas relações.

Assim, para estabelecer o dever é preciso regras que nos mantenham longe da cólera, que reprima e nos acalme, exercendo no homem uma qualidade de contínua observância em respeito às suas próprias ações, a fim de que não existam atos insensatos e arriscados. Estas regras seriam essenciais porque, de acordo com o filósofo romano, “[...] o espírito humano se nutre de instrução, sua mente está sempre em ação, e o prazer de ver e entender é atração contínua” (Cícero, 2019, p. 63).

Como afirma Cícero, a dignidade e a decência são imprescindíveis porque a natureza presenteou o homem com uma dupla personalidade. Uma delas seria comum a todos: razão e dignidade, que diferenciaria os homens dos animais e seria o princípio dos deveres; e a outra própria de cada indivíduo, ou seja, alguns seriam amáveis, outros guerreiros e qualidades corporais diferentes, mas em todas as

situações, o que valeria seria a manutenção da personalidade como parte da manutenção do decoro e da dignidade; no intuito de manter o caráter e as ações coerentes com o exercício da vida em sociedade. Para isso, cada um teria que autoconhecer e saber o que possuía de mau ou bom, evitando a ilusão de adquirir características não concedidas pela natureza, questionando as deficiências.

É por isso que cada um, para o bom funcionamento do coletivo, deve aplicar a coisas distintas: uns à filosofia, outros à lei, outros à eloquência, pois há virtudes que podem agradar a todos. No entanto, não se pode esquecer que para ter êxito no exercício das funções é preciso ter um bom juízo de caráter e cumprir seus deveres. Pensando que esta será a herança que deixarão, dado que, os deveres da justiça, da honestidade, da benevolência, da modéstia, da moderação serão conduzidos por meio da sabedoria dos mais velhos aos mais jovens. Essencialmente, no sentido de prevenir os jovens contra os vícios e para que eles trabalhem o corpo e a mente e estejam aptos a respeitar aos outros, as leis, a igualdade e lutar contra a altivez vivendo em honestidade e tranquilidade.

Cícero identifica um padrão para este homem que cumpre com a justiça e dignidade para com o outro. Antes de tudo, ele deve ter decoro, compostura e graça no vestir, não cometer maledicências, resguardando daquilo que ofendesse os olhos e ouvidos. Basicamente, a forma de andar, falar e comer teria que ser rodeada pela discrição:

A dignidade do semblante deve se manter com boa coloração, devendo ser fruto do exercício. O homem deve ter um asseio nem rebuscado nem chocante e isento de tudo que traga a marca da grosseria e da negligência. É preciso a mesma regra na maneira de se vestir; e sobre isso, como em uma infinidade de outras coisas, a modéstia é o que melhor convém (Cícero, 2019, p. 72).

A palavra, tanto no discurso formal quanto na conversação íntima, tinha enorme valor. A oratória na tribuna e no senado era diferente da conversa familiar e festiva. A diferença era obrigatória porque na tribuna os preceitos do discurso eram a retórica e na conversação íntima, não. Como arte de falar bem, a retórica deveria ser aprendida mediante uma boa argumentação, boa oralidade e eloquência. Nesse sentido, só haveria mestres se existissem discípulos para aprender a arte do discurso.

Mais importante seria o cuidado com a linguagem, “(...) é preciso atentar no que se fala, tratando seriamente de coisas sérias, agradavelmente de coisas jocosas” (Cícero, 2019, p.74). Vejamos, há parâmetros que o homem ciceroniano carece eleger

para desempenhar com afinco seus deveres e uma das partes que compreendemos como mais interessantes é que este dever de cumprir com a justiça, modéstia e compostura vale até para com os inimigos:

Nas contestações, mesmo quando nos dizem coisas acerbas, é preciso guardar moderação e sangue frio, evitando a ira. Pois o que se faz com arrebatamento não se mede nem recebe aprovação dos que ouvem (Cícero, 2019, p.74-75).

Ora, este homem possui qualidades exemplares que fazem dele capaz de conviver tanto no público, quanto no privado respeitando uma certa ordem e servindo ao outro efetivamente com dignidade. A garantia desta dignidade pressupõe estar acima de todas as coisas para que o dever seja cumprido, ou seja, o homem deve servir no âmbito público do mesmo modo que serve no âmbito privado, nem mais, nem menos. Ele precisa manter seu exemplo em ambos locais, um seria a garantia do outro: “[...] sua casa deve servir como acompanhamento de sua dignidade, e não fazer consistir sua dignidade na casa: o dono honra sua casa e não a casa, seu dono” (Cícero, 2019, p. 75).

Ainda convém lembrar que, é preciso subordinar nossos desejos à razão e por causa disso prestar maior atenção aos defeitos dos outros para não virmos cometer os mesmos erros. Portanto, seria o melhor meio de não errarmos, uma vez que vendo o que está de errado no outro é melhor para corrigir o que há de errado em nós. Por outro lado, para que estas qualidades sejam refletidas neste homem pensado por Cícero seria indispensável que a razão, o agir, o falar, o decoro derivasse daquilo que o orador considera como as quatro fontes dos deveres: a prudência, a justiça, a magnanimidade e a moderação. Sendo que a mais nobre de todas elas seria a sabedoria, também conhecida como prudência.

[...] mais nobre de todas as virtudes é essa sabedoria (*sofia* em grego) que os gregos chamam “prudência” (*frónésin*) e nós entendemos o conhecimento do que é preciso evitar e do que é preciso procurar; ao passo que a sabedoria, para mim a primeira das virtudes, compreende o conhecimento das coisas divinas e humanas, naquele que encerram as relações dos deuses e dos homens, e da sociedade dos homens entre eles (Cícero, 2019, p.80).

Acrescente-se a sabedoria, a justiça; a mesma seria considerada pertencente ao gênero humano e, portanto, neste sentido ela estaria mais ligada à razão humana do que a própria prudência. Mesmo que a prudência seja preferível, a sabedoria cumpre o papel de ligação entre o divino e o homem. A justiça, por sua vez, compara-

se àquilo que se refere às escolhas corretas exercidas pelos indivíduos. Entretanto, para que esta justiça seja desempenhada de forma completa como dever, é preciso que exista àqueles que ensinam. Leva-se em consideração, pelo autor, que os mestres durante suas vidas ensinam e mesmo após sua morte continuam ensinando. Pois, devido suas obras, permitem que não aconteça o esquecimento dos costumes, das leis e da boa conduta.

Evidenciar o pensamento de Cícero no seu livro I, do Tratado *Dos deveres* nos permitiu começar a avaliar o que escreve Ambrósio em seu próprio Livro I, do Tratado *Dos deveres dos clérigos*. Tendo isso em vista, começamos a descrever o que Ambrósio entende em seu Tratado como deveres dos clérigos para que possamos, desta forma, analisar o que se constitui **dever** para ambos autores. O bispo de Milão escreveu que ele não necessitaria pensar muito dele mesmo, mas, se preocupar em educar o que ele considerava suas ‘crianças’ com os mesmos preceitos do mestre da humildade, que segundo ele era Jesus o Cristo, porque conforme autor, Cristo educou com sabedoria e guiou seus filhos a uma vida repleta de bênçãos. Logo, devido a isso, ensinar como Cristo era um dever do qual o clero não poderia escapar.

A ideia ambrosiana era escrever com cuidado e diligência sobre as coisas sagradas, para que não existissem dúvidas a respeito da constituição do cristianismo. Ademais, havia uma preocupação por parte dele em ser bem-sucedido no ensinar e, ao mesmo tempo, estar atento para aprender. Durante nossas leituras percebemos esta inquietação na escrita do autor quando ele classifica que seu aprendizado ocorreu par e passo com seus ensinamentos. Na verdade, ele esclarece que aprendeu e ensinou ao mesmo tempo, porque não teve tempo livre para aprender antes. Agostinho, atenta-nos para que Ambrósio era um homem muito ocupado, sempre atendendo multidões de homens de negócios, possivelmente seria este o motivo que Ambrósio alega para ensinar e aprender ao mesmo tempo: “As multidões dos homens de negócio, a quem ele acudia nas dificuldades, impediam-me de o ouvir e de lhe falar (*Confissões*, L VI, c.3, §3). “

Agora, o que o autor contempla acima de tudo é a manutenção do silêncio, ele explicita que é mais seguro manter o silêncio do que falar algo inapropriado e fora do tempo. No entanto, compreende o quanto é difícil manter o silêncio e não falar “Esta é a razão por que as escrituras dizem bem: ‘um homem sábio se cala até que chegue

o momento oportuno’.” (Ambrósio, L I, §5, tradução nossa).³⁶ Para Ambrósio, é certo que os homens amem o silêncio, porque a voz deles contém pecado e a fala deles seria sempre o princípio do erro. Para ele, somos castigados pela nossa própria voz, quando dizemos coisas que machucam nossa alma e ferem dolorosamente os nossos pensamentos.

Semelhantemente identificamos na escrita *Dos deveres dos clérigos* a importância que é dada ao fato de não se apressar ao falar. No Tratado existe a afirmação do autor conforme as leis das escrituras onde ele cita: “Ouve Israel! O Senhor nosso Deus é um só” (Bíblia, 1993, Dt. 6:4, p. 205). De acordo com ele não se diz ‘fale’ e sim ‘ouça’. De conformidade com o discurso do autor vemos que o homem que ele está instruindo precisa seguir determinadas ações, o que fica claro na seguinte declaração que ele cita: “Como poderá um jovem manter uma conduta irrepreensível? Cumprindo tua palavra” (Bíblia, 1993, Sl. 119: 9, p. 739). Sob o mesmo ponto de vista, o autor compreende que é preciso o silêncio antes de tudo, e escutar antes de falar.

Sobretudo temos a clareza de que a ideia ambrosiana de ministro/clérigo seria daqueles que possuem sobriedade quanto aos pensamentos e que os mantém direcionados e guiados pela sabedoria e justiça. São homens que guardam suas bocas, de fala suave, que não se entregam à agressividade com facilidade e não pagam abuso com abuso. Ele fala do exercício da justiça para que estas atitudes ocorram, e compreendemos que esta justiça a qual ele se refere seria o fato de não exagerar nas atitudes e palavras, por medo de que falte a caridade e exceda os vícios.

A fala poderia ser o maior problema para os clérigos, pois conduziria até mesmo a violência e a brigas. Por isso, eventualmente era preferível parecer tolo e manter o silêncio, porquanto era o dever do ministro esconder seus sentimentos e não dizer nada para preservar a boa consciência. Aliás, era melhor ser julgado por bons homens por causa deste comportamento do que dar lugar ao julgamento e a satisfação do homem caluniador. Realmente, ao longo de boa parte do Tratado vê-se a preocupação em instruir os clérigos para não cair na armadilha de revidar com insultos ou palavras mal colocadas àqueles que os provocam. Até mesmo se não houvesse provocações,

³⁶ Wherefore the Scripture says well: “A wise man will keep silence until there is opportunity.” (Ambrose, B I, §5). No § 5, o autor faz referência em nota de rodapé de onde nas escrituras ele transcreveu o exemplo do homem sábio. Na nota, aparece a seguinte inscrição: Ecclus. XX. 7. Procuramos então numa versão portuguesa da bíblia a tradução e vimos que se encontra em Eclesiástico 20:7. (Bíblia, 1993, Ec. 20:7, p. 850).

sempre era melhor passar por tolo e manter a humildade do que ser visto como um homem de temperamento alterado e sem gentileza.

No parágrafo 23 do livro I, Ambrósio escreve sobre a manutenção da paciência como dever e sobre a espera do momento certo para falar:

Não sem pensar aproveitei o início deste salmo para escrever a você, minhas crianças. Para este salmo que o Profeta Davi deu a Jedutum para cantar, exorto-vos a considerar, ficando encantado com sua profundidade de significado e a excelência de suas máximas. Pois nós temos que aprender naquelas palavras que acabamos de mencionar, que tanto a paciência em manter o silêncio quanto o dever de esperar o momento adequado para falar são ensinados neste salmo, bem como o desprezo pelas riquezas nos versículos seguintes, quais coisas são a principal base das virtudes. Embora, portanto, meditando neste salmo, veio-me à mente escrever “sobre os Deveres”. (Ambrósio, L I, §23, tradução nossa).³⁷

O autor destaca que este é o trabalho de base para as virtudes, assim como Cícero escreveu ao seu filho para a instrução, ele, Ambrósio escrevia coisas semelhantes aos seus filhos na fé. Afirma que deveres é uma palavra adequada não somente para as escolas filosóficas e para as sagradas escrituras, a palavra dever precisa ser constantemente utilizada pelos ministros/clérigos.

No §27, do livro I, o autor descreve o que seria para os filósofos o significado de dever, que só poderia existir se fosse derivado de virtudes e do que fosse útil. E em nota de rodapé Ambrósio se refere ao livro *Os deveres* de Cícero:

Os filósofos consideravam que os deveres derivavam do que é virtuoso e do que é útil, e que destes dois se deve escolher o melhor. Então, dizem eles, pode acontecer que duas coisas virtuosas ou duas coisas úteis entrarão em conflito, e a questão é: qual é a mais virtuosa, e qual é o mais útil? Primeiro, portanto, o “dever” é dividido em três seções: o que é virtuoso, o que é virtuoso, o que é útil e qual é o melhor de dois. Então, novamente, estes três estão divididos em cinco classes; isto é, dois virtuosos, dois úteis e, por último, o julgamento correto quanto à escolha entre eles. A primeira, dizem, tem a ver com a dignidade moral e a integridade da vida; o segundo com as conveniências da vida, com riquezas, recursos, oportunidades; enquanto um julgamento correto deve fundamentar a escolha de

³⁷ Not without thought did I make use of the beginning of this psalm, in writing to you, my children. For this psalm which the Prophet David gave to Jeduthun to sing,⁵⁷ I urge you to regard, being delighted myself with its depth of meaning and the excellency of its maxims. For we have learnt in those words we have just shortly touched upon, that both patience in keeping silence and the duty of awaiting a fit time for speaking are taught in this psalm, as well as contempt of riches in the following verses, which things are the chief groundwork of virtues. Whilst, therefore meditating on this psalm, it has come to my mind to write “on the Duties.” (Ambrose, B I, §23)

qualquer um deles. Isto é o que dizem os filósofos. (Ambrósio, LI, §27, tradução nossa).³⁸

A nota de rodapé refere-se ao capítulo 3, do Livro I de Cícero onde ele escreve que:

Tudo o que é correto é definido como dever perfeito, mas o dever mediano é aquele a que se pode dar uma razão plausível. Segundo Panécio, examinam-se três coisas diferentes quando se quiser uma resolução prática. A primeira, se o que se apresenta é honesto ou desonesto; sobre isso a mente muitas vezes se confunde. Em segundo lugar, procura-se saber se a resolução aumenta as coisas agradáveis e as comodidades da vida, as riquezas, os recursos, o poder, o crédito, enfim, se a vontade para si e para os outros; esta segunda relação se prende a utilidade. Por último, trata-se de saber se aquilo se parece útil na aparência não se opõe ao honesto quando a honestidade nos retém de um lado e o interesse do outro; nessa incerteza, o espírito se encontra nos dois sentidos. (Cícero, 2019, p.32).

Logo, definido assim, chegaria ao melhor de tudo o bom julgamento, a dignidade e a integridade. Sendo que o bom julgamento teria que aparecer sempre entre a melhor escolha de todos a fim de alcançar aquilo que é virtuoso e seguir as regras pensando na construção de um futuro em vez de somente pensar no presente.

Seriam estas as ideias de Cícero expostas na concepção de Ambrósio, no entanto, a elas o bispo acrescenta a ideia de pensar na vida eterna. Consequentemente, averiguamos que há uma distinção de futuro para ambos autores. Entendemos que futuro para Cícero é algo que planejamos para obtermos uma vida coletiva organizada, honesta e útil; para Ambrósio pressupõe-se a organização, honestidade e utilidade, entretanto, não somente nesta vida, mas, especialmente para uma vida eterna.

Cícero descreve as palavras como algo muito importante para o discurso e para a conversação íntima: “A palavra tem grande influência: há duas espécies delas: o discurso propriamente dito e a conversação familiar; [...] (Cícero, 2019, p.73). Da mesma forma, o bispo mediante os exemplos que ele traz de Pitágoras que ensinou

³⁸ The philosophers considered that duties were derived from what is virtuous and what is useful, and that from these two one should choose the better. Then, they say, it may happen that two virtuous or two useful things will clash together, and the question is, which is the more virtuous, and which the more useful? First, therefore, “duty” is divided into three sections: what is virtuous, what is useful, and what is the better of two. Then, again, these three are divided into five classes; that is, two that are virtuous, two that are useful, and, lastly, the right judgment as to the choice between them. The first they say has to do with the moral dignity and integrity of life; the second with the conveniences of life, with wealth, resources, opportunities; whilst a right judgment must underlie the choice of any of them. This is what the philosophers say. (Ambrose, B I, §27).

o silêncio aos seus discípulos e o exemplo de Davi que esperava o momento certo para falar, ele ensinou aos clérigos a importância das palavras:

Por que, Pitágoras ele mesmo, que viveu antes da época de Sócrates, seguiu os passos do profeta Davi e deu a seus discípulos uma lei de silêncio. [...] Pitágoras novamente estabeleceu sua regra, para que pudesse ensinar homens falar sem falar. Mas Davi fez a sua, para que, falando, pudéssemos aprender mais como falar. Como pode haver instrução sem exercício ou avanço sem prática? (Ambrósio, L I, § 31, tradução nossa).³⁹

Como resultado, ele esperava que os ministros soubessem diferenciar o uso das palavras nas conversas cotidianas e o uso das palavras no exercício do ministério. Pensando que, deste uso poderia resultar o bem ou o mal que acarretaria o futuro eterno de cada um. Ademais, com a prática do uso das palavras no momento certo, aprenderiam quando falar.

Saliente-se que Ambrósio também possuía um ideal de homem, da mesma forma que o filósofo. Esse homem seria aquele que fosse temente a Deus, obediente aos pais, honrado para com os mais velhos, puro, humilde, deveria amar a paciência e a modéstia.

Quão amável é a virtude da modéstia, e doce é quando provida com graça [...] a primeira regra é a modéstia, e o mesmo vale e é verdade em todo tipo de fala, quem possui os princípios da modéstia possui a graça em seu favor para avançar (Ambrósio, L I, § 67, tradução nossa)⁴⁰.

Vemos então que o autor faz questão de frisar que a modéstia é critério para o homem cristão que está em formação e, além disso, há a questão da pureza e da castidade como guia para manter, principalmente, os jovens mais seguros. São os princípios que regem a natureza destes indivíduos deste período histórico, de acordo com as ideias ambrosianas. Da mesma forma que Cícero dispõe sobre utilidade da beleza do corpo e da compostura, o bispo também reconhece que os clérigos precisam preservar seus corpos, seus gestos, manter o tom de voz suave, uma qualidade na postura do corpo sem trejeitos efeminados.

³⁹ Why, Pythagoras himself, who lived before the time of Socrates, followed the prophet David's steps and gave his disciples a law of silence. [...] Pythagoras again made his rule, that he might teach men to speak by not speaking. But David made his, so that by speaking we might learn the more how to speak. How can there be instruction without exercise, or advance without practice? (Ambrose, B I, §31).

⁴⁰ Lovely, then, is the virtue of modesty, and sweet is it grace [...] the first rule is modesty, and the same is true in every kind of speech, in that the principles of modesty grace his advance (Ambrose, B I § 67).

Em virtude do entendimento que o bispo de Milão tinha dos filósofos e das escrituras há uma predisposição de sua parte para que seus leitores possam compreender que as paixões devem ser controladas pela razão. De acordo com ele, a razão relaciona-se com a fé. Essa relação fé/razão, para Ambrósio, manteria uma ordem e utilidade para as ações dos homens cristãos. A existência de uma harmonia no exercício do dever seria possível pelo uso da razão, da prudência, da justiça e pela demonstração de benevolência.

O reconhecimento dos homens da comunidade eclesial seria tangível a todos se estivesse relacionada com a coragem de exercer o dever do ministério mediante o exercício da fé correlacionada à razão. Da mesma forma que para Cícero (2019) o padrão de homem seria aquele que cumprisse a justiça com dignidade absoluta e portasse com extremo decoro. Outrossim, para Ambrósio a modéstia e o decoro seriam a companhia da pureza e da castidade, o que manteria os homens a salvo. Assim como Cícero, uma preocupação com os gestos corporais demonstrados em público. Além disso, seria recomendado que houvesse determinado compromisso com o exercício dos deveres que pudesse ser notado por todos ao redor, sem arrogância, mas com empenho.

As similaridades entre os tratados são notáveis, porque ambos os escritores possuem esta preocupação com a maneira de andar dos homens e que eles não sejam falsos apenas para satisfazer os outros. É importante que sejam calmos e reservados em todo o tempo. Percebemos que para os autores o decoro é de extrema importância. Ambrósio, por exemplo, compreende que a virtude não está na beleza do corpo, mesmo que precise existir certa graciosidade, a modéstia deve ser o brilho da face do ministro e dar a ele uma aparência mais aceitável. A voz precisa ter um tom vigoroso, precisa ter qualidade e ritmo e passar ao ouvinte as qualidades das virtudes. Por isso, o autor entende que a sabedoria para preservar a modéstia só é razoável quando os clérigos seguem adequadamente seus deveres. Para tanto, os ministros devem ficar longe de banquetes com estranhos, das casas das viúvas e das virgens, exceto quando for realmente necessário e acompanhado dos ministros mais velhos.

Ao tratar com os ministros é de extrema importância que fique claro para eles que a humildade, a gentileza, a seriedade e a paciência sejam o guia para conservar a calma, a reserva e a quietude antes de falar para não existir nenhum vício entre os clérigos. O importante seria que os clérigos com gentileza e cortesia contribuíssem para a comunidade e em todo tempo fizesse parte da urbanidade sem amargura,

dessem opiniões sem ofensas e admoestações sem discriminar. Observamos uma seriedade na preocupação de manter uma retidão e clareza nas ações. Cícero (2019), por sua vez, aponta que esta retidão de princípios nas ações humanas é o que os diferencia dos animais, porque o uso da razão é que dá sentido para que se siga em frente.

Nas noções ambrosianas do Tratado são necessárias que as ações sejam controladas na vida dos ministros. Ele deixa claro que as paixões precisam ser controladas pela razão, aconselha que exista moderação nos desejos e acima de tudo as coisas devem ser feitas em ordem apropriada, isto é, não se deve deixar que a paixão vença a razão, ao contrário, a paixão necessita obedecer a razão. O controle dos vícios diante das adversidades é que demonstrará o caráter do homem e mostrará quem é que possui prudência, justiça, coragem e temperança.

No caso do Tratado ambrosiano, ele dá exemplo de homem prudente mediante a apresentação dos anciões das escrituras sagradas. A prudência para ele seria exemplificada na vida de Abraão que aceitou Deus como criador, diferente dos maniqueístas com suas práticas ascéticas ou dos arianos que negavam o princípio da divindade de Cristo.

A prudência ocupou o primeiro lugar no santo Abraão. Porque dele dizem as Escrituras: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça;” pois ninguém é prudente quem sabe não Deus. Novamente: “O tolo disse: Deus não existe”; pois um homem sábio não diria isso. Como é sábio aquele que não procura o seu Criador, mas diz a uma pedra: “Tu és meu pai”? Quem diz ao diabo como faz o maniqueísta: “Tu és o autor do meu ser”? Como é Ário sábio, que prefere um criador imperfeito e inferior a um criador verdadeiro e perfeito? (Ambrósio, L I, §117, tradução nossa).⁴¹

A sabedoria e a prudência andariam juntas para compreender o que era justo e levar o homem à prosperidade. Significa para Ambrósio que sem justiça não há prudência. A ideia ambrosiana insiste que a justiça primeiro se direciona a Deus, depois ao império, em seguida aos pais e por último a todos. Este seria o dever dos ministros, demonstrar e preservar esta ordem das coisas.

⁴¹ Prudence held the first place in holy Abraham. For of him the Scriptures say: “Abraham believed God, and that was counted to him for righteousness;” for no one is prudent who knows not God. Again: “The fool hath said, There is no God;” for a wise man would not say so. How is he wise who looks not for his Maker, but says to a stone: “Thou art my father”? Who says to the devil as the Manichæan does: “Thou art the author of my being”? How is Arius wise, who prefers an imperfect and inferior creator to one who is a true and perfect one? (Ambrose, B I, §117).

A ideia é que a comunidade esteja sujeita a justiça e a benevolência. Portanto, a justiça estaria diretamente ligada a construção da sociedade, a liberalidade e a gentileza, mas este aprendizado somente seria possível devido aos escritos sagrados. Segundo Ambrósio, os estoicos ensinavam que todas as coisas produzidas na terra eram produzidas para o bem dos homens e por isso o uso mútuo traria benefícios de um para o outro: “Também aqui nos é dito que os estoicos ensinavam que todas as coisas que são produzidas na terra são criados para o uso dos homens, mas que os homens nascem para o benefício dos homens, para que mutuamente um possa ser de vantagem para o outro (Ambrósio, LI , §132, tradução nossa).”⁴² Todavia, Ambrósio diria, de onde eles tiraram esta ideia a não ser do que Moisés escreveu sobre o domínio que Deus deu aos homens sobre todas as coisas?

Mas de onde eles tiraram tais ideias senão das Sagradas Escrituras? Pois Moisés escreveu que Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança, e que ele domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre todo réptil que rasteja pela terra.” (Ambrósio, L I, §133, tradução nossa).⁴³

Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e segundo nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos e todos os animais selvagens e todos os répteis que se arrastam sobre a terra” (Bíblia, 1993, Gn. 1:26, p.29).

Por isso, a ideia do Tratado aos ministros insiste que o dever é natural e mútuo. Isso ocorre, segundo o autor, porque se utilizaria dos ensinamentos que estão inscritos nas escrituras sagradas. Para ele, os escritos sagrados são vistos como uma verdade imponderável e por intermédio destes ensinamentos ajuda-se o outro, mutuamente. A palavra justiça, contida no texto, para o autor, exprime que a essência de ser justo é para ser bom para os outros do que para si mesmo. Somente assim pode sustentar uma sociedade. Esta convicção seria tão forte ao ponto de manter tudo ordenado.

Grande, então, é a glória da justiça; para ela, existindo mais para o bem dos outros do que para de si mesmo. Ela funciona para os laços de união e companheirismo entre nós. Ela ocupa um lugar tão alto que ela tem todas as coisas sob sua autoridade e, além disso, pode ajudar

⁴² Here, too, we are told that the Stoics taught that all things which are produced on the earth are created for the use of men, but that men are born for the sake of men, so that mutually one may be of advantage to another. (Ambrose, B I, §132).

⁴³ But whence have they got such ideas but out of the holy Scriptures? For Moses wrote that God said: “Let us make man in our image, after our likeness, and let them have dominion over the fish of the sea, and over the fowl of the air, and over the cattle, and over every creeping thing that creepeth upon the earth. (Ambrose, B I, §133).

outras pessoas e fornecer dinheiro; nem ela recusa seus serviços, mas até corre perigos para os outros (Ambrósio, L I, §136, tradução nossa)⁴⁴.

Pensando nisso, aquele que fosse cumprir seu dever teria que alcançar um nível de virtude que fosse capaz de resistir a qualquer falha ou fraqueza. Suas posses seriam para o bem de todos, porque não haveria como ser justo sem ser gentil com o outro da mesma forma que gostaria que o outro fosse gentil para consigo. Por isso, a preocupação com o poder, pois quanto mais poder em mãos, maior deveria ser o exercício da beleza da justiça. A preocupação com o dever, é porque aquele que exerce o ministério detém poder e, portanto, este poder precisa ser demonstrado perante o outro com benevolência e justiça, ajudando o fraco em suas dificuldades, não usando o poder à custa da liberdade de outrem.

Aliás, a justiça deve ser exercida mesmo para com os inimigos, deve ser observada em tempos de paz e em tempos de guerra. Os estrangeiros, deveriam ser beneficiados pela justiça para que a liberdade e a benevolência fossem observadas para com o outro. Conforme a ideia ambrosiana, somente seria possível porque o fundamento da justiça seria a fé e o homem justo constrói sua fé baseada, na verdade da fé que só poderia vir de um lugar: Cristo e a Igreja. “Isto significa Cristo como fundação da Igreja. Para Cristo este o objeto é a fé de todos; mas para a Igreja há algo que se apresenta em forma de justiça, ela é o que é comum e certo para todos” (Ambrósio, L I, §142, tradução nossa)⁴⁵.

Vale destacar que, para o autor, a Igreja é a fonte da justiça e faz-se necessário que nela haja a expressão da gentileza para que esta expressão se divida em duas partes: benevolência e liberdade. Esta gentileza não seria apenas desejar o bem a todos, seria mais do que isso, seria fazer muito bem feito o dever que se tem para cumprir. Seria oferecer ao outro a benevolência e a liberdade sem a intenção de agredir, não pagar o mal com mal, atentar para oferecer a justiça aos órfãos, viúvas e nunca demonstrar violência. Cumprir com o seu dever austeramente, mas, ao mesmo tempo suave e dignamente com decoro.

⁴⁴ Great, then, is the glory of justice; for she, existing rather for the good of others than of self, is an aid to the bonds of union and fellowship amongst us. She holds so high a place that she has all things laid under her authority, and further can bring help to others and supply money; nor does she refuse her services, but even undergoes dangers for others (Ambrose, B I, §136).

⁴⁵ This means Christ as the foundation of the Church. For Christ is the object of faith to all; but the Church is as it were the outward form of justice, she is the common right of all (Ambrose, B I, §142).

Na concepção ambrosiana ter estas qualidades, somente seria possível porque o fundamento do cristão seria a fé. E a razão somente atuaria mediante a fé, por isso ela não seria perecível e tornaria capaz de moldar os atos dos ministros para que eles pudessem exercer suas funções com constrição. E o dever primeiro dos ministros seria com os da Igreja. A ajuda seria primeiramente oferecida aos da casa, aqueles que têm por fundamento a fé cristã, porque ali estaria a procura e o compromisso com a verdade. Compreendemos que nesta parte, há um contraponto com a ideia ciceroniana descrita sobre o poder exercido pela pátria, o dever e a função da pátria para os romanos. Seria algo parecido com que a ideia ambrosiana trata a função, o poder e o dever da Igreja. Vejamos, na seguinte passagem em que Cícero expõe:

Quando o espírito percorre todas as sociedades humanas, não encontra nada mais empolgante do que as relações entre nós e a pátria. Temos amor por nossos pais, por nossos filhos, pelo próximo, por nossos amigos; mas só a pátria enfeixa todos os amores. Qual o homem de bem que hesitaria em morrer por ela, se algo pudesse servir com essa morte? (Cícero, 2019, p.47).

Já Ambrósio retrata a Igreja, como uma pátria terrena fundada em Cristo:

Assim diz o Senhor por meio de Isaías: “Eis que ponho uma pedra como alicerce em Sião.” Isto significa Cristo como o fundamento da Igreja. Pois Cristo é o objeto da fé para todos; mas a Igreja é como se fosse a forma exterior de justiça, ela é o direito comum de todos. Para todos em comum ela reza, por todos em comum ela trabalha, nas tentações de todos ela é provada. Então aquele que nega a si mesmo é de fato um homem justo, é de fato digno de Cristo. Por esta razão Paulo fez Cristo ser o fundamento, para que possamos edificar sobre Ele as obras de justiça, enquanto a fé é a fundação. Em nossas obras, então, se forem más, aparece injustiça; se eles são bons, justiça (Ambrósio, L I, §142, tradução nossa)⁴⁶.

Desta forma, a Igreja em última instância teria que representar o primeiro dever dos ministros. A ela eles deveriam a devoção, a humildade, a caridade, a coragem e a temperança, porque mesmo que, fora da Igreja, os filósofos tivessem desenvolvido suas ideias sobre pátria e natureza humana, para os padres da patrística as escrituras desenvolveram estas ideias em primeiro lugar. O comprometimento dos

⁴⁶ So the Lord saith through Isaiah: “Behold, I lay a stone for a foundation in Sion.”²¹¹ This means Christ as the foundation of the Church. For Christ is the object of faith to all; but the Church is as it were the outward form of justice, she is the common right of all. For all in common she prays, for all in common she works, in the temptations of all she is tried. So he who denies himself is indeed a just man, is indeed worthy of Christ. For this reason Paul has made Christ to be the foundation, so that we may build upon Him the works of justice,²¹² whilst faith is the foundation. In our works, then, if they are evil, there appears unrighteousness; if they are good, justice (Ambrose, B I, § 142).

ministros/clérigos seria primeiramente com o fundador da Igreja: Cristo, que se fez pobre, mesmo sendo rico, para enriquecer a todos com sua sabedoria, fé, prudência e justiça. Por isso, a benevolência e a justiça mediante o exercício da fé e do dever se expandiu pela união dos sacramentos, primeiro os da Igreja, crianças, pais, irmãos até chegar ao restante do mundo romano⁴⁷.

Analogamente, as virtudes e a benevolência do corpo de Cristo têm o comprometimento de ligar-se com a Igreja mediante o batismo e a comunhão dos mistérios recebidos por intermédio da graça. Na benevolência está contida a coragem que removeria toda a sorte de raiva, permitindo que as barreiras sejam quebradas entre os inimigos e ele possa se tornar um, no sentido de coletividade e ordem. Segundo a ideia ambrosiana de benevolência, ela pode ser tão importante que consegue, ao ser exercida naturalmente, combater as divergências.

Nas leituras também verificamos a importância da coragem, que pode ser dividida entre a coragem que se exerce em tempos de guerra e a coragem que se exerce em casa. Se a coragem demonstrada em casa não for provida de justiça, ela pode ser sinal de fraqueza, mas uma vez que a justiça seja completa, haverá demonstração de força no sentido de ter sabedoria para lidar com a lassidão e estar mais forte para tratar com a injustiça. O mérito da coragem estaria em usar o conhecimento para produzir o bem de forma honesta que produzisse a felicidade.

Desta forma, o homem agiria com prudência e mesmo na guerra possuiria a grandeza da coragem para lutar, diz Ambrósio trazendo o exemplo de Davi, que mesmo pequenino não se acanhou diante do gigante Golias. Entretanto, não somente este tipo de coragem serviria de exemplo aos cristãos como também a coragem de Daniel na cova dos leões ou dos amigos de Daniel perante a violência do fogo. Assim, salientamos como no Tratado os deveres que precisam ser demonstrados pelos ministros necessitam estar diretamente ligado a moral e a ética constatada na vida dos personagens bíblicos.

⁴⁷ É importante ressaltar que o que redigimos sobre as percepções de fé e Igreja cristã está baseado nos escritos do autor, Ambrósio de Milão. Trata-se do que interpretamos do pensamento dele para construirmos nossa análise do Tratado ambrosiano de forma mais precisa possível. Nosso intuito é que o leitor possa compreender quão importante era para os autores da Patrística reafirmar sempre que pudessem a importância da Igreja e a da fé na Trindade para a formação do homem. Significa que procuramos nos atentar ao que os documentos ensinam sobre a realidade do século IV e a partir daí compreendermos as dinâmicas e processos ocorridos na sociedade à qual nossa fonte principal se insere.

Para escapar da humilhação, da fraqueza, da injúria, dos sentimentos maus da alma, o autor reafirma que a coragem ajustada à justiça proporciona uma audácia à mente. Percebemos então que esta coragem também está ligada com o controle da mente. A mente forte somente seria possível para aqueles que soubessem lidar com a fraqueza seja em momentos de guerra ou em momentos que envolvessem afazeres cotidianos. Ambrósio escreve que Panécio, Cícero e Aristóteles também tiveram esta clareza, que quando o homem é capaz de dominar a si mesmo pode considerar que ele é um homem de coragem e prudência: “A glória da fortaleza, portanto, não repousa apenas na força do próprio corpo ou nos braços, mas sim na coragem da mente. [...] De onde, então, Cícero e Panécio, ou mesmo Aristóteles, tiraram essas ideias é perfeitamente claro. (Ambrósio, L I, § 179 e 180, tradução nossa).”⁴⁸

Como a ideia ambrosiana é defender o cristianismo, ele traz o exemplo de Cristo que foi um guerreiro de qualidade e coragem superior suportando tudo mesmo quando foi tratado de forma injusta. Seu espírito, ou seja, sua mente não sucumbiu à violência, aos perigos, às prisões ou até mesmo à morte: “E embora em perigos, em incontáveis trabalhos, em prisões, em mortes - ele não foi quebrantado em espírito, mas lutou para se tornar mais poderoso através de suas enfermidades (Ambrósio, L I, § 183, tradução nossa)”⁴⁹. Nesse sentido, ele seria um exemplo ao homem cristão deixando claro ser possível manter uma mente corajosa mesmo diante das adversidades. Sendo assim, ele ensina aos homens cristãos do século IV que mesmo perante um momento de decadência e luta por sobrevivência é possível lutar com coragem para o cumprimento da justiça e a manutenção da moderação no exercício dos deveres.

Por outro lado, seria preciso desempenhar estes deveres na Igreja agradando a Deus, porque desta forma o poder da Trindade estaria garantido. É interessante, que o bispo de Milão descreve esta atitude como uma forma de agradar ao líder maior que é Deus, depois hierarquicamente a Igreja, seus membros e o Império. Uma vez mais, observamos semelhança com o conteúdo do tratado de Cícero que também escreve sobre a manutenção da ordem para que a pátria possa funcionar de maneira

⁴⁸ The glory of fortitude, therefore, does not rest only on the strength of one's body or of one's arms, but rather on the courage of the mind. [...]From whence, then, Cicero and Panætius, or even Aristotle, got these ideas is perfectly clear. (Ambrose, B I, § 179 e 180).

⁴⁹ And though in dangers, in countless labours, in prisons, in deaths — he was not broken in spirit, but fought so as to become more powerful through his infirmities. (Ambrose, B I, §183).

correta. Para ambos autores, a excelência da alma estaria no exercício da justiça, retirando-se da covardia e postando com decoro.

Verifica-se ainda que, postar-se com coragem, seria a melhor forma de lutar contra os vícios e a avareza. Quem tem coragem não se deixa levar pela tentação dos desejos e pelo medo. Consegue perseguir a verdade de forma implacável e com bravura, diz Ambrósio.

Mas, novamente, ninguém deve se aposentar por covardia ou desistir de sua fé por medo do perigo. Com que graça deve a alma ser equipada e a mente treinada e ensinada a permanecer firme, de modo a nunca ser perturbado por quaisquer medos, ser quebrado por quaisquer problemas ou ceder a quaisquer tormentos! Com que dificuldade eles realmente enfrentam! Mas assim como todas as dores parecem menores diante do medo de dores maiores, assim também, se você edificar sua alma por meio de conselhos tranquilos e decidir não se desviar de seu curso, e colocar diante de ti o medo do julgamento divino e o tormento do castigo eterno, você pode ganhar resistência mental. (Ambrósio, L I, §188), tradução nossa).⁵⁰

Cícero complementa que isso é o que diferencia os homens dos animais, a capacidade consciente de usar da ética para se portar corretamente perante o outro. Semelhantemente, os tratados trabalham com a ideia de que as virtudes devem ser vistas tanto na prosperidade quanto na adversidade:

Lembre-se que a natureza nos deu dupla personalidade: uma, comum a todos nós, quinhão de razão e dignidade que nos eleva acima dos animais, princípio de todos os nossos deveres, e de onde derivam o que se chama dignidade e decência; a outra própria de cada um de nós. Assim como há diferença entre os homens segundo suas qualidades corporais, que fazem uns leves e próprios para as corridas, outros, robustos e próprios para a luta, prevalecendo nuns a dignidade, noutros a amabilidade, também entre os espíritos há as mesmas situações (Cícero, 2019, p.64).

Por sua vez, Ambrósio afirmava que além da justiça e da coragem, a temperança é uma virtude que nos dá motivação para que se viva com tranquilidade e moderação. O caminho da virtude passaria por ela e pela observância dos homens

⁵⁰ But again, no one must retire through cowardice, or give up his faith from fear of danger. With what grace must the soul be equipped, and the mind trained and taught to stand firm, so as never to be disturbed by any fears, to be broken by any troubles, or to yield to any torments! With what difficulty indeed are they borne! But as all pains seem less in the fear of greater pains, so also, if thou dost build up thy soul by quiet counsel, and dost determine not to go from thy course, and layest before thee the fear of divine judgment and the torment of eternal punishment, canst thou gain endurance of mind. (Ambrose, B i, §188).

mais velhos, porque na companhia deles seria possível viver uma vida com maior plenitude. O autor prossegue dizendo que cada um de nós temos nossos próprios poderes e os conhecemos, por isso na maioria das vezes os deveres são precedidos pelos caracteres de cada um, mas, antes de prosseguir atrás daquilo que achamos ser melhor e mais louvável, devemos primeiro entender as consequências disso e compreender as consequências só é possível pela observância do caminho dos mais velhos.

Na execução dos deveres, a ideia ambrosiana é que os ministros sejam capazes de julgar eles mesmos fazendo o que é bom e distanciando daquilo que é ruim. O melhor de tudo, seria seguir os passos dos mais velhos, porque é a melhor forma de se guiar no presente para o futuro. O bispo de Milão afirma que muitos estão preocupados apenas com o presente. Entretanto, como ele não via as coisas assim, ele se preocupava muito com o futuro. Vemos então o zelo que ele tinha com a continuidade da humanidade. Preocupar-se com a nobreza do futuro, garantiria as diferenças entre sagrado e profano, naquilo que se poderia explicar e entender. Acima de tudo, somente seria possível porque estas diferenças lideravam o que era ou não era bom.

Então, o que seria imprescindível para aqueles que fossem ministros? Eles precisavam ter uma forma prazenteira na fala, benevolência para ouvir e tornar-se agradável a todos os cidadãos. Uma consideração importante que ele fez foi: “A alma deve sempre vigiar e olhar atrás de si, para se proteger de si mesmo. Pois há momentos em que há uma espécie de paixão que irrompe, por assim dizer, numa espécie de pressa” (Ambrósio, L I, §237, tradução nossa)⁵¹. O que seria isso, a não ser um cuidado com o próprio ser no cumprimento do dever para não ferir ou fazer algo que desabonasse o serviço do clérigo. Cícero apontou que quem ensina precisa deixar de fazer as coisas ao ter dúvida se há justiça ou não. “Têm razão os que ensinam que é preciso abster-se de fazer algo quando se duvida se é justo ou injusto. Com efeito, a equidade brilha por si mesma; a dúvida é sempre a presunção da injustiça. (Cícero, 2019, p.38).” Precisa haver equidade nas ações, para não gerarmos injustiça. Parece-nos que quando Ambrósio diz para não fazer as coisas com pressa, o sentido é o mesmo que Cícero escreveu para fazer as coisas com equidade.

⁵¹ The soul must always watch and look after itself, so as to guard itself against itself. For there are motions in which there is a kind of passion that breaks forth as it were in a sort of rush. (Ambrose, B I, §237).

Percebe-se que mesmo que o Livro I do Tratado de Ambrósio seja mais extenso que o Livro I do Tratado de Cícero, a temática é a honradez, o decoro, o dever e a virtuosidade. Digamos que Cícero seja mais sintético em sua exposição a respeito dos deveres ao seu filho, ao menos no primeiro livro. Ora, a abordagem ambrosiana tem em seu conceito mostrar diante dos exemplos das personagens das escrituras sagradas, principalmente a verdade que o homem deve perseguir para cumprir com seu dever no ministério, ou seja, deter-se longe do abuso, não se deleitar com coisas erradas e por fim lutar seus próprios combates com responsabilidade enfrentando suas próprias dores com bravura.

Em nossa concepção, as diferenças dos autores residem no fato de Ambrósio escrever aos seus ministros com o intuito de ensiná-los a agir com sabedoria e decoro tratando-os com zelo de um pai, porque ele os chama de meus filhos, para o convívio cristão e a expansão da comunidade cristã:

E como Cícero escreveu para a instrução de seu filho, eu também escrevo para ensinar vocês, meus filhos. Porque eu amo você, a quem gerei no Evangelho, não menos do que meus verdadeiros filhos. Pois a natureza não nos faz amar mais ardentemente do que a graça. Nós certamente devemos amar aqueles que pensamos que estarão conosco para sempre do que aqueles que estarão conosco em apenas este mundo. Muitas vezes nascem indignos de sua raça, de modo a trazer desgraça ao pai; mas vocês nós escolhemos de antemão, para amar. Os filhos naturais são amados por necessidade, o que não é suficientemente adequado e constante para implantar um amor duradouro. Mas vocês são amados por meio da nossa escolha deliberada, onde um grande sentimento de carinho se combina com a força do nosso amor: assim se testa o que se ama e se ama o que se escolheu (Ambrósio, L I, §24, tradução nossa).⁵²

Cícero, por sua vez escreve ao filho sobre a natureza dos deveres dos homens para lidar com aquilo que é de negócio público e privado:

Resolvi escrever agora para você, começando pelo que melhor convenha para a sua idade e à minha paterna autoridade. Entre as coisas sérias e úteis tratadas pelos filósofos, não conheço nada mais extenso e cuidado do que regras e preceitos que nos transmitiram a propósito dos deveres. Negócios públicos ou privados, civis ou

⁵² And as Cicero wrote for the instruction of his son,⁵⁹ so I, too, write to teach you, my children. For I love you, whom I have begotten in the Gospel, no less than if you were my own true sons. For nature does not make us love more ardently than grace. We certainly ought to love those who we think will be with us for evermore than those who will be with us in this world only. These often are born unworthy of their race, so as to bring disgrace on their father; but you we chose beforehand, to love. They are loved naturally, of necessity, which is not a sufficiently suitable and constant teacher to implant a lasting love. But ye are loved on the ground of our deliberate choice, whereby a great feeling of affection is combined with the strength of our love: thus one tests what one loves and loves what one has chosen. (Ambrose, B I, §24).

domésticos, ações particulares ou transações, nada em nossa vida escapa ao dever: observá-lo é honesto; negligenciá-lo, desonra (Cícero, 2019, p.30).

Há portanto, uma preocupação por parte dos autores em ensinar. O ensino de ambos gira em torno daquilo que é a natureza do dever. A natureza do dever em Cícero é a honra e o bem no exercício de uma vida prática regulada por boas ações: “A questão sobre o dever é dupla: se relaciona com a natureza do bem e do mal e encerra preceitos que devem regular todas as nossas ações (Cícero, 2019, p.30).” Ambrósio, escreve que o Tratado sobre os deveres não pode ser supérfluo e afirma que: “Mas não medimos nada além daquilo que é adequado e virtuoso, e que pela regra das coisas futuras e não das coisas presentes; e não afirmamos nada que seja útil, mas o que nos ajudará para a bênção da vida eterna; certamente não aquilo que nos ajudará a aproveitar apenas o tempo presente (Ambrósio, L I, §28, tradução nossa).⁵³

O autor estoico, preocupa-se que o filho tenha postura decorosa e honrada em público e privado para que concorra para o bem da sociedade e o autor cristão, pretende que seus filhos na fé sejam honrados e virtuosos para que possam garantir uma vida eterna.

4. CONTEXTUALIZAÇÕES SOBRE O CARÁTER DE ENSINO DE AMBRÓSIO DE MILÃO

4.1. O tempo e o homem para Agostinho e as relações com o caráter de ensino em Ambrósio de Milão

Principiaremos nossa análise recorrendo à biografia de Agostinho, para que tenhamos ideia da vasta contribuição desse autor. Ele nasceu em 354 em Tagaste, na África. Seu pai, Patrício, era pagão e converteu-se já no final de sua vida. Sua mãe, Mônica, foi uma mulher piedosa e cristã fervorosa. Após ter frequentado escolas em Tagaste e Madaura, por intermédio de apoio financeiro de um amigo de seu pai, foi para Cartago estudar. Sua formação foi integralmente na língua latina e Cícero foi durante muito tempo seu modelo e referencial (Reale, Antiseri, 2003).

⁵³ But we measure nothing at all but that which is fitting and virtuous, and that by the rule of things future rather than of things present; and we state nothing to be useful but what will help us to the blessing of eternal life; certainly not that which will help us enjoy merely the present time. (Ambrose, B I, §28).

No seu período, o papel do retórico tinha perdido a conotação política e civil, tornando-se essencialmente um papel de ensino. Por isso, ele foi professor de retórica em Tagaste (374) e no Cartago (375-383). Mais tarde, mudou para Milão e assumiu o cargo oficial de professor de retórica e neste momento passa por profundas reflexões espirituais e converte-se ao cristianismo. Sua produção literária é muito vasta contando com escritos dogmáticos, teológicos, filosóficos, apologéticos e exegéticos. *Confissões* é uma obra que inaugura sua escrita literária. Foi o primeiro pensador cristão a construir uma ideia madura sobre as discussões de fé, filosofia e vida. Viu no homem o reflexo de Deus Trino (Reale, Antiseri, 2003).

A breve introdução sobre Agostinho tem por objetivo explicitar a importância desse autor em nossa reflexão. Não só porque Ambrósio tem um papel importante em sua vida, mas, porque seus escritos expressam a dimensão da ideia de homem, de tempo, de fé e de razão. Dito isso, observamos que o movimento historiográfico das questões ambrosianas levando em consideração seus escritos e de autores contemporâneos, como Agostinho, nos faz perceber que há uma necessidade do homem em materializar ou codificar a ideia de tempo histórico e a importância deste tempo para compreensão do homem enquanto ser finito que convive em coletivo.

Vemos portanto, uma preocupação dos autores religiosos em definir este tempo de criação do homem e definir o motivo e a finalidade de sua criação. Agostinho de Hipona, por exemplo, em seu livro *Confissões*, no livro XI, *Sobre o homem e o tempo* questiona a divindade sobre o papel da criação. Vejamos:

De que modo, porém criastes o céu e a terra, e qual foi a máquina de que Vos servistes para esta obra tão imensa, se não procedestes como artífice que forma um corpo doutro corpo, impondo-lhe, segundo a concepção da sua mente vigorosa, a imagem que vê em si mesma, com os olhos do espírito? Donde lhe viria este poder, se Vós lhe não tivésseis criado a imaginação? (*Confissões*, L XI, §7).

Observamos aqui como de fato é preciso uma ligação com o tempo das coisas e sua formação. Faz –se necessário que o tempo seja levado em consideração porque ele é um dos motivadores da história para a criação de uma memória das coisas. Tomando como parâmetro o livro XI de *Confissões*, no qual Agostinho de Hipona escreve sobre o desenrolar do homem e o tempo e a questão da criação do homem e sua finalidade, queremos aqui discutir sobre o caráter histórico e pedagógico de Ambrósio de Milão. Vejamos, em *Confissões* o autor tece elogios a Ambrósio de Milão que segundo ele era conhecido por ser piedoso e homem de zelosa eloquência. Deste

modo, o autor já o enxergava como exemplo a ser seguido pela sua retórica e o admirava pelas alegorias que ele utilizava.

O uso da reflexão e observação do poder da palavra era considerado por Ambrósio como agentes da boa conversação e da discussão. Atentemos para o que escreveu o autor a respeito da postura dos clérigos em relação aos pensamentos que são os agentes da reflexão e conseqüentemente da fala externada:

Existem dois tipos de movimentos mentais – os da reflexão e os da paixão. Aquele tem a ver com reflexão, o outro com paixão. Não há confusão um com o outro, pois eles são marcadamente diferentes e incomuns. A reflexão tem que procurar e, por assim dizer, extrair a verdade. Paixão nos incita e nos estimula a fazer algo. Assim, pela sua própria natureza, a reflexão difunde a tranquilidade e calma; e a paixão envia o impulso para agir. Estejamos então prontos para permitir que a reflexão sobre coisas boas entrem em nossa mente e façam com que a paixão se submeta à razão (se de fato quisermos direcionarmos nossas mentes para guardar o que é apropriado), para que o desejo por qualquer coisa não exclua a razão. Em vez de deixar a razão testar e ver o que convém à virtude. (Ambrósio, L I, §98, tradução nossa)⁵⁴

Nota-se que o caráter pedagógico do autor expresso com aquilo que deve fazer parte da linguagem dos clérigos e que se configura com a expressão da cortesia e da virtude da palavra. Então observamos uma dada função manifesta que é o ensino feito de maneira sábia e virtuosa. Não obstante, pelo contexto histórico que o autor vivencia no qual há uma postura de defesa da Trindade a ser seguida, vemos também a preocupação com aquilo que deve ser dito, por isso o cuidado com a reflexão. Compreendemos também que a inquietação com a fala se relaciona com aquilo que será deixado para a posteridade. Há uma discussão parecida feita a respeito do uso da palavra por Agostinho, segue:

Quando poderei eu, com a língua da minha pena, enumerar todas as vossas solicitações, terrores, consolações e incitamentos com que me introduzistes a pregar a vossa palavra e a distribuir a vossa doutrina ao vosso povo? Mesmo que fosse capaz de as enunciar por ordem, cada gota de tempo me é preciosa. (*Confissões*, L XI, §2).

⁵⁴ There are two kinds of mental motions—those of reflection and of passion. The one has to do with reflection, the other with passion. There is no confusion one with the other, for they are markedly different and unlike. Reflection has to search and as it were to grind out the truth. Passion prompts and stimulates us to do something. Thus by its very nature reflection diffuses tranquillity and calm; and passion sends forth the impulse to act. Let us then be ready to allow reflection on good things to enter into our mind, and to make passion submit to reason (if indeed we wish to direct our minds to guard what is seemly), lest desire for anything should shut out reason. Rather let reason test and see what befits virtue (Ambrose, B I, §98).

Percebe-se em ambos autores a preocupação com a palavra e o legado do tempo. O tempo que não se pode perder e é importante ser bem utilizado, por esse motivo os clérigos não poderiam ser dados as suas próprias paixões, que é o tempo ao qual Agostinho se refere também que cada segundo na exposição é precioso e por isso não se deve perdê-lo. E a importância da exposição por meio da palavra das reflexões feitas para ensinar a comunidade eclesial.

Nesse momento, queremos abrir um espaço para discutir a questão do tempo porque acreditamos ser de suma importância e relevância para entender o legado pedagógico de Ambrósio de Milão. Nesse sentido, nos apropriaremos da reflexão feita por Agostinho para explicar a ligação do homem com o tempo e a relevância das palavras que ficam gravadas mediante o ensino, para a posteridade. Os autores cristãos estavam ligados a uma cultura filosófica helênica e a partir disso eles acompanhavam a ideia que compreender a ideia de existência do reino dos céus era entender a ciência da verdadeira natureza dos seres, ou seja, o conhecimento dos seres e o conhecimento de Deus (Hadot, 2014a). Segue citação de Agostinho em *Confissões* que revela essa ideia:

Concedei-me, por conseguinte, tempo para meditar os segredos de vossa lei, e não a fecheis aos que lhe vêm bater à porta. Não foi em vão que quisestes fossem escritas tantas páginas sagradas cheias de mistérios. [...] Ó Senhor, aperfeiçoai-me e patenteai-me esse mistério. A vossa palavra é a minha alegria. A vossa voz é mais deleitosa do que a afluência de prazeres. Concedei-me o que amo, porque estou inebriado de amor. E isso me concedestes. Não abandoneis os vossos dons, nem deixeis de regar esta erva sequiosa. (*Confissões*, LXI, §3).

Podemos distinguir aqui a expressão agostiniana, em perceber como funciona a natureza da alma humana que nas escrituras sagradas é permeada pelos mistérios divinos e a importância da palavra que é transmitida ao intelecto que aproximaria este autor, segundo a escrita dele, a perfeita substância do intelecto e da incorruptibilidade. Este reconhecimento dos mistérios e da palavra constituiria numa vida subjugada pela vontade de Deus e uma prática de exame de consciência, (Hadot, 2014b). Esta vigilância e prática seriam uma fórmula que garantiria aos cristãos que as ações de suas vidas fossem originadas do silêncio, da meditação, da moderação e sabedoria. De acordo com Ambrósio:

Mas primeiro vem aquilo que posso chamar de fundamento de tudo, a saber, que nossas paixões devem obedecer à nossa razão. O segundo e o terceiro são realmente iguais – moderação em ambos os casos. Há espaço conosco para o exame de uma forma agradável, que é

considerada beleza, e a consideração de dignidade. A seguir a consideração da ordem e do momento das coisas. Estes, então, são os três pontos, e devemos ver se podemos mostrá-los com perfeição em qualquer um dos santos. (Ambrósio, L I, §106, tradução nossa)⁵⁵.

Observamos, portanto, que para a formação pedagógica destes clérigos há uma necessidade de meditação e tempo para haver a consciência, a memorização e a prática dos conceitos do cristianismo. Isso pode ser percebido quando Ambrósio escreve sobre a contenção das paixões em favor da razão para que exista a possibilidade de se observar a ordem das coisas. Podemos dizer então que a manutenção desses princípios levaria os clérigos a formação de uma vida regrada pela exortação e pelas virtudes, preservando a ideia cristã de existência da época que considerava Jesus Cristo como filho de Deus encarnado. Era uma preocupação em compreender os mistérios divinos e suas influências na vida dos homens.

A capacidade de interpretação dos mistérios divinos e suas influências na existência humana adviria de um tempo de criação e um tempo de reflexão que apenas aprendido se ensinado mediante a consciência da origem das coisas e daquilo que está ao redor. Essa consciência das coisas viria por meio da sabedoria que arrancaria o homem da escuridão e o traria para a luz. Sair da escuridão e vir para luz requer o entendimento da passagem do tempo, daquilo que é passado, presente e o futuro. O momento presente é o que tem para ser considerado o que sai da boca, o governo do próprio corpo, o recato, a pureza e a intensidade dos atos. O passado, visto como o que fica de memória dos hábitos adquiridos, daquilo que precedeu e o futuro a possibilidade de se realizar com prudência, justiça, moderação e coragem as ações.

Para Ambrósio o exercício do dever possui diferentes caminhos, todos eles embutidos desta conservação de hábitos e a observação de determinadas regras. Porém, a finalidade é que o clérigo aplique suas características específicas para fazer o bem e evitar o mal. Neste sentido, o propósito da criação de um pode ser o canto, outro o trabalho como exorcistas, alguns têm como característica a solícitude, há aqueles que são bons leitores e cada um pode escolher o que melhor lhe convir. Entretanto, é bom ter em mente que suas qualidades no exercício do dever precisam

⁵⁵. But first comes that which I may call the foundation of all, namely, that our passions should obey our reason. The second and third are really the same—moderation in either case. There is room with us for the survey of a pleasing form, which is accounted beauty, and the consideration of dignity. Next follows the consideration of the order and the timing of things. These, then, are the three points, and we must see whether we can show them in perfection in any one of the saints (Ambrose, B I, §106).

apontar um futuro. A ocupação que cada clérigo possui se adequa ao local onde ele está, sua idade, se é jovem ou velho, são coisas que cada um deve olhar para e a partir desse olhar construir e realizar suas tarefas.

Segundo Ambrósio, a realização dessas tarefas deveria ser feita mediante uma fala agradável, com boas maneiras para que aquele que escutasse ouvisse como se fosse muito suave e prazeroso. Esses modos seriam demonstrados perante amigos e cidadãos comuns. Presenciamos então um legado que é deixado por intermédio do ensino. Logo, a existência do homem ao longo do tempo deixa suas marcas. Essas marcas deixadas pelos homens ocorrem porque eles estão participando deste movimento que envolve o uso do intelecto e que considera a razão como fonte primária para a consciência do conhecimento.

No caso de Ambrósio e Agostinho o cristianismo é a fonte para que exista uma causa de reflexão. O homem deveria ter o propósito de meditação das sagradas escrituras e por intermédio destas se aperfeiçoar para o conhecimento da sua totalidade. A dignidade da existência perpassaria ao exame da ordem das coisas, suas finalidades para chegar a um espaço de expectativa de demonstração do aperfeiçoamento. Isso ocorreria diante da observação do movimento dos tempos, do passado, presente e futuro. De acordo com Agostinho, “lembraça presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras” (*Confissões*, L XI, c.20, §26).

O ensino, portanto, dependeria desta observação reflexiva, motivada pelo tempo e feito por homens moderados em suas paixões capazes de dominar a arte da fala. A conexão feita pelo bispo de Milão no livro I, *Deveres dos clérigos* sugere que as ações do dever necessitam ser realizadas por uma determinada ordem de moderação da fala e dos desejos para que o dever se conecte as virtudes. Essa moderação das paixões alcançaria o desenvolvimento da prudência que de acordo com ele é o exercício da procura da verdade e que leva ao profundo conhecimento; da justiça que busca os direitos de todos em detrimento da própria vantagem; da coragem que se destaca tanto em tempos de guerra, quanto no cotidiano pela grandeza de espírito e força do corpo e por último a moderação que preserva aquilo que é correto e a ordem que todas as coisas devem tomar (Ambrósio, L I, § 115).

4.2. Contextualização o ensino de Ambrósio de Milão com a *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia

Florencio Hubeňak (2000), cientista político e historiador, descreve em seu artigo a respeito de religião e política em Ambrósio, que a partir da consagração o bispo passou a dedicar-se ao estudo das escrituras e dos Pais da Igreja. Dessa maneira, para Hubeňak, ele trouxe para as suas reflexões as influências do pensamento grego e incorporou seus conhecimentos humanísticos. De acordo com o cientista político e historiador, o bispo, demonstrou em seus escritos o caráter moral e dogmático de suas obras, seguido da sua ótima retórica. Na verdade, ele fazia a defesa dos interesses eclesiais, frente aos poderes da época.

Ambrósio de Milão exerceu inspiração sobre o governo de Graciano no Ocidente a ponto do imperador descartar a neutralidade e assumir a marca das ideias cristãs para sua governabilidade. A Igreja do ocidente passou a ter o império como instrumento de seus interesses. Ambrósio de Milão que era contra a doutrina pagã e o contra o arianismo defendeu de forma veemente a doutrina da trindade e conseguiu com que Graciano colocasse o aparato do Estado em favor da Igreja (Teja, 1991).

Na verdade, Ambrósio de Milão soube transitar nas diversas cortes diante de jogos diplomáticos, soube se converter em árbitro da política da sua época e uma das pessoas mais influentes do Império, levando a frente seu debate contra o paganismo e o arianismo e a favor da trindade. Na verdade, seus argumentos pressupunham que o cristianismo trinitário era o único possuidor da verdade divina e o único que o poder político deveria aprovar e seguir (Teja, 1991).

Neste tópico não discutiremos esse mérito político religioso de Ambrósio. Porém, faremos uma contextualização do seu caráter de ensino com os escritos de outro autor. Uma das obras dos Padres da Igreja que trouxemos para trabalhar com a discussão feita por Ambrósio de Milão, no *Deveres dos clérigos* é a *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia (270 -339/340). Conforme prefácio de seu livro, *História Eclesiástica*, é possível saber a data de nascimento dele, porque em sua obra há uma referência a narrativa da perseguição dos cristãos sob Valeriano (258 – 260) como algo do passado e acontecimentos contemporâneos. Não se tem a ideia de onde ele nasceu, porém, sabe-se que passou boa parte da sua vida na Cesareia, cidade romana da Palestina.

Devemos considerar que as ideias de Ambrósio têm uma razão de ser. Da mesma forma, elas estavam asseguradas por seus antecessores a ele, como, por exemplo, Eusébio de Cesareia, conhecido como pai da história eclesiástica. Ele seria um dos principais nomes do Concílio de Nicéia. No que diz respeito a doutrina cristológica, ele foi simpatizante e partidário do arianismo e amigo de Ário, inclusive destituído de suas funções por ocasião do Sínodo de Antioquia (323-324), por ter se recusado a aderir à fórmula da fé trinitária que condenava o arianismo. No entanto, no Concílio de Nicéia podemos observar que ele mantém distância de Ário e propõe um símbolo de fé conciliatório, que contudo não foi aceito. Entretanto, seu símbolo serve de base para a criação do credo da própria Igreja:

Cremos em um só Deus, Pai onipotente, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um só Senhor Jesus Cristo, Verbo de Deus, Deus de Deus, Luz de Luz, Vida de Vida, Filho unigênito, primogênito de toda a criação, por quem foram feitas todas as coisas; o qual foi feito carne para nossa salvação e viveu entre os homens, e sofreu, e ressuscitou ao terceiro dia, e subiu ao Pai e novamente virá em glória para julgar os vivos e os mortos; cremos também em um só Espírito santo (*História Eclesiástica*, ?, p.13).

O que observamos de Ambrósio de Milão é uma ferrenha defesa deste credo Niceno. Eusébio de Cesareia escreveu a parte de “consustancial ao Pai” para não desagradar aos bispos presentes no concílio de Nicéia. Na verdade, o autor buscava uma posição mediadora entre o arianismo e a consustancialidade que unificaria a discussão dogmática entre os Pais da Igreja. Outra característica do autor, reside no fato dele ter vivido num momento de intensas mudanças políticas e debates religiosos. Estes seriam os motivos que seus estudos tenham sido elaborados no sentido de fixar o modelo de teologia cristã e reconhecer o cristianismo como parte integrante da estrutura social do império (Medeiros, 2012). Como escritor da *História Eclesiástica*, sua proposta foi escrever sobre os santos apóstolos e sobre as Sagradas Escrituras e o que se sobressaiu dos registros históricos e dos governos de cada geração:

É meu propósito consignar as sucessões dos santos apóstolos e os tempos transcorridos desde nosso Salvador até nós; o número e a magnitude dos feitos registrados pela história eclesiástica e o número dos que nela se sobressaíram no governo e presidência das igrejas mais ilustres, assim como o número daqueles que em cada geração, de viva voz ou por escrito, foram os embaixadores da palavra de Deus; e também quantos, quais e quando, absorvidos pelo erro e levando ao extremo suas fantasias, proclamaram publicamente a si mesmos introdutores de um mal-chamado saber e devastaram sem piedade, como lobos cruéis, o rebanho de Cristo; e mais, inclusive as

desventuras que se abateram sobre toda a nação judia depois que concluíram sua conspiração contra nosso Salvador, assim como também o número, o caráter e o tempo dos ataques dos pagãos contra a divina doutrina, e a grandeza de quantos por ela, segundo a ocasião, enfrentaram o combate em sangrenta tortura; também os martírios de nosso próprio tempo e a proteção benévola e propícia de nosso Salvador. Ao empreender a obra não tomarei outro ponto de partida que o princípio dos desígnios de nosso Salvador e Senhor Jesus, o Cristo de Deus (*História Eclesiástica*, 2002, p.13).

A formação teológica de Eusébio de Cesareia foi baseada nos estudos de Orígenes (185-253), o qual também influenciou Ambrósio de Milão. Sobre Orígenes, na *História Eclesiástica*, o autor escreve que se exercitou desde menino nas sagradas escrituras antes mesmos de ocupar-se das disciplinas helênicas. Trazia memorizado os textos sagrados e fazia relações entre eles. Segue descrição feita por Eusébio de Cesareia a respeito de Orígenes:

Mas Orígenes, que por necessidade estava habitualmente com ele, já desde aquela idade dava provas claras de sua ortodoxia na fé, pois ainda que uma multidão incontável, não apenas de hereges, mas também dos nossos, se reunia junto à Paulo (assim se chamava o homem), porque lhes parecia eloquente, jamais se conseguiu que o acompanhasse na oração, guardando desde menino a regra de Igreja e abominando - como diz textualmente sobre si mesmo em alguma parte - os ensinamentos das heresias. Previamente iniciado por seu pai nas disciplinas dos gregos, depois da morte deste entregou-se por inteiro com maior zelo ao estudo das letras, de forma que, não muito depois da morte do pai, tinha já uma preparação suficiente em conhecimentos gramaticais. Com sua entrega a estes estudos procurava em abundância - para sua idade - o que era necessário (*História Eclesiástica*, L VI, cap. II, §14 e 15).

Observamos então a formação pedagógica desses Pais da Igreja, que se dedicaram tanto ao estudo dos filósofos gregos, quanto ao estudo das escrituras sagradas no intuito de ensinar ao outro e dar continuidade a uma memória cristã. Políbios escreveu que “nenhum outro corretivo é mais eficaz para os homens do que o conhecimento do passado” (Políbios, LI, §1). Certamente, os Pais da Igreja entenderam desta máxima do historiador porque deixaram em seus escritos o ensino para as gerações seguintes.

Ainda sobre Orígenes, Eusébio de Cesareia descreve que ele ensinou a doutrina catequética mesmo sendo perseguido e assistia aos mártires que eram conduzidos a morte. Isto pode estar relacionado com aquilo que Hadot (2014a) explica sobre o cristianismo ser antes de tudo um modo de ser e uma filosofia de vida e uma maneira de viver segundo a razão, ou seja, podemos observar que ao ser posto à

frente de uma escola catequética, Orígenes assume seu compromisso com a palavra da encarnação divina e a ideia da educação do gênero humano por meio da revelação dessa encarnação do divino.

Orígenes ia completar dezoito anos quando foi posto à frente da escola catequética, momento em que, sob a perseguição do governador de Alexandria Aquila, realizava grandes progressos. Foi então também que seu nome se fez famoso entre todos a quem movia a fé, pela acolhida e solicitude que mostrava para com todos os santos mártires conhecidos e desconhecidos. Com efeito, não somente os assistia quando estavam no cárcere e quando eram julgados, até a sentença final, mas também depois desta, quando os santos mártires eram conduzidos à morte, com extrema ousadia e expondo-se aos mesmos perigos. Tanto é que muitas vezes, por aproximar-se resolutamente e atrever-se a saudar os mártires com um beijo, faltou pouco para que a plebe de pagãos que estava em redor, enfurecida, o apedrejasse, mas a cada vez, com a ajuda da destra divina, escapou milagrosamente (*História Eclesiástica*, L VI, cap. III, § 3 e 4).

Ora, este é um exemplo de como o autor estava ligado a uma ética religiosa observada no caráter de Cristo, desde a sua morte e na sua pessoa divina, trata-se de um reconhecimento de uma conduta para os homens no começo da Igreja que faz com que perpetue o ensinamento pedagógico da espiritualidade cristã.

E tão cuidadosa era a investigação que Orígenes fazia das palavras divinas, que até aprendeu a língua hebraica, comprou as Escrituras originais, conservadas entre os judeus com os próprios caracteres hebreus, e seguiu a pista das edições de outros tradutores das Sagradas Escrituras, além dos Setenta. Além das traduções trilhadas e alternantes de Aquila, de Simaco e de Teodocio, descobriu outras que, após seguir-lhes o rastro, tirou à luz, não sei de que esconderijos, onde se ocultavam desde antigamente. (*História Eclesiástica*, L VI, cap. XVI, § 1).

Podemos ressaltar aqui por meio das duas últimas citações diretas que há uma manutenção da memória e dos hábitos que compunham a espiritualidade cristã, que naquele momento estava revestida de princípios da filosofia helênica, do estudo da retórica e pelas práticas espirituais. Hadot (2014a) postula que os filósofos da antiguidade estavam preocupados com o exercício do exame de consciência e da vontade e que, por outro lado o cristianismo, visto enquanto filosofia, entendia que o pensamento só poderia incorrer na razão se estivesse conforme a ideia do divino. O exercício da mente está ligado à arte da palavra que constrói um conjunto de informações que permitem a apreensão da memória, desse modo o cristianismo operou como instrumento que permitiu a manutenção da memória litúrgica, das

alegorias dos textos das sagradas escrituras e um lembrete de que a Igreja serviu, posteriormente, de amálgama da continuidade da civilização na Antiguidade Tardia.

Observamos nos escritos dos autores considerados Pais da Igreja, uma defesa da moral e o desprezo pelos prazeres do mundo, significa dizer que, para a filosofia cristã antiga:

O homem “desperto” está, sem cessar, perfeitamente consciente não somente do que faz, mas do que é, de seu lugar no cosmos e de sua relação com Deus. Essa consciência de si é, primeiramente, uma consciência moral, ela busca realizar a cada instante uma purificação e uma retificação da intenção: ela vela a cada instante para não admitir nenhum outro motivo para a ação exceto fazer o bem. Essa consciência de si, porém, não é somente uma consciência moral, ela é também uma consciência cósmica: o homem “atencioso” vive sem cessar na presença de Deus na “lembração de Deus”, consentindo com alegria à vontade da razão universal e vendo todas as coisas com o olhar do próprio Deus. (Hadot, 2014a, p. 73).

Por ser assim, a Igreja conseguiu fazer a manutenção da civilização com um caráter pedagógico, porque seu poder reinou sobre a ordem social e espiritual na Antiguidade por ser estável. E, muito embora império e Igreja fossem instituições distintas alinhavam-se em determinados momentos para o bem comum (Guizot, 1992). Desta forma, ser cristão era aderir a certas verdades da fé, partilhar crenças, admitir mesmas ideias. Estas ideias, os sentimentos só poderiam ser comunicados diante do ensino que, por sua vez, moldava a fé e a razão.

Por isso, a continuidade histórica e a verificação do passado eclesiástico são tão importantes, porque movimentam as bases de consolidação do cristianismo que passou a deter o cargo de ensino e correção para o bom andamento dos homens, no sentido mesmo de evitar a destruição do povo. Mesmo Eusébio de Cesareia escreve sobre Ambrósio, que viu a importância de Orígenes e seus escritos:

De fato, àqueles que via naturalmente bem dotados iniciava nos conhecimentos filosóficos, dando-lhes geometria, aritmética e as outras disciplinas preliminares, guiando-os pelas seitas existentes entre os filósofos, explicando minuciosamente as obras destes e comentando e examinando cada um; de modo que, inclusive entre os gregos proclamavam-no como grande filósofo. E a muitos, inclusive entre os menos preparados, iniciava nas disciplinas cíclicas, declarando que através delas teriam não pequena capacitação para o exame e preparação das divinas Escrituras; daí que considerasse necessário, sobretudo para si mesmo, o exercício nas disciplinas mundanas e nas filosóficas. (*História Eclesiástica*, L VI, cap. XVIII, § 3 e 4).

Vemos então como o caráter de ensino é caro para estes autores que se inspiraram na introspecção da natureza humana e em como deveria ser a convivência da sociedade mediante a sustentação da instituição cristã, que segundo uma interpretação de Durkheim (1982) corrobora como matéria prima da nossa civilização, essencialmente por intermédio do ensino. Referente a isso escreve Ambrósio a respeito de seu livro sobre os *Deveres dos clérigos*, que, deve-se seguir os exemplos dos antigos porque eles são como espelho de virtude da existência dos cristãos e aponta a direção de uma vida virtuosa.

Evitamos o que é artificial e apresentamos os exemplos dos antigos. Estas certamente não nos oferecem nenhuma incerteza quanto à nossa compreensão e não nos dão espaço para pela sutileza em nossa discussão sobre eles. Que a vida dos pais seja para nós um espelho de virtude, não uma mera coleção de atos astutos e inteligentes. Mostremos reverência ao segui-los, não apenas inteligência em discuti-los. (Ambrósio, L I, §116, tradução nossa).⁵⁶

Assim, distinguimos uma aproximação entre Eusébio de Cesareia e Ambrósio de Milão, porque ambos possuem a mesma missão, ou seja, ensinar e zelar pela manutenção da memória coletiva e individual, fazendo com que as ideias do cristianismo sobressaíssem. Trata-se de um esforço histórico para que os eclesiásticos, seus escritos e materiais estejam reunidos em obras que sirvam de interesse a continuidade da civilização ocidental. Ambos, preocupados com os rumos do cristianismo, compreenderam a necessidade de relatar em suas obras os dogmas e princípios de uma existência baseados na filosofia cristã.

4.3. O que podemos apreender entre a obra de Clemente de Alexandria, O Pedagogo e o Ofício dos clérigos de Ambrósio de Milão

Demonstrar a complexidade da mensagem cristã é algo que tem sido experimentado desde o século I com os padres apostólicos, com os padres apologistas do século II e com o momento conhecido como patrística a partir do século III d.C. A mensagem evangélica traz discussões desde os problemas textuais,

⁵⁶ We have avoided what is artificial, and have put forward the examples of the fathers of old. These certainly offer us no uncertainty as regards our understanding them, and give us no room for subtlety in our discussion of them. Let the life of the fathers, then, be for us a mirror of virtue, not a mere collection of shrewd and clever acts. Let us show reverence in following them, not mere cleverness in discussing them. (Ambrose, B I, §116).

problemas de coerência ao grande problema da trindade e a fixação do dogma trinitário que ocorreu por ocasião do Concílio de Nicéia em 325 (Reale; Antiseri, 2003).

Ao nos referirmos à trindade expressamos um problema da natureza divina diretamente relacionado ao modo de ser e às funções de um Deus único que ao longo da história eclesial, foi tratado por estes autores considerados como Pais da Igreja. Encontraremos nos escritos de Ambrósio de forma contumaz a defesa da trindade, com ênfase na doutrina da encarnação, ressaltando a autoridade de Cristo como filho de Deus. Dessa forma, podemos compreender que o significado da ideia de homem está centrado na natureza humana e divina de Cristo que desempenha um modelo a ser seguido.

Entendemos estas relações e contextos existentes no cristianismo ao considerarmos a história e realizarmos associações entre escritos e fatos. Seja para compreendermos melhor como se desenvolveu as civilizações, seja para entender como se relacionam os homens em períodos distintos. Para tanto, consideramos a história em sua totalidade para compreender as semelhanças e afinidades entre os escritores e a defesa de suas ideias. Políbios escreveu que:

As Histórias parciais, portanto contribuem muito pouco para o conhecimento do todo e para formar uma convicção quanto à sua veracidade; somente pelo estudo de todas as particularidades, semelhanças e diferenças ficamos capacitados a fazer uma apreciação geral, e assim tirar ao mesmo tempo proveito e prazer da História (Políbios, L I, §4).

Nesse sentido, para compreendermos as discussões ambrosianas, devemos saber um pouco sobre suas influências literárias. Além disso, a leitura sobre os autores que influenciaram Ambrósio pode nos fazer enxergar as diferenças e semelhanças existentes entre eles para que tenhamos uma visão mais elaborada do todo. Dito isso, no tópico anterior discutimos sobre a importância da *História Eclesiástica* escrita por Eusébio de Cesareia e principalmente as ideias de Orígenes para a formação de Ambrósio. Neste, abordaremos as questões de caráter pedagógico da formação do homem cristão para Clemente de Alexandria e Ambrósio de Milão. Estes dois autores estão preocupados em fixar os escritos sagrados na mente dos homens e garantir a credibilidade para o cristianismo.

Começamos apresentando Clemente de Alexandria ou Tito Flávio Clemente (? – 215), um dos grandes nomes tradicionais da teologia cristã. É provável ter nascido em Atenas, em meados do século II e após sua conversão ao cristianismo percorreu

a Grécia, a Ásia Menor e a Palestina. Sabe-se que ele estudou com uma diversidade de professores até chegar em Panteno, Alexandria. Quando seu mentor faleceu, ele assumiu a direção da escola catequética, como herdeiro dos filósofos gregos seria um dos primeiros teólogos a discutir sobre fé e razão no cristianismo, (Menezes; França, 2021).

Para a compreensão da obra de Clemente de Alexandria, *O Pedagogo*, devemos primeiro considerar o que ele traz logo de início sobre como as ações dos homens devem ser consideradas por meio dos hábitos, das ações e das paixões. Ou seja, segundo o autor, os hábitos é que levam a exortação, e a exortação seria guiada pela religião e pela piedade que efetivamente introduziria a fé. Seria então, a exortação, o caminho para a procura da salvação e a religião, a exortação e o culto piedoso mediante a instrução e a procura de uma vida correta (*O Pedagogo*, L I, p.3). A figura do pedagogo é o Cristo, que o autor qualifica como aquele que cura as paixões desde que siga seus ensinamentos. Desta forma temos que:

Quando se considera a palavra em relação às ações, ao invés das relações para com a disciplina e os preceitos, e mais na intenção de tornar a alma melhor do que apenas instruí-la, então damos ao discurso o nome de exortação – embora noutros casos possa ser usado como instrução, pois afinal o discurso que se emprega para a explicação dos preceitos é também instrutivo Quando o Pedagogo se utiliza das regras morais e exorta o discípulo a cumprir todos os seus deveres em relação a elas, está a dar lições práticas: além de explicá-las, expõe-se vivamente, e de forma bem natural, todas as faltas cometidas pelos discípulos (*O Pedagogo*, L I, p.3 e 4).

Sendo assim, o pedagogo seria responsável por exortar a respeito dos vícios e estimular a prática das virtudes, este seria seu ofício. O estímulo a prática das virtudes levaria ao conhecimento e o conhecimento seria o remédio contra os vícios e paixões humanas, despertando nos homens o amor pela bondade, a busca da fé e o entendimento da doutrina cristã. Desta maneira, se os homens estivessem sob o preparo e o direcionamento do bom pedagogo, estariam preparados para realizar o bem.

No nosso entendimento, essa prática do bem estaria relacionada em manter-se longe da ignorância que obliteraria a razão, pensando no discurso feito pelo autor sobre o caráter da salvação que teria na pessoa do Filho a possibilidade da cura da alma. Essa cura da alma estaria relacionada com a sabedoria, que por sua vez está representada pelo Verbo (filho), pelo pai criador (Deus) e considerado pelos autores

cristãos como redentor. Seria, inclusive, o que aparece no credo Niceno: “Cremos em um só Deus, Pai onipotente, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um só Senhor Jesus Cristo, Verbo de Deus, Deus de Deus, Luz de Luz, Vida de Vida” (*História Eclesiástica*, ?, p. 3).

A validação de Cristo como professor, instrutor e meio pelo qual os homens alcançariam sua libertação também pode ser encontrada nos escritos de Ambrósio de Milão, no *Deveres dos Clérigos*. Conforme o autor, devido ao exemplo de Cristo que ensinou, os clérigos não poderiam escapar desse ofício do ensino:

Pois não podemos mais escapar do dever de ensinar porque as necessidades do sacerdócio nos foi imposto, embora tentássemos evitá-lo: “Porque alguns Deus deram, apóstolos; e alguns, profetas; e alguns, evangelistas; e alguns, pastores e professores.” (Ambrósio, L I, § 2, tradução nossa)⁵⁷

O autor também esclarece que não somente o fato de seguir o exemplo de Cristo, mas, atentar-se ao fato que ele era o professor capaz de guiar a sabedoria e ao bem “[...] ele claramente se destacou como o professor para instrução em sabedoria, e o guia para obtenção da bem-aventurança” (Ambrósio, LI, §1, tradução nossa)⁵⁸. Nosso intuito, seria demonstrar em como os pais da Igreja se preocuparam em explicar a natureza da divindade como fonte de sabedoria e virtuosidade para os homens e trazer a importância da continuidade das ideias, porque a discussão que observamos em Ambrósio de Milão assemelha-se aquela feita por Clemente de Alexandria “[...] para aperfeiçoar sua obra, deu ao homem a inclinação para o bem, pois tudo o que se observa de bom e virtuoso nas ações humanas é tão somente o efeito da graça de Deus” (*O Pedagogo*, L I, p.6).

O caráter pedagógico de Clemente de Alexandria reside na demonstração da sincronicidade que há entre fé e razão, no qual “O Verbo se fez carne para melhor nos ensinar a prática e a teoria da virtude” (*O Pedagogo*, L I, p.8). A instrução que vem de uma obediência a Deus concede ao homem a possibilidade de ser pastoreado na observância dos mandamentos cristãos e assim alcançar inteligência, sabedoria, caridade e esperança. Dessa forma, o pedagogo possui como finalidade a condução

⁵⁷ For we can no longer now escape from the duty of teaching which the needs of the priesthood have laid upon us, though we tried to avoid it: “For God gave some, apostles; and some, prophets; and some, evangelists; and some, pastors and teachers.” (Ambrose, B I, §2).

⁵⁸ “[...] he has plainly marked himself out as the teacher for instruction in wisdom, and the guide to the attainment of blessedness.” (Ambrose, B I, §1).

e a instrução, objetivando o estudo da virtude e a prática da mesma. O autor escreve que receber a instrução é render-se à luz, obter conhecimento e tornar-se livre:

[...] rendemos a luz, isto é, conhecemos a Deus. E não é imperfeito quem chegou a conhecer o mais perfeito dos seres. Não me recrimineis se vos confesso conhecer a Deus; porque o próprio Verbo disse: “Aquele que conhece a Deus é livre. No instante no qual o Senhor recebia o Batismo, uma voz descia do Céu, e, rendendo testemunho ao amor que Deus trazia consigo, disse: “Este é o meu filho amado, no qual tenho posto toda a minha complacência” (Mat 3, 17). (*O Pedagogo*, L I, p.17).

Sendo assim, podemos compreender que para Clemente de Alexandria a fé leva ao conhecimento e a instrução cristã que recebemos é que conduz os homens a esta fé, a justiça e a bondade. De acordo com Reale e Antiseri (2003), Clemente procurou demonstrar em seus estudos que a fé seria o princípio e o fundamento da filosofia, ou seja, juntamente com a fé a filosofia seria um instrumento válido de defesa da verdade. Ambas auxiliariam no entendimento do conhecimento e seriam essenciais para a interpretação da divindade, no sentido de criação do mundo, sabedoria e salvação. Diante disso, observamos que na obra do *O Pedagogo* a demonstração da fé e da razão é disposta como caráter de formação do indivíduo, principalmente quando o autor afirma o motivo da existência da religião e a função da instrução:

A religião é uma instituição que ensina o culto ao divino e que nos conduz à verdade. É uma regra um método de vida que nos faz chegar ao Céu. A palavra ‘instrução’ (pedagogia) é tomada em muitos sentidos. É a ação daquele que é dirigido e instruído, assim como daquele que dirige e instrui. Essa palavra também é tomada no sentido de conduta e, enfim, das coisas ensinadas, tais como os mandamentos. A instituição divina é uma direção que a própria verdade nos receita, para conduzir-nos à contemplação de Deus. (*O Pedagogo*, L I, p.32).

A formação do homem em Clemente seguiria um modelo de religião, que ele chama Igreja, para alcançar: a virtude da justiça, do bom governo, da inteligência, da caridade que os conduziria a verdade e a liberdade do conhecimento: “Ó milagre místico! Há somente um Pai, um verbo, um Espírito Santo, este Deus único que é o Pai de todos os seres e está presente em toda parte. Há somente uma mãe que é virgem, e é a Igreja, a qual eu amo a ponto de honrá-la com o doce nome de mãe” (*O Pedagogo*, L I, p. 26). Fundamentalmente, observa-se a religião como fio condutor para educação do homem. Por norma a palavra do Verbo elucida a vida cristã

mediante exortações, nos atos de bondade, no exame da consciência e no exercício daquilo que se entende por vontade divina.

Após as considerações sobre a obra de Clemente, é possível compreender melhor o caráter pedagógico da obra de Ambrósio. Numa das passagens do livro I, o autor indica que o ofício deve se estabelecer entre ser comum ou perfeito. Ele explica a relação entre comum e perfeito exemplificando que o que considera comum seria a manutenção dos mandamentos: não matar, não adulterar, não dar falso testemunho, honrar pai e mãe, etc. A perfeição residiria na demonstração do amor ao próximo e a Deus (Ambrósio, §36 e §37). O ensino destes princípios para o clero seria permeado da diferenciação que eles deveriam realizar sobre aquilo que é virtuoso e o que é útil. Para o autor, o útil e o virtuoso estaria ligado a moral, a dignidade e a integridade no viver. Da mesma forma, a utilidade e a virtuosidade ao serem escolhidas de forma conveniente colocaria o homem perante as riquezas, os recursos, oportunidades e a capacidade de julgamento correto (Ambrósio, §27).

Temos, portanto um ensinamento do ofício, ou, do dever do exercício da função eclesial vinculado à manutenção de hábitos e regras que corroboram para o bom andamento cotidiano, portanto útil. Em contrapartida, vemos a preocupação com o futuro; porque as escolhas permeadas pela virtude e feitas de forma sábia trariam um bom retorno em termos de riqueza, instrumentalizando os homens a ter oportunidades e acesso a um bom uso do julgamento daquilo que é considerado correto.

O útil e o virtuoso também confrontariam o homem a escolher o que é bom e o que mal. Para que isso ocorresse, efetivamente os homens deveriam buscar o conhecimento do bem falar, de saber a hora propícia de falar ou manter o silêncio que causaria reflexão a respeito da fé e da importância do conhecimento. Deste modo, o caráter pedagógico do bispo de Milão aparece quando ele atua como professor e mostra mediante as escrituras a preocupação da divindade com a humanidade.

Para Clemente o ensino e a instrução da fé e do conhecimento ocorrem por intermédio do Verbo que conduz o homem a sabedoria e ao bem. O principal conceito do bispo de Alexandria seria que o Pedagogo encarnaria o princípio, o meio e o fim. O de guia e salvador do homem que integraria os ensinamentos do Cristo. No caso da discussão de Ambrósio, seguir os princípios da escritura sagrada traria ao homem a capacidade de compreender o caráter de professor que Cristo possui; porque ele ensinou primeiro. Além disso, leva o homem a entender a necessidade de ser virtuoso para poder ser modelo de cristão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como intuito uma reflexão a respeito do pensamento de Ambrósio de Milão e conseqüentemente o que o cristianismo apontava como modelo de homem. Na Antiguidade Tardia, com toda a problemática das mudanças no Império Romano, com o cristianismo tornando-se religião oficial, percebemos no discurso ambrosiano uma tentativa de balizar o cristianismo e oficializar a ideia trina de Deus.

É importante atentarmos para esta necessidade de discurso da Igreja da formação de ministros que soubessem seus deveres e os exercessem com virtudes e longe das paixões e vícios. Percebemos aqui que há uma busca por uma verdade e uma postura dogmática em relação a essa verdade. No entanto, historicamente, sabemos que o cristianismo não foi a única via pela qual a sociedade se desenvolveu e concretizou suas ideias e modo de vida coletiva.

Compreendemos o Tratado de Ambrósio como exclusivamente para a formação dos clérigos e para a formação de um homem cristão. No entanto, podemos apreender nele a importância da permanência das virtudes e o exercício de deveres como ponto fundamental para o êxito da vida no coletivo e do aprendizado.

Na introdução da dissertação foi explicitado o objetivo, que foi tratar a respeito do Livro I de Ambrósio considerando os apetites da alma, a razão, aquilo que era útil e perfeito. Nosso estudo concentrou-se na distinção do papel dos ministros (presbíteros, diáconos e bispos) como educadores. As questões foram postas no sentido de compreender o papel do cristianismo no século IV. Consideramos a figura do bispo Ambrósio de Milão (339-397) como educador e ministro do evangelho cristão.

Nesta reflexão tivemos como prerrogativa que o período conhecido como Antiguidade Tardia; entre os séculos II e VIII, no qual a sociedade romana conviveu com os bárbaros (godos, visigodos); descortinou-se num cenário político e religioso em que os poderes tinham a intenção de clarificar que assim como os padres da Igreja, os imperadores também teriam sido escolhidos por Deus. Sendo assim, de um lado estaria o poder concedido pela aristocracia imperial romana e de outro lado, o poder dado pela benevolência do sagrado, seja de deuses pagãos ou do Deus cristão. O paganismo e o cristianismo na Antiguidade Tardia seriam esferas difusas e multifacetadas. Não haveria um mundo só cristão e um não só cristão. Mas, as leis promovidas pelo Império Romano e a propagação da fé cristã deu espaço para que a

discussão torna-se dual. Nem todas as cidades, por exemplo, aceitavam o cristianismo de forma pacífica. Em Antioquia, houve muitas dissidências por causa da diversidade religiosa.

Outro fator de relevância foi observar como os cristãos eram ensinados, considerando a alegoria como uma forma de compreensão do porquê um ser divino pode ser de espécie humana. Isso nos remete a discussão da Trindade, a doutrina da encarnação na qual o filho divino se torna homem e habita entre os homens e o espírito santo é a consciência dos homens em relação ao sagrado.

O propósito da dissertação foi destacar a figura de Ambrósio e analisar o que ele considerava como dever e virtude. Sendo assim, salientamos que para ele os deveres seria tudo aquilo que fosse útil e perfeito. A virtude, por sua vez residiria na postura dos clérigos ao demonstrar em suas vidas o exercício da prudência, da justiça, da coragem e da moderação. Além disso, realizamos uma reflexão entre os Tratados de Ambrósio e de Cícero. Trouxemos as ideias centrais de Ambrósio e de Orígenes na obra *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesareia. A noção de tempo de Agostinho de Hipona e o ensino em Ambrósio de Milão. A ideia de ensino no *Pedagogo* de Clemente de Alexandria. Tudo isso, para relacionar com a hipótese de que havia um projeto educativo nos escritos de Ambrósio de Milão para os homens cristãos do século IV.

Ao longo de nossa discussão observamos que há uma argumentação, ambrosiana, sobre a virtude pautada no conceito que Platão e Aristóteles possuía dela. Dessa forma, vemos que os filósofos entendem a virtude como a mediania que os homens devem ter para exercitar aquilo que é correto. E o dever de acordo com a discussão de Cícero que se trataria do que é útil e honesto.

Considerando o debate que Ambrósio de Milão faz sobre as virtudes e os deveres, vimos que ele somente é capaz de exercer estas conexões devido ao seu aprendizado anterior dos filósofos gregos e latinos. Percebemos a influência platônica e neoplatônica em suas arguições. Para ele, a virtude cristã somente seria possível observando a moderação, o dever de ser útil e perfeito para com o outro e a manutenção do silêncio, resguardando a boca de falar o desnecessário. O autor trouxe na sua obra os exemplos dos personagens bíblicos como Abraão, Moisés, Davi e Jó expressando que os mesmos referiam-se as virtudes, ao silêncio e ao dever muito antes que os filósofos. Mas, entendemos que ele assim escreveu no intuito de salvaguardar o cristianismo. Enxergamos que esta argumentação que o autor levanta

tem a função de formação do outro. Esta formação ocorreria por causa da memória, da disciplina, da prudência, do silêncio e da moderação.

Outra tônica apreendida durante nossa investigação foram as características comuns de ambos os Tratados. Cícero escreveu ao seu filho Marco Túlio para que ele levasse uma vida inclinada a justiça e a diferenciação do bem e do mal. Que ele assim vivesse com retidão e bondade pensando no seu dever de cidadão ao agir integralmente e com justiça. Para Ambrósio, os ministros baseados nos exemplos dos anciões das escrituras sagradas também possuiriam o dever para com a comunidade cristã. Deveriam, portanto agir com responsabilidade, fazendo o bem e se distanciando do mal. Tendo postura na fala, no andar, no agir sempre com gentileza, bondade, justiça e prudência. Dessa maneira, seriam exemplos em sua comunidade eclesial.

Na finalização do trabalho houve uma reflexão sobre o homem e o tempo descrito por Agostinho, que por sua vez escreveu que o tempo para o homem teria o propósito de exercitar a memória daquilo que foi criado por Deus. Agostinho dispõe sobre o tempo que é importante para que o homem seja sábio e contemple com seu intelecto as profundidades da sabedoria. Neste sentido, apreendemos que por intermédio do tempo e do exercício da memória percebemos o ensino. A lembrança do passado para conectar-se com o presente e construir um projeto futuro.

O projeto pedagógico de Ambrósio de Milão partiu da ideia dos deveres dos ministros em ter decoro, ser gentil, suave e generoso para que o outro pudesse aprender. Vemos que o autor se mostrou à procura por sabedoria que exigiu uma postura dos homens cristãos com a justiça e o dever. Em todo o tempo, fosse de guerra ou paz, o homem deveria viver seu cotidiano com moderação e ordem.

6. REFERÊNCIAS

Fontes Primárias:

AGOSTINHO. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos. Col. Pensadores, 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ALEXANDRIA. Clemente. **O Pedagogo**. Trad. Iara Faria e José Eduardo Câmara de Barros Carneiro. Campinas, SP: Editora Ecclesiae, 2014.

AMBROSE OF MILAN. On the Duties of the Clergy, Book I. *In*: SCHAFF, Philip. **Ambrose: Selected Works and Letters**. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, p. 29-122, 1893.

AMBROSIUS MEDIOLANO. **De Officiis Ministrorum, Liber Primus**. Paris: Edition: J.P. Migne, 1845. Disponível em: http://www.monumenta.ch/latein/verzeichnis4.php?tabelle=Ambrosius&xy=Ambrosius,%20De%20Officiis%20Ministrorum&level=3&nummer=&apparat=&step=&domain=&lang=0&inframe=1&hide_apparatus=1. Acesso em: 27 jul. 2023.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 3ª ed. Trad. Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2009.

BÍBLIA SAGRADA. **A Bíblia do Pão**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1993.

CESAREIA, Eusébio. **História Eclesiástica**. Trad. Wolfgang Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.

_____. **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, Col. Patrística, ?.

CÍCERO, Marco Túlio. Livro I. *In*: CÍCERO, Marco Túlio. **Dos Deveres**. Trad. João Mendes Neto. São Paulo: Edipro, 2019, p.29-82.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 21-51.

MILAN, Paulinus. **The life of Saint Ambrose**. Translate by: Sr Mary Simplicia Kanieca. Christian Roman Empire Series, Vol. 13. Evolution Publishing, NJ, 2019.

POLÍBIOS. **História**. Trad. Mario de Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

PLATÃO. Livro IV. *In*: **A República**. Trad.: J. Guinsburg. vl. 1. Ed.: Difusão Europeia do Livro, SP, 1965, p. 196 – 238.

SÊNECA, L. Aneu. Da tranquilidade da alma. *In*: **Obras**. Trad. G.D. Leoni. São Paulo: Atena Editora, 1955, p. 79-119.

Fontes Secundárias:

ALTANER, Berthold. **Patrologia**. 4ª ed. Trad. Eusebio Cuevas e Ursinio Domínguez-Del Val. Madrid: Espasa-Calpe, 1956.

ARENDDT, Hannah. Crise na Educação. *In*: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2016, p.221-247.

ARENDDT, Hannah. As atividades espirituais em um mundo de aparências. *In*: _____. **A vida do espírito**. 8ª ed. Trad. Cesar Augusto R. Almeida *et al.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. Col. Debates: História, Editora Perspectiva, 1969.

BROWN, Peter. **O fim do mundo clássico**: de Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

CATECISMO CATÓLICO. **Os sacramentos da iniciação cristã**. cap. 1º, §1212. Disponível em:
http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap1_1210-1419_po.html. Acesso em: 15 fev.2021.

FRIGHETTO, Renan. **Antiguidade Tardia: Roma e as Monarquias Romano-Bárbaras numa época de transformações**. Curitiba: Juruá, 2012.

GILL, Christopher. A escola no período imperial romano. *In*: INWOOD, Brad (org.). **Os estoicos**. Trad. Raul Filker. São Paulo: Odysseus Editora, 2006, p.35-63.

GRIMAL, Pierre. O fim do Império. *In*: **O império romano**. Lisboa: Edições 70, 1993. p.137 – 147.

GUERRAS, Maria Sonsoles. O imperador Teodósio e a cristianização do Império. **Clássica**: Revista Brasileira de Estudos Clássicos. Belo Horizonte, Supl. 1, 1992, p.155-160.

GUIZOT, François. Terceira lição: o Estado da sociedade religiosa no século V. *In*: _____ . **Apontamentos 77**. Trad.: Terezinha Oliveira e Claudinei Magno Magre Mendes. Maringá: EDUEM, 1992. p.6 - 30.

_____. Quarta lição. *In*: GUIZOT, François. **História da civilização na Europa**. 2 ed. Lisboa: Oficinas tipográficas. Col. Antonio M^a Pereira, 1907.

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. 1^a ed. Trad. Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014a.

_____. **O que é a Filosofia Antiga?** 6^a ed. São Paulo: Loyola, 2014b.

Hubeňak, F. Religião y política en Ambrosio de Milán [en línea]. **Revista Española de Derecho Canónico**. 2000, 57(149) Disponible en:
<https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/3138>. Acesso em: 11 nov. 2023.

INWOOD, Brad. Estoicismo, uma odisséia intelectual. *In*: INWOOD, Brad (org.). **Os estoicos**. Trad. Raul Filker. São Paulo: Odysseus Editora, 2006, p.1-5.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7^a ed. Trad. Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: UNICAMP, 2013, p. 485-492.

_____. A instalação dos bárbaros (séculos V ao VII). *In*: LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente Medieval**. Tradução José Rivair de Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2005. Coleção História. p. 19 – 42.

MAMEDES, Kelly Cristina. O império romano e o poder da igreja cristã: bispos e homens santos, e a atuação política nas cortes imperiais do IV ao VI século. **Veredas da História**, [online], v. 12, n. 2, p. 64-89, dez., 2019.

MATTEI, Paul. Cristo como fundamento principal da teologia e experiência espiritual de Ambrósio de Milão. **Boletim do PSTGU**. Série I: Teologia. Filosofia Estudos religiosos. v. 80. p. 11-25, 2018.

MCLYNN, Neil B. **Ambrose of Milan: Church and Court in a Christian Capital**. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 2014.

MEDEIROS, Edalaura B. Ser cristão no século IV: identidade em História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia. **Dissertação** (Mestrado em História). Instituto de Ciência Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 97f., 2012.

MENEZES, Edmilson; FRANÇA, Maria Lenilda C. *O Pedagogo*, de Clemente de Alexandria: traços singulares da educação cristã no mundo antigo. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 46, p. 252-274, JUL./SET | 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2178-26792021000300252&script=sci_arttext. Acesso em: 15 fev. 2024.

NASCIMENTO. Dax F. M. P.e MARCONDES. Danilo. Fílon de Alexandria e a tradição filosófica. **Metavóia**. São João del-Rei, n. 5, p.55-80, jul. 2003. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/lable/revistametanoia_material_revisto/revista05/texto05_filondealexandria_tradicaofilosofica.pdf. Acesso em 22 abril 2024.

NESTEROVA, O. E. A Experiência de Adaptação do Ensino de Orígenes nos Três Sentidos da Escritura nas composições das homílias de St. Ambrósio de Milão. **Boletim de PSTGU** Série III: Filologia. v. 29, n.3, p. 18 – 31, 2012.

NETO, Helmut S. O Edito de Milão e o princípio da liberdade religiosa. **Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo**, p. 160-183, 2011. Disponível em: <https://revistas.direitosbc.br/article/download/PDF>. Acesso em: 24 abril 2024.

NETO, Ivan Vieira. Filosofia, religião e misticismo na Antiguidade Tardia: Plotino, Porfírio e Jâmblico e as diferentes nuances do neoplatonismo. **Revista Archai** [en linea]. 2010, (5), 129-135[fecha de Consulta 22 de Julio de 2024]. ISSN: Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=586161962013>

NETO, João Mendes. Sobre a obra. *In*: CÍCERO, Marco Túlio. **Dos Deveres**. Trad. João Mendes Neto. São Paulo: Edipro, 2019, p. 7-9.

NUNES, Ruy A.C. A educação e as escolas no período patrístico. *In*: **História da Educação na Antiguidade Cristã**. 2ª ed. Campinas: São Paulo, CEDET, 2018, p. 23-53.

PIEPER, Josef. **The Christian Idea of Man**. St. Augustine's Press: South Bend, Indiana, 2011.

_____. Tradição, teologia e filosofia. *In*: PIEPER, Josef. **Que é filosofar?** 2ª ed. Trad. Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 55-69.

POHLMANN, J. F. Concílio de Aquileia de 381: propagação da fé nicena e da unidade imperial pela pena de Ambrósio, bispo de Milão. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 18, n. Topoi (Rio J.), 2017 18(34), p. 116–136, jan. 2017.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia 2: Patrística e Escolástica**. São Paulo: Paulus, 2003.

SEDLEY, David. A escola de Zenon a Ário Dídimos. *In*: INWOOD, Brad (org.). **Os estoicos**. Trad. Raul Filker. São Paulo: Odysseus Editora, 2006, p.7-34.

SILVA, Gilvan Ventura. A cristianização e seus limites: o caso de Antioquia na Antiguidade Tardia. **Revista Territórios & Fronteiras**. Cuiabá, vol.6, n.1, jan.- jun., 2013, p. 32 - 49.

TANNER, Norman P. **Decrees of the Ecumenical Councils: Nicaea I to Lateran V**. London, Whashington: Sheed & Ward and Georgetown University, 1990.

TEJA, Ramón. La época de los Valentinianos y Teodósio. *In*: MANJARRES, Julio Manga. **História del mundo antigo: Roma**. Madrid: España, Ediciones Akal, 1991, p.7-63.

THORNTON, D.D. **St Ambrose: his life, times, and teaching**. New York: Pott, Young & Co, 1879.